



UNIVERSIDADE HUMANAS FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARIA DE FÁTIMA SOUZA SILVA

***ROMA LOCUTA...: O CONCILIO VATICANO II N'A CRUZADA
(1962- 1965)***

São Cristóvão
Abril de 2017

MARIA DE FÁTIMA SOUZA SILVA

ROMA LOCUTA...: O CONCILIO VATICANO II N'A CRUZADA
(1962- 1965)

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa, sob orientação do Prof. Dr. Francisco José Alves, do departamento de História, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

São Cristóvão
Abril de 2017

RESUMO

Esta monografia edita e comenta sessenta e cinco matérias sobre o concílio ecumênico Vaticano II (1962-1965) publicadas no jornal católico sergipano *A Cruzada*. As matérias são de natureza diversa: vinte quatro notícias, dezoito notas, doze crônicas, cinco entrevistas, três reportagens, dois editoriais. O trabalho é composto de duas partes básicas. Uma introdução, que apresenta as matérias destacando os temas mais recorrentes, e fornece uma pequena biografia dos autores. A introdução também destaca a importância do material para a pesquisa histórica e elenca possíveis usos do material em pesquisas. A segunda parte é a reprodução literal das matérias.

Palavras chaves: Concilio Vaticano II; Sergipe; Igreja Católica; A Cruzada (Jornal)

AGRADECIMENTOS

Após muito esforço a tão aguardada monografia foi concluída. Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por estar comigo até quando as minhas tempestades não pareciam ter fim.

Ao meu pai, Miguel Pereira da Silva, pelas broncas e cobranças para que terminasse este trabalho.

A minha mãe Odete Dias de Souza, por me acalmar e compartilhar a minha felicidade de ver que tudo estava indo bem.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco José Alves, pela paciência e os conselhos que levarei para toda a minha vida. Tenho certeza que sem o senhor não conseguiria.

Ao Padre Cleberton Lima de Andrade, os meus sinceros agradecimentos pela sugestão do tema, a consultoria e a amizade.

Ao meu amigo e colega de curso Denisson Abreu Teles, por toda a sua ajuda, seja no empréstimo do orientador até o papel de editor chefe dos meus e-mails.

Ao meu amigo e colega de perrengue Marcio Apolinário Torres Santiago, por dividir todas as dúvidas, medos e alegrias desse tempo.

A Tania, secretária da Cúria episcopal, por facilitar meu trabalho.

A Danila, por me auxiliar digitando grande parte das fontes.

Ao meu amigo nerd, Hernandson, por me ajudar na digitalização de alguns documentos e sempre me socorrer nos momentos de apuro com o meu computador.

Por fim, a todos os meus irmãos da Comunidade Católica Sagrada Família e em especial ao meu pai- fundador Edvaldo Santos de Oliveira, pelo apoio e compreensão.

Sumário

RESUMO	1
AGRADECIMENTOS	2
INTRODUÇÃO.....	6
O CONCÍLIO VATICANO II N'A <i>CRUZADA</i> (1962- 1965).....	17
Documento 1: Concílio Ecumênico Será Este Ano	18
Documento 2: Concílio À Vista	19
Documento 3: Cardeal Bea Insiste: Concílio Será Benéfico Para A Humanidade Inteira	23
Documento 4: Haverá Ampla Informação Sobre O	25
Concílio E Livre Debate, Declara O Papa João XXIII.....	25
Documento 5: Ecumiencidade De Um Concílio	27
Documento 6: O Concílio Em Marcha Para Sua Realização	31
Documento 7: Cardeal Bea: concílio favorecerá a união	35
Documento 8: Instalando O Concílio Ecumênico Com Discurso Do Papa João XXIII	40
Documento 9: Luteranos e Metodistas Designaram Observadores Ao Concílio	44
Documento 10: Católicos Urugaios Oram Pelo Concílio Ecumênico	45
Documento 11: Aracaju Mobilizada Para Uma “Semana Do Concílio Ecumênico	46
Documento 12: O Papa Fala Ao Mundo	48
Documento 13: A Igreja Em Concílio.....	49
Documento 14: Marca Êxito A Semana De Estudos Do Concílio	52
Documento 15: A Igreja Em Diálogo Com O Mundo	53
Documento 16: O Papa Recomenda: Viver O Concílio E Honrá-Lo Pelo Favor, Discrição E Oração	55
Documento 17: Observações Sobre O Concílio	57
Documento 18: Semana Do Concílio Ecumêncio Em Estância	62

Documento 19: Prof. Cullmann (protestante) fala do Concílio Ecumênico	63
Documento 20: 93 Anos Depois Do Concílio Vaticano I....	67
Documento 21: Os padres e a batina	73
Documento 22: Concílio Definirá O Poder Dos Bispos E Criará Assembléia De Âmbito Mundial.....	76
Documento 23: Padres Do Concílio Ao Longo Da História Da.....	78
Documento 24: Paulo VI Presidirá Segunda Sessão do Concílio	80
Documento 25: O Concílio e o Mundo Atual.....	82
Documento 26: Todo Brasil Participará Do Concílio	85
Vaticano II	85
Documento 27: Paulo VI e os Bispos do mundo inteiro fazem Concílio.....	86
Documento 28: Paulo VI fala na Reabertura do Concílio	87
Documento 29: Protestantismo e Catolicismo	89
Documento 30: O Concílio Recomeça	93
Documento 31: Um Papa Pede Perdão.....	97
Documento 32: A Igreja se interroga sobre si mesma.....	101
Documento 33: O Concílio Por Dentro	106
Documento 34: Panorama Do Concílio.....	109
Documento 35: A Margem Do Concílio	112
Documento 36: Diácono Para A Igreja Virão Em Breve	115
Documento 37: Notas Soltas Sobre O Concílio	116
Documento 38: Concílio À Luz Da Face De Cristo.....	119
Documento 39: As fontes da Renovação da Igreja.....	121
Documento 40: Reforma Litúrgica: Grandes Novidades	126
Documento 41: Notas Do Vaticano.....	129
Documento 42: Retrocesso para o Concílio	131
Documento 43: A nova prece da Igreja	133
Documento 44: Missa Para Os Homens	139

Documento 45: O Diaconato	141
Documento 46: O Exemplo Dos Nossos Bispos	143
Documento 47: A Mariologia no Vaticano	145
Documento 48: Visão do Universo	147
Documento 49: A Margem Do Concílio	149
Documento 50: Paulo VI encerrou a II Sessão Conciliar	152
Documento 51: Progresso religioso e Reforma litúrgica	153
Documento 52: Movimento Ecumênico.....	155
Documento 53: Concílio Ecumênico.....	158
Documento 54: Culto aos sábados	161
Documento 55: Celibato do Clero	164
Documento 56:Reabertura Do Concílio: Dia 14	167
Documento 57:Concilio Vaticano II em sessão final	168
Documento 58: O Concílio Da Esperança.....	170
Documento 59: Concilio debate tema da liberdade religiosa	173
Documento 60: Paulo VI: Posição Da Igreja Com Os Não Cristãos	175
Documento 61: Concílio: Liberdade De Culto.....	176
Documento 62:Vaticano II: Igreja Deve Ser Autenticamente Missionária.....	177
Documento 63: Concilio Vaticano II Chega ao fim.....	178
Documento 64:Episcopando Brasileiro Recomenda Triduo	181
Solene De Orações Ao Encerramento Do Concílio.....	181
Documento 65:Quarta-Feira Encerramento Do Concílio Ecumênico.....	183

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste na recolha e análise das matérias relativas ao concílio ecumênico Vaticano II (1962- 1965) publicadas no jornal católico sergipano *A Cruzada*. A coleção aqui editada é constituída de sessenta e cinco matérias, assim distribuídas: vinte quatro notícias, dezoito notas, treze crônicas, cinco entrevistas, três reportagens, dois editoriais. A coleção dos originais desse periódico pode ser encontrada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), na Biblioteca Pública Epifânio Dórea e na Cúria da Arquidiocese de Aracaju.

As matérias aqui compiladas foram escritas principalmente pelos padres Luciano Duarte, Gilson Garcia e pelo monge beneditino Timóteo Amoroso. Vejamos alguns informes sobre esses autores.

Grande parcela do material aqui compilado é de autoria do Padre Luciano José Cabral Duarte. Ele nasceu em Aracaju aos 21 de janeiro de 1925. É Filho de José Góes Duarte e Célia Cabral. Kursou o primário na Escola de Artífices de Sergipe. Em 1936, com 11 anos de idade, ingressou no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus (Seminário Menor), onde kursou o ginásio e o científico. Em 1942, com 17 anos, Luciano Duarte muda-se para Olinda onde inicia seus estudos em filosofia e teologia. Após três anos (1945), muda-se para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde termina o curso de Teologia. É ordenando padre em 18 de janeiro 1948, com apenas 23 anos. Após ordenação, o Padre Luciano Cabral se torna capelão da igreja de São Salvador (1948). Além de capelão, o jovem sacerdote Luciano Duarte foi designado para a cátedra de Latim e Grego no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, onde começou a lecionar em fevereiro de 1948.

Em 1949, o padre Luciano Duarte recebeu de Dom Fernando Gomes dos Santos algumas incumbências: dirigir o jornal diocesano *A Cruzada* (1949-1954), criar uma Faculdade Católica de Filosofia (1951) e dar assistência eclesiástica aos universitários. Com o intuito de preparar-se para a direção do jornal, em 1949, Luciano Duarte faz um curso de datilografia na Escola Remington de Aracaju.

Durante o processo de criação da Faculdade de Filosofia, no ano de 1950, o padre viaja para Recife a fim de colher informações sobre o funcionamento das faculdades católicas de filosofia. No ano seguinte, em março de 1951, profere a aula inaugural da Faculdade Católica. O clérigo também participou da criação da Escola de Serviço Social em 1954.

Após a criação de duas Faculdades, o padre Luciano viaja pra São Paulo onde valida os seus diplomas de Seminário prestando os testes de Teologia Fundamental, Dogmática e Moral. Em 1954 obtém o título de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção de São Paulo.

Em 1954, o padre Luciano Cabral Duarte muda-se para Paris, onde reside por quatro anos. Nesse período, faz os cursos de escolástica e teologia tomista pelo Instituto Católico de Paris. Além disso, estuda Psicologia, Moral e Sociologia na Sorbonne. Em 30 de novembro de 1957, recebe o título de doutor em filosofia por essa mesma instituição com a tese intitulada *A natureza da inteligência no tomismo e na filosofia de Hume*.

Voltando a Aracaju (1958), Luciano Cabral Duarte assume as funções de pároco na igreja de São Salvador. Em fevereiro, o clérigo reassume a direção e o magistério nas Faculdades de Filosofia e de Serviço Social. Novamente é designado a prestar assistência aos universitários católicos, além de se tornar diretor do Apostolado Radiofônico de Sergipe.

Em 1961, Luciano Duarte viaja para à América do Norte com o intuito de fazer um intercâmbio. Durante esse tempo (1962), o padre é convidado pelo jornal *O Cruzeiro* para, junto com Dom Távora, fazer a cobertura jornalística do Concílio Vaticano II. Em 1963, Luciano Duarte é nomeado para o Conselho Estadual de Educação, onde posteriormente assume a presidência da Câmara de Ensino Superior. Em 14 de julho de 1966, o papa Paulo VI nomeia o agora monsenhor Luciano Duarte a Bispo Titular de Gadiaufala e Auxiliar de Aracaju.

Em 28 de fevereiro de 1967, Dom Luciano Duarte é nomeado presidente do conselho diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe.

Em 1970, Luciano Duarte se torna Arcebispo de Aracaju, substituindo Dom Távora, falecido em 3 de abril de 1970. Em 1971, é eleito membro do Conselho Diretor Nacional do MEB (Movimento de Educação de Base). Seis anos depois (1977) participa, em Tóquio, da III Conferência Internacional da Unesco sobre Educação de Adultos, realizada entre 25 de julho e 7 de agosto.

No dia 28 de agosto de 1971, é admitido na Academia Sergipana de Letras.

Em 26 de agosto de 1998, por problemas de saúde, D. Luciano renúncia ao múnus de arcebispo, tornando-se bispo emérito da arquidiocese de Aracaju. Após a renúncia, o cônego continua celebrando missa na igreja de São Salvador até não ter mais condições

para isso. Atualmente, D. Luciano se encontra sob os cuidados da sua irmã mais nova, Carmem Dolores Cabral Duarte¹.

Outra parcela do material aqui copilado é de autoria do padre Gilson Garcia de Melo. Ele clérigo nasceu em Rosário do Catete no dia 13 de setembro de 1936. É filho de Pedro Fernandes de Melo e Laura Garcia de Melo. Coursou o primário em sua cidade natal.

Em 1949, com 13 anos de idade, ingressa no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus (Seminário Menor) onde cursa o ginásio e o científico. Em fevereiro de 1956, com 20 anos, vai para o Seminário Arquidiocesano da Imaculada Conceição em João Pessoa na Paraíba, onde cursa filosofia. Em maio de 1959, recebe a tonsura clerical. Em 1960, faz uma passagem pelo Seminário de Fortaleza, no Ceará, de onde parte para o Seminário Metropolitano em Buenos Aires. Em 28 de fevereiro de 1962, é ordenado diácono e, no dia 17 de junho de 1962, ordena-se padre. Após a ordenação, padre Gilson assume a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Riachuelo.

Em 1967 muda-se para Paris, onde permanece até 1971. Neste período faz o curso de francês pela Escola Berlitz. Em junho de 1968, termina o curso superior de Pastoral Catequética pelo Instituto Superior de Pastoral Catequética. Ainda em Paris, faz o doutorado em Teologia na Universidade Pontifícia de Paris defendendo a tese em 1971 intitulada *O Batismo das crianças segundo a doutrina de Santo Agostinho*.

No ano 1971, assume a paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em sua cidade natal, onde fica até o ano de 1985. Logo após, o clérigo assume a paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no conjunto Bugio, na capital sergipana, até o ano 1986. Em novembro desse mesmo ano, torna-se pároco da paróquia de Santo Antônio e Almas na cidade de Itabaiana, onde permanece durante 6 anos. Em 1992, torna-se pároco da paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro Grageru, em Aracaju, onde fica até 1994, quando retorna a liderança da paróquia Santo Antônio e Almas, em Itabaiana, por mais dois anos. Em 1996, participa da Assembleia Diocesana, na qual, junto com outros padres, compõe o colegiado elaborador do plano de pastoral para o triênio 1997-1999. No dia 30 de março de 2000, é nomeado Chanceler da Cúria Metropolitana.

¹ Moraes, Gizelda. *D. Luciano José Cabral Duarte: Relato Biográfico*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008. 520 p.

Em 2001 assume a Catedral Metropolitana de Aracaju. Após isto, passa a ser pároco da Paroquia Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, no Bairro Leite Neto, em Aracaju, até 2006, quando se afasta das atividades eclesiais por motivos de saúde².

Uma parcela menor do material aqui compilado é de autoria de Dom Timóteo Amoroso Anastácio, nome religioso de Luiz Antônio Amoroso Anastácio. O monge beneditino nasceu em Barbacena, no estado de Minas Gerais, no dia 12 de julho de 1910. É filho de Antônio e Regina Monteiro Amoroso Anastácio. Concluiu seu primário em sua cidade natal e o secundário em Juiz de Fora. Coursou direito no Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1933. Em 29 de Julho de 1935, casou-se com Jenny Reis Hungria. Após três anos sua esposa foi acometida por tuberculose que a levou a óbito no dia 1 de setembro de 1938.

Entre 1933 e 1938 Luís Antônio Amoroso Anastácio atua como advogado. Após esse período, abandona a carreira jurídica e decide ser monge. Em julho de 1940, ingressa na Abadia de Monserrate no Rio de Janeiro, ocasião na qual adota o nome de Timóteo (Pela honra de Deus) Amoroso Anastácio. No dia 11 de setembro de 1940, faz a sua profissão monástica. Em 21 de dezembro de 1946, é ordenado sacerdote. Enquanto morava no Rio de Janeiro, foi subprior e trabalhou na CNBB como membro do secretariado nacional de liturgia.

No dia 19 de agosto 1965, chegou a Arquibadia de São Sebastião da Bahia, onde foi eleito abade em setembro de 1965. Em 1981 renuncia ao cargo de abade seguindo uma regra que obriga todos os abades da Congregação renunciarem ao 75 anos.

Em meados da década de 80, por ocasião do seu octogésimo aniversário, recebe o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia e a medalha “Dois de Julho” da prefeitura de Salvador. Dom Timóteo falece no dia 2 de agosto de 1994 em Salvador³.

O material aqui reunido é importante por algumas razões. Uma delas é oferecer dados sobre os ecos do concílio Vaticano II no Brasil, e particularmente em Sergipe.

Uma segunda razão é que o material da *Cruzada* possibilita analisar o modo como o

² Aracaju, arquivo da cúria arquidiocesana, dossiê dos sacerdotes, pasta G.

³ AMARAL, Dom Gabriel. **Centenário de Dom Timóteo para o seminário acadêmico**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfBDEAL/centenari-dom-timoteo-seminario-academico> Acesso em abril de 2017.

clero sergipano, sobretudo seus intelectuais, encararam o evento. Esta reunião das matérias poderão subsidiar dois temas de pesquisa: a história da imprensa católica em Sergipe e sobre a repercussão local do Vaticano II.

Alguns aspectos são destacáveis na coletânea aqui reunida. Vejamos alguns deles:

A espera de um concílio

Mesmo antes do início do conclave, o assunto foi objeto de matérias da *Cruzada*. Uma notícia do jornal, publicada em dezembro de 1961, reporta o pronunciamento do papa João XXIII convocando o vigésimo primeiro concílio da Igreja Católica. Após essa convocação, diz a notícia, o mundo católico ficou na expectativa do que estava por vir.

Depois dela, o jornal publicou um conjunto de crônicas do padre Luciano Cabral Duarte. Nelas, o clérigo preparava os leitores para o evento, chamando a atenção para sua importância.

Em uma das crônicas o padre escreve, ainda, que a maioria dos concílios teve como motivação o pronunciamento da Igreja a respeito de algum assunto da doutrina. O clérigo cita como exemplo o concílio de Trento e o Vaticano I. Após apresentar as motivações desses dois conclaves, o padre Luciano Cabral questiona o que motivará o trabalho dos bispos nesse novo concílio.

A História dos Concílios

O histórico dos concílios é um tema muito recorrente no jornal *A Cruzada*. Sobre esse assunto, o jornal apresenta diversas matérias sobre o período anterior ao início do concílio e sobre os recessos. Muitas matérias do jornal resumem cada um dos vinte concílios católicos, destacando os motivos de terem sido realizados, o nome de alguns dos padres conciliares e sua importância para a realização da reunião. Em uma matéria publicada no dia 26 de janeiro de 1963, o jornal analisa o Vaticano I e apresenta o Vaticano II como alternativa para terminar o que não foi possível fazer em seu antecessor, pois o primeiro concílio do Vaticano foi interrompido devido o início da guerra de unificação Italiana.

O padre Luciano Duarte, em crônica intitulada *Concilio à Vista*, publicada no dia 12 de maio de 1962, faz um breve resumo da história dos concílios ecumênicos. Destaca

o concílio de Trento, no qual se discutiu os futuros passos da Igreja frente o surgimento do protestantismo.

Em um artigo divulgado no jornal, o cardeal Francisco Koenig aborda de forma rápida a influência que os Concílios têm exercido ao longo da história da Igreja. O cardeal assegura que o concílio de Trento, por exemplo, foi uma resposta da Igreja Católica a quebra da unidade da fé na Europa no século XVI. Quanto ao Vaticano I, ele afirma que este concílio foi uma reação da Igreja contra a fragmentação ocasionada pelo Iluminismo, Liberalismo e Nacionalismo. Em seguida, Koenig chama a atenção do leitor para o intuito do Vaticano II: adequar a Igreja aos novos tempos.

Os Papas do concílio

Um tema muito recorrente na *A Cruzada* são as figuras dos papas João XXIII e Paulo VI. Sobre eles o jornal traz diversas matérias. Elas apresentam e exaltam a simplicidade, a presença de espírito, a sensibilidade, a sabedoria e a coragem destes dois líderes da Igreja.

Sobre o papa João XXIII, os redatores do jornal encaram sua atitude de convocar um concílio em um momento no qual o mundo estava passando por várias mudanças – como duas guerras mundiais, regimes totalitários, o avanço da ciência e a supervalorização do pensamento racional – como algo inovador, um sinal de que a Igreja não está alheia aos acontecimentos mundiais e quer debatê-los, entendê-los e opinar sobre eles.

Já sobre Paulo VI, *A Cruzada* exalta a ousadia e coragem do novo papa que assumiu a presidência do concílio após a morte de papa João XXIII e deu continuidade ao projeto idealizado pelo seu antecessor. Conforme os redatores da “Cruzada”, Paulo VI superou toda a expectativa que existia sobre o futuro do evento.

O jornal também traz muitas matérias sobre o cotidiano e os bastidores do concílio. Algumas delas mostram o chefe da Igreja Católica como um ser humano normal, alguém que às vezes se reunia com alguns bispos para assistirem um concerto do ritmo favorito: música clássica. Outra ação destacada pelo jornal com grande louvor foi o pedido de perdão do papa a todos os cristãos não católico e a Deus pela falta de união do seu povo na ocasião da reabertura do concílio. Esse gesto é considerado pelos redatores d’*A Cruzada* como sinal de grande humildade. Em uma das suas crônicas costumeiras, publicada no dia 02 de novembro de 1963, o padre Gilson Garcia, afirma que “se Paulo

VI nada fizer pelo concílio, já fez muito em pedir perdão a Deus e curvar a sua voz de pastor diante dos não católicos que se encontram no Vaticano, pelas culpas que se tem na ruptura da linha histórica da Igreja de Cristo”.

Os bastidores do Vaticano II

Os bastidores do concílio é outro tema recorrente n’*A Cruzada*. Com a finalidade de deixar o leitor bem informado sobre tudo o que acontecia antes do início do evento e nos intervalos das sessões, tornou-se comum no jornal a divulgação de notas e matérias com algumas curiosidades relativas ao conclave.

O padre Luciano Duarte fala, em uma crônica, sobre algumas características do povo italiano. Ele compara o jeito italiano com o “jeitinho brasileiro”. Esta semelhança, segundo o autor, facilita muito as coisas para um brasileiro na Itália. Por fim, o autor argumenta que o jeito dos dois povos possui uma origem latina comum.

Dom Luciano fala, ainda, da infraestrutura construída em Roma para o concílio. Aborda a abertura de dois pequenos restaurantes, nas alas laterais da basílica São Pedro, visando atender os padres conciliares. Os restaurantes receberam o apelido jocoso de Bar-Abas e Bar-Jonas. Estes locais possibilitavam aos membros do concílio tomar um café, chá ou refrigerante, arejar as ideias e manter uma conversa descontraída com os outros participantes do evento.

Outra nota deste mesmo padre noticia a sagração de quatorze novos bispos, a maioria destinada às missões católicas na Coreia, Japão, Índia, na Tanganika e Congo.

A reforma litúrgica

Segundo o *A Cruzada*, a nova liturgia foi um dos assuntos que mais causou polêmica durante concílio. Para levar o povo católico residente em Sergipe e os demais leitores da *A Cruzada* ao melhor entendimento do assunto, padres como Luciano Duarte, Gilson Garcia, Dom Timóteo Anastácio, além de outros colaboradores do jornal, redigiram textos e crônicas que abordavam a nova liturgia. Eles explicavam as mudanças e o quanto elas foram acertadas por adaptar a Igreja ao novo mundo contemporâneo.

Em *Reforma Litúrgica: Grandes novidades*, Dom Timóteo apresenta as mudanças litúrgicas que foram votadas na segunda reunião do concílio, ocorrida entre setembro e dezembro de 1963. Ele trata de assuntos como a distribuição da comunhão nas duas

espécies, a possibilidade de concelebração eucarística (mais de um padre celebrando a missa) e o uso da língua local no culto. Conforme o sacerdote, o uso do latim na liturgia a tornava arcaica e ineficaz.

O padre Luciano Duarte em sua crônica intitulada *A nova prece da Igreja* fala sobre a importância da missa. Mostra quanto ela é importante, pois é a memória do sacrifício de Cristo pela humanidade. O sacerdote fala ainda das mudanças ocorridas na missa ao longo da história tais como a substituição da celebração em grego pela celebração em latim. Tal mudança foi motivada pelo desejo de aproximar o povo da celebração, pois com o passar do tempo, a língua grega caiu em desuso.

Para Luciano Duarte, assim como para Dom Timóteo, a mudança da liturgia em latim para a liturgia em língua vernácula é de suma importância. Ela trará de volta a participação ativa do povo para a celebração. O texto também evidencia a grande expectativa entre os cristãos quanto essa mudança.

O Padre Gilson Garcia também escreveu sobre a reforma litúrgica. Ele destaca como essa mudança foi uma forma de aproximar Deus dos homens e os homens de Deus. Poder rasgar o véu que os separava do divino.

Nota-se, em todos os escritos sobre esse tema, o quanto *A Cruzada* valorizou a nova liturgia e ressaltou a sua importância por fazer com que as pessoas consigam acompanhar e entender a liturgia.

A diaconia

Segundo *A Cruzada*, a volta da ordenação de diáconos permanentes causou muitas discussão durante a segunda sessão do concílio Vaticano II. Tendo em vista a sua necessidade, a Igreja de alguns países subdesenvolvidos e do Leste Europeu voltou a ordenar diáconos permanentes para auxiliar os sacerdotes. O material de *A Cruzada* mostra que o ponto mais controverso sobre essa questão teria sido a questão do casamento dos diáconos. Alguns bispos defendiam que o celibato sacerdotal (inclusive diaconal) precisava ser salvaguardado a todo custo. Conforme eles, admitir diáconos casados poderia desmerecer o valor do celibato na Igreja.

Outro ponto que foi muito discutido no concílio e reportado pela *Cruzada* foi o receio quanto as vocações para o diaconato entre os jovens, visto que eles gostam de desafio e o diaconato poderia ser visto pelos jovens como algo muito pequeno. Após

várias reuniões nas quais se discutiu o tema, decidiu-se que a exigência do celibato ao diácono seria decidida pelo Bispo.

Em uma crônica assinada pelo padre Luciano Duarte, o assunto é abordado de forma didática. O clérigo mostra que o diaconato surgiu nos primórdios da igreja quando os apóstolos instituíram esta função a um homem para ajuda-los no ministério. Com o passar do tempo, o diaconato se tornou um degrau para o sacerdócio.

O diálogo inter-religioso no Vaticano II

Um concílio ecumênico proporciona a Igreja a oportunidade de dialogar com as igrejas e as religiões que professam a mesma fé. Durante o Vaticano II, *A Cruzada* divulgou muitas matérias e entrevistas destacando esse assunto.

Um artigo publicado na edição do dia 25 de agosto de 1962 chama a atenção do leitor para o ecumenismo que seria a marca desse evento.

Em novembro de 1963, o jornal publicou uma nota relatando o encontro de Paulo VI com personalidades hebraicas dos Estados Unidos. Na ocasião, o papa chamou a atenção para os laços de fraternidade que unem cristãos e judeus. Nessa mesma edição, aparece, n'*A cruzada*, outra nota destacando a entrevista do patriarca de Antioquia, Alexandria, Jerusalém, e todo o rito Melquita. O líder destaca que a dificuldade entre a união da Igreja Ocidental e a Oriental estaria nas interpretações excessivas do primado na teoria ou na prática.

Em uma crônica intitulada *Protestantismo e catolicismo*, Padre Gilson Garcia diferencia o catolicismo do protestantismo tendo como base o livro “Palavra, Igreja e Sacramento no protestantismo e no catolicismo” do Pe. Louis Boyer. Ao longo do texto, padre Gilson mostra algumas das diferenças do pensamento católico e do pensamento protestante.

Por outro lado, *A Cruzada* de 7 de dezembro de 1963 divulga uma reunião do papa com membros de outras igrejas cristãs. Durante a reunião, segundo a notícia, foi destacado a importância da opinião e as impressões desses representantes. Ao final dessa reunião, eles receberam medalhas comemorativas do evento.

Conforme *A Cruzada*, um dos intuitos da reunião era melhorar a relação dos católicos com os não-cristãos. Visando isso, os bispos conciliares decidiram retirar de documentos e orações católicas a ideia de que os judeus foram responsáveis pela crucificação de Jesus. O documento *Posição da Igreja ante os não- cristãos*, segundo a

folha católica, condena a guerra ao islamismo no período das Cruzadas. Ao citar o budismo e o bramanismo, declara que os católicos romanos não podem relegar o que é certo e sagrado para as outras religiões.

Em crônica intitulada *Concílio Ecumênico*, Padre Luciano Duarte chama a atenção para o movimento de união entre as igrejas cristãs. Segundo o autor, esse movimento se iniciou com Lord Halifax e buscava a aproximação da Igreja Anglicana com a Igreja Católica. Ao longo do tempo, outros homens foram aderindo a esse movimento que teve como ápice o Vaticano II.

O lugar dos leigos na Igreja

O papel dos leigos na Igreja é outro dos temas presentes nas matéria d'*A Cruzada* sobre o concílio. Sobre isso, o periódico noticia o chamado da Igreja ao missionarismo e solicita que os leigos ajudem economicamente a Igreja na realização dessa missão.

A importância do evento

Outro tema ressaltado pelo material d'*A Cruzada* é a relevância da conferência. Este aspecto aparece em alguns números do periódico. Um deles traz uma com o cardeal Bea, então presidente do secretariado para a unidade da Igreja. Este prelado destaca a importância do evento para a humanidade. Segundo o cardeal, uma das motivações para que o Papa João XXIII convocasse o concílio foi a preocupação em pensar um novo posicionamento da Igreja diante das mudanças do século XX. Outro fator destacado pelo clérigo foi a importância do diálogo entre cristãos.

Num outro número, *A Cruzada* traz uma carta pastoral do Cardeal Lienart falando sobre a Igreja Católica à luz do Vaticano II e apresentando as inovações propostas pelo concílio, bem como sua importância para o mundo. Nesse contexto, Luciano Duarte afirma, em uma crônica, que alguns dos temas discutidos no evento farão com que a Igreja se interroge sobre si mesma. Também o editorial do mês de setembro de 1965, mostra que o Magno Conclave tinha a possibilidade de apresentar ao mundo uma Igreja a altura dos tempos.

A edição aqui realizada pode ser classificada como diplomática. Assim, houve poucas intervenções do editor. Elas consistiram meramente na transcrição dos textos

conservando-se todas as características dos originais tais como grafia, pontuação, acentuação e paragrafação.

O CONCILIO VATICANO II N'A *CRUZADA* (1962- 1965)

Documento 1

Concílio Ecumênico Será Este Ano ⁴

Conforme a bula HUMANAE SALUTIS, assinada na manhã do Natal recém passado, pelo Papa João XXIII, o Concílio Ecumênico será convocado ainda este ano, não tendo sido porém precisada a data, na referida bula.

A HUMANAE SALUTIS enumera em linhas gerais o temário do Concílio que reunirá na Basílica de São Pedro cerca de 2 mil participantes. Esse temário já estava mais ou menos definido pela composição das comissões preparatórias; problema doutrinários e práticos relativos à Bíblia, à tradição, aos sacramentos, à oração, à disciplina eclesiástica, às obras de caridade, ao apostolado dos seculares e ao trabalho missionário. O Papa emprestou na bula um relevo especial ao problema da unidade dos cristãos separados da Cátedra de São Pedro.

⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 13 de jan. P. 6

Documento 2

Concílio À Vista⁵

Luciano Duarte

No dia 11 de outubro próximo, a menos de cinco meses, portanto, vai ser assunto em Roma, o Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano.

Faz um século que se realizava na capital da cristandade, o Primeiro Concílio do Vaticano, interrompido em virtude das agitações políticas que sacudiram a Itália, na ocasião.

A maioria dos Concílios Ecumênicos teve, como razão de ser, o pronunciamento da Igreja a respeito de um ponto especial da doutrina cristã, que se julgava ameaçado na ocasião, ou então uma grave conjuntura histórica, envolvendo não apenas um, mas vários capítulos da fé católica. Quando o papa convocou o Concílio de Trento, no século 16, logo após a devassidão causada pela Reforma Protestante, não era preciso grande agudeza de espírito para se compreender que a grande assembleia sob a presidência do Santo Padre, ia lançar a igreja em um movimento de recuperação, ao mesmo tempo em que a fé era esclarecida e os pontos em litígio definidos e aclarados.

Quando Pio IX convocou o Primeiro Concílio do Vaticano faz cem anos, os dois pontos abertos, as duas fronteiras importantes da luta da Igreja eram de um lado, a função de Papa, suas prerrogativas, a autoridade de seu magistério na Igreja; e, por outro lado, o problema dos atritos entre a ciência e a fé, num momento em que o racionalismo, inebriado pelas conquistas do pensamento humano, pensava esvaziar a religião dos seu conteúdo sobrenatural, através de explicações “naturais” para tudo que lhe dizia respeito. Conforme sopravam os ventos de então, o Concílio Primeiro do Vaticano proclamou o magistério infalível do Romano Pontifício, quando fala “ex cathedra”, e sobre fé e moral, condenou vigorosamente o racionalismo, reafirmando o caráter sobrenatural da fé, e expondo os fundamentos lógicos sobre os quais está se assenta, pois “aquilo que o cristão

⁵ **A Cruzada**, Aracaju, 12 mai.1962. p. 2.

aceita na obscuridade da crença, foi à luz clara da razão que ele o desta nova grandiosa assembleia e empreendeu que tinha motivos para aceitar”.

E se agora nós nos perguntamos: - Quais serão as linhas mestras dos trabalhos desta nova e grandiosa assembleia que, em outubro, vai reunir em Roma muita centenas de Bispos e Arcebispos, em derredor dos Cardeais e do Papa?

Não há, atualmente nenhum ponte de doutrina que esteja sendo alvo de um especial ataque. Se se quisesse marcar a maneira própria do combate que hoje sofre a Igreja de Cristo, creio que o mais exato seria falar de uma guerra fatal de uma investida para a erradicação definitiva. Mas nem isso é geral, pois se se consigam as circunstâncias que envolvem com essa diferença dos dois, Concílio Vaticano Segundo esperavam além sobre o primeiro.

Basta atentar na afinidade dos cristãos separados. Há um século, um convite de Roma às igrejas protestantes, para tomarem parte no Concílio, seria interpretado como uma “ingerência indébita”. Hoje, tal convite, que será feito para solicitar não propriamente “participantes”, mas “observadores”, não apenas não será recusado, mas, conforme se anuncia será aceito com júbilo, na esperança de que o presente conclave, seja uma batalha na estrada que conduzirá à unidade dos cristãos.

A indiscrição de um repórter italiano de “La Stampa”, em Moscou, permitiu nos conhecer, no mês passado, até a reação do Patriarcado da Igreja Russa Ortodoxa, através do pronunciamento do Mons. Nicodemos, jovem prelado que ainda não conta 40 anos, homem de invulgar inteligência, atualmente chefe das relações exteriores do Patriarcado e um nome que irá longe. Depois de declarar que, ao menos no terreno prático, uma cooperação lhe parecia possível, Mons. Nicodemos, a pergunta se Moscou enviara observadores ao Concílio, retrucou: “Essa pergunta me é bastante embaraçosa, pois nós nem sequer fomos antes convidados” ... na reserva da frase há inegavelmente, uma atitude implícita a que, pelo menos, não é de hostilidade...

Não havendo, pois, um problema de doutrina para ser elucidado, quando serão as preocupações materiais do Concílio que vem aí?

O Cônego Gustavo Thils, professor na Universidade Católica de Louvain, assim caracteriza o que ele chama “as coordenadas do Concílio”: duas linhas, duas perspectivas nortearão o solene conclave: o Evangelismo e o Ecumenismo.

O que Thils entende por “Evangelismo”, é este movimento para restaurar a santidade dos cristãos, para dinamizar um retorno ao Evangelho na sua pureza original, uma volta ao espírito e à simplicidade dos apóstolos. Em 1959, falando aos dirigentes diocesano da Ação Católica Italiana, o Papa João XXIII, com um tom quase ingênuo e desarmante que marca as suas alocuções, dizia, falando sobre o Concílio a vir: “Com a graça de Deus, nos reuniremos o Concílio; e nós pensamos prepará-lo tendo em vista o que é mais necessário para revigorar e reforçar, na união, a família católica, conforme o desejo de Nosso Senhor. Em seguida, quando tivermos cumprido este laborioso esforço, eliminando tudo o que, no plano humano, poderia ser obstáculo a um progresso rápido, nós apresentaremos a Igreja em todo seu esplendor, se ruga ou mácula”

- A quem apresentará o Papa essa Igreja purificada?

- Aos cristãos separados e aos não- cristãos. Esta ideia, que João XXIII tem várias vezes repetido, nos conduz a segunda coordenada no Concílio na análise de Gustavo Thils.

Quando se anunciou o Concílio, talvez por causa do adjetivo que o exorna: “Ecumênico”, e que se presta a confusão com o termo “Ecumenismo” (movimento pela unificação das igrejas cristãs), houve quem pensasse que a grande assembleia do Vaticano seria uma espécie de congresso de todas as confissões cristãs para a adoção de uma formula de conciliação, algo com um mínimo divisor comum. Na realidade, o termo do direito canônico: “ecumênico” lembra, em primeiro lugar, o caráter universal do próximo Concílio, distinguindo-o assim dos Concílios provinciais ou nacionais. Mas, a ideia da união dos cristãos não está por isto, ausente do Concílio. Ao contrário, é mesmo a sua segunda grande perspectiva. A criação de um “Secretariado para as igrejas separadas”, que tem como presidente o cardeal Bea, erudito exegeta, uma das grandes inteligências na Igreja atual, foi o sinal concreto que João XXIII quis dar ao seu interesse pelo assunto. É, relativamente ao Concílio a atitude do mundo ortodoxo (isso é: da Igreja cristã grega, russa e oriental que tem praticamente a fé católica, mas não aceita o principado de jurisdição do Papa), bem como do mundo protestante, tem sido, de modo geral, extraordinariamente aberta e frequentemente, mesmo entusiástica.

Falando em Paris, em fevereiro passado, o cardeal Bea declarou: “Embora não sendo um “Concílio de União”, o Segundo Concílio do Vaticano poderá realizar um trabalho importante em favor da unidade dos cristãos”. E o bispo Meletios, da Igreja Ortodoxa, comentou assim a conferencia do cardeal: “Deixemos o passado em paz, e empenhemo-nos em ganhar de novo o que foi perdido: a união entre os cristãos”.

Em Roma neste momento, as comissões preparatórias trabalham intensamente. Mentalidades diferentes analisam os problemas levantados pelos Bispos do mundo inteiro, procuram, a luz da fé, os caminhos das soluções.

O nosso interesse pelo próximo Concílio Vaticano não deverá ser simplesmente uma curiosidade desengajada. E a nossa Igreja que está em jogo. O que lá se discute são os nossos problemas, a renovação da nossa cristandade, a revitalização espiritual do mundo. Há algo mais a fazer do que uma inócua agitação em busca de notícias. Há a silenciosa tarefa da oração levando para diante de Deus o amor e o pedido dos que desejam que o Segundo Concílio do Vaticano consiga os seus objetivos e manifeste ao mundo, em sua pureza e em seu esplendor, a Igreja de Cristo.

Documento 3

Cardeal Bea Insiste: Concílio Será Benéfico Para A Humanidade Inteira⁶

Roma- Numa entrevista à “imprensa do exterior” o Cardeal Bea, presidente do secretariado para a unidade da igreja, pronunciou essas palavras:

“Mesmo não tomando em consideração a importância que o Concílio tem para a Igreja Católica, se deve, toda via levar em conta a importância que tem para os cristãos, para os 900 milhões de cristãos em geral e para a humanidade toda. O Concílio tem uma importância extraordinária, também, para a humanidade inteira. Para convencer-se disso é mister dar um olhar rapidíssimo à humanidade de hoje. Pelo vertiginoso progresso dos meios de comunicação não somente materiais mas, também, sociais, imprensa, rádio, televisão etc., a humanidade se terá mais consciência da inevitável inter- independência de todos os países e continentes entre si e da imperiosa necessidade de enfrentar todos os problemas que interessam o globo todo em que vivemos.

Essa humanidade está cheia de espanto diante das suas descobertas e conquistas que ameaçam com as catástrofes, quase a autodestruição. Ela sabe, embora inconscientemente, que só reforçando os valores e os princípios espirituais, do direito, os valores éticos e religiosos podem afastar essa terrível ameaça e garantir um autêntico desenvolvimento para uma convivência pacífica e aos poucos, também, para a verdadeira unidade da humanidade toda. Agora todos aqueles que sabem olhar corajosamente a realidade devem reconhecer a importância que neste sentido tem a doutrina e a autoridade moral da Igreja Católica a qual seja a influência do seu quase meio bilhão de fieis no mundo. A importância do Concílio para a humanidade se torna mais ainda se considerarmos que o Concílio não quer limitar-se a ser exclusivamente um fato interno da Igreja, mas também, preparar –embora a longo prazo- a união de todos os cristãos. Os cristãos do mundo todo são 900 milhões. Além da sua força numérica deve-se concentrar a sua difusão no mundo, a sua posição de guia e, portanto, a grandeza e o valor da sua influência em todos os países e junto de todas as categorias sociais.

⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 07 jul. 1962.p. 2.

Dou exemplo concreto do valor de todos os cristãos unidos poderiam ter sobre os acontecimentos do mundo: o problema da paz. Imaginem o que significa para a humanidade a união completa e total dos cristãos pelo que se referem às questões das armas nucleares, do desarmamento e da paz. Já Pio XII e, também, nosso Santo Padre mandaram mensagens a todos os homens de boa vontade para o bem da humanidade, e particularmente para a paz. Os problemas que a humanidade deve enfrentar hoje são de fato tão enormes e urgentes que é preciso aproveitar todas as forças concordam pelo menos no plano da ideia religiosa, de ideia de Deus e da existência de uma ordem ética. Talvez nesse sentido também o Concílio dando uma forma mais concreta aos convites dos últimos Papas poderá dar verdadeiramente uma valiosa contribuição para o bem da humanidade. (ANSA)

Documento 4

Haverá Ampla Informação Sobre O Concílio E Livre Debate, Declara O Papa João XXIII⁷

CIDADE DO VATICANO – Haverá livre debate Ecumênico e a organização pública será convenientemente informada”. Sublinhou estes pontos S.S. O Papa João XXIII ao encerrar a sexta sessão plenária da Comissão Preparatória.

O QUE SERÁ O CONCÍLIO

Expôs em seguida o Papa algumas características do futuro Concílio Ecumênico apresentando-o não como uma previsão das normas católicas, mas como “a consideração atenta daqueles pontos que se referem às verdades fundamentais, debatidas ou em conflito pelas contradições do pensamento moderno, resultados de erros antigos, agora expressos de maneira diferente”. Predisse Sua Santidade que o Concílio mostrará a humanidade “a imutabilidade do credo apostólico, procurando por uma frustração doutrinária quase universal, e a visão do conjunto (da doutrina católica), respondendo melhor ao espírito dos tempos modernos”.

O concílio acrescentou, “devolve-se na tradição do I Concílio Vaticano do Concílio de Trento, do IV Concílio, de Latrão ... na tradição de todos os concílios que marcaram o triunfo da verdade, uma verdade que tem sido profundamente examinada e destina-se vigorosamente no cargo social”.

João XXIII assegurou aos ouvintes que “o II Concílio Vaticano tem por fim antes de tudo ser um grande Testemunho e uma pesquisa dos traços característicos do Bom Pastor ... A Igreja segue as pegadas do Bom Pastor no seu místico peregrinar de vila em vila, de casa em casa”.

Advertiu o Papa que ele próprio molda as esperanças relativamente aos resultados do Concílio, cujo início está anunciado em Roma para 11 de outubro. “A igreja não espera testemunhos, no momento a transformação milagrosa operada nos apóstolos e discípulos

⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 28 jul. 1962. P. 2

no princípio Pentecostes, mas trabalha e suplica constantemente a Deus a renovação dessa maravilha”.

Em seu discurso de encerramento da fase preparatória o Papa disse que se podem prever dificuldades: como afirmou São Paulo às dificuldades são quase que inerentes à formulação da boa doutrina. Não cremos que a terra chegue a conhecer um tempo de perfeita tranquilidade, de tão pouco cremos que o inimigo da verdade tenha só uma face ... o terrenal costuma impedir as mais nobres aspirações do homem e atrasa o progresso de seu aperfeiçoamento para a vida eterna”.

Quanto à informação do Concílio e diretor do departamento de imprensa, Mons. Fausto Vallaine, que haverá um centro “com todas as instalações necessárias para o trabalho jornalístico”. Esse centro deverá estar funcionando dentro de um ou dois meses, isto é, bem antes do início do Concílio cuja inauguração está anunciada para 11 de outubro.

Disse também Mons. Vallaine que seu departamento publicará boletins em quase todos idiomas modernos redigidos. Atualmente preparar material histórico e doutrinário em diversos idiomas para distribuí-los aos correspondentes.

Documento 5

Ecumiencidade De Um Concílio⁸

Quando, a 25 de Janeiro de 1959, após poucos meses de pontificado, João XXIII anunciou o desejo de conclamar um Concílio, a decisão suscitou palavra um movimento de surpresa. Houve, é verdade, aqui e ali, alguma preocupação mal disfarçada, parecida na imprensa mundial. Prisavá-se a situação internacional do momento e a complexidade dos problemas que uma moderna sessão geral da Igreja deverá afrontar. Dúvidas foram levantadas sobre a possibilidade de realizar uma empresa de tão gigantescas proporções.

FASE ANTE PREPARATÓRIA

Concílio algum foi jamais tão ecumênico na preparação, 3.594 representantes da hierarquia católica, espalhados em 134 países da terra, foram convidados, mediante uma palavra de 18 de junho de 1959. Respondendo 1998 interpelados, isto é 70%. Dentre os membros da hierarquia católica, àqueles que ex jure devem ser convocados para o Concílio, a saber, os Bispos residencialistas, os Prelados múltuos e os Abádes múltuos, responderam na média de 84%, ou seja 1.431, sobre um total de 1.623 (de 64 países, 100%), em porcentagem menor, 60%, isto é 585 num total de 971, responderam os que podiam ser convocados para o Concílio (Nanctes, Internpuncios, Delegados Apostólicos, Exarcas Apostólicos e Ordinários para os fiéis de rito Oriental apostólico, administradores apostólicos e abades coadjutores). Relativamente aos vários continentes estes foram os totais. Europa, 769

membros de hierarquia sobre 262, Ásia, 293, sobre 417, África, 241 sobre 289, América Central, 64 sobre 76, América do Sul, 318 sobre 420, América do Norte, 362 sobre 360, Oceania, 48 sobre 70, chegaram, assim, desejos de 27 países europeus ou total de 35 (faltam da Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Estônia, Lituânia, Podearpacia, Rumânia, Rússia): de 25 países asiáticos num total de 25 (100%): de 36 países africanos sobre 27 (faliam da Guiné portuguesa e Guiné Espanhola): de 3 países da América do Norte (Canadá, Estados Unidos, México) sobre 4 (faltam somente das ilhas Bermudas): de 15

⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 25 ago. 1962. P. 2

países da América Central sobre 15 (100%): de 11 países da América do Sul sobre um total de 12 (não são representados as ilhas Falkland e Malvinas): de 6 países da Oceania 6 (10%).

O pedido de sugestões foi enviado também a 156 Ordens, Congregações religiosas ou sociedades de vida comum sem votos, entre as quais responderam 101. Pela primeira vez na história o mesmo pedido foi enviado aos Institutos Superiores do estudo. Sobre 62 solicitados responderam 14 ateneus romanos de um total de 14; 24 universidades católicas por, completo, oferecendo a contribuição das próprias sugestões. Todas as respostas chegadas à Comissão foram recolhidas e coordenadas em 15 volumes.

FASE PREPARATÓRIA

Após esse trabalho preliminar, o Santo Padre inaugurou, a 15 de Junho de 1960, a fase mais propriamente preparatória, confiando a 11 Comissões e três Secretariados a tarefa de examinar e estudar a imensidade de material a ser submetido a estudo. Atendem a esse trabalho: 60 Cardeais, 5 Patriarcas, 119 Arcebispos, 123 Bispos, 5 Superiores Gerais de Ordens Religiosas, 164 sacerdotes diocesanos, 268 sacerdotes, regulares, 8 leigos. Pertencem às mais diversas nacionalidades. De modo particular a Comissão Central, cujo encargo é seguir, coordenar e avaliar os trabalhos das diversas Comissões, representantes de outros de 29 países: 5 Patriarcas provenientes de outros tantos países do Oriente Médio: 27 Arcebispos que exercem o ministério em 25 nações, 6 Bispos de 5 nações diversas: 4 Superiores Gerais de Ordens Religiosas e 29 conselheiros pertencentes a vários dicasterios romanos. A Comissão central do I Concílio Vaticano compunha-se de apenas 9 cardeais, 5 dos quais eram presidentes de outras tantas comissões preparatórias e de 8 comissões provenientes de apenas 4 nações, escolhidos entre os Prelados da Cúria e professores de ciências eclesiais.

Universidade

A representação universal dos membros e dos consultores das Comissões Preparatórias antecipa a ecumenicidade da futura sessão conciliar. Até o presente os concílios foram universais porque representavam uma Igreja universal, não porem, porque refletiam uma Igreja estabelecida física e geograficamente em toda a terra. No Concílio de Niceia, por exemplo, participaram apenas padres norte- americanos, árabes e asiáticos e do mundo sub- mediterrâneo. Em Trento figuravam, praticamente, apenas padre italianos, franceses,

alemães e portugueses. No I Concílio Vaticano, celebrado em 1870, entre pouco mais de 700 padres prevaleciam os europeus. O Vaticano II poder-se-á definir, ao invés, e com toda razão “o Concílio de catolicidade”. Prevê-se que os que realmente participarão serão em número a 2000. Segundo um cálculo aproximativo, cerca de 37% dos Padres representarão a Europa, onde vivem 47% dos católicos do mundo; 33% provirá das Américas, que conta com cerca de 43% dos católicos; 1,11% da África, representando cerca de 3% do catolicismo mundial e 1,8% Ásia e da Oceania, com 7% dos católicos.

O Concílio verifica-se num tempo em que o mundo anglo-saxão exerce uma presença e uma influência notáveis na vida católica. Nos últimos cem anos a Igreja Católica presenciou uma expansão e difusão sempre crescentes no mundo anglo-saxão. Os 73 milhões de católicos anglo-saxões distinguem-se pela sua capacidade de absorver os problemas contemporâneos e pelo seu avanço missionário. Em 1908 os territórios eclesiásticos dos Estados Unidos ainda terras de missão; hoje seus quase 50 milhões de católicos estadunidense sustentam seu contributo de pessoal de meios matérias centenas de territórios de missão. No Concílio estará também presente a voz das jovens cristandades do mundo afro-asiáticas, que conferem ao Corpo Místico de Cristo a fisionomia visível definitiva da universidade.

Paralelo ao crescimento numérico, estará o crescimento, por assim dizer qualitativo: novas nações que emergem para a história e a civilização e com a independência adquirem o direito à cidadania humana, que deixou de ser centralizada na Europa, para distribuir-se em centros próprios de influência e de coesão. Classes inteiras e grupos sociais, ontem estranhos ou silenciosos, entram com todo o seu peso e responsabilidade na vida do próprio país.

Finalidade deste Concílio

Fisionomia particular assume o Concílio em vista da multiplicidade de temas que são tratados, visando conferir à Igreja um novo esplendor de catolicidade e unidade. Os vinte concílios da Igreja, representado⁹ embora etapas de grande relevo, motivaram-nos razões particulares, geralmente para combater heresias.

No próximo Concílio não se tratará de estudar e de definir um ponto particular da doutrina católica, mas de submeter a exame de toda a realidade tão rapidamente mudada no século de história transcorrido desde o I Concílio Vaticano. Trata-se, diz João XXIII, de pôr o mundo moderno em contato com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho. Este mundo que se orgulha de suas conquistas técnicas e científicas, mas que traz consigo também as consequências de uma ordem temporal, que alguns quiseram organizar prescindindo de Deus, o que faz com que a sociedade moderna se distinga por um enorme progresso material, ao qual não corresponde um avanço no campo moral. Daqui o afrouxamento dos valores do espírito. Daqui o impulso para a busca quase exclusiva dos deleites terrenos, postos, com tanta facilidade, à disposição de todos pelos avanços da técnica. Daqui também, um fato inteiramente novo, desconcertante: a existência de um ateísmo militante operante, no plano mundial”. Mas a Igreja jamais deixou de ser força renovadora e vivificadora. Com o II Concílio Vaticano ela assume o empenho solene de desenvolver aqueles germes de bem que a crise moderna ainda não conseguiu sufocar, pelo contrário, indiretamente provocou.

De acordo com as afirmações do Cardeal Bea, Presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, o Vaticano II não poderá ser definido um “Concílio de Unidade”, podendo-se, todavia, inseri-lo na perspectiva da unidade “em favor da unidade o Concílio exercerá uma obra de pesquisa dogmática. Não procurará contribuir mais eficazmente para conhecer e tornar conhecida mais claramente toda a verdade. Cumprindo essa obra, o II Concílio Vaticano lançará as premissas permitirão quando a Deus aprouver e quando nós e nossos irmãos separados estivermos suficientemente preparados, realizar o anelo de Cristo: que haja um só rebanho e um só pastor”.

Vinte são os Concílios aos quais a Igreja reconhece legitimamente o caráter de ecumênico: cada um dos quais foi, efetivamente, convocado pelo Bispo de Roma e aberto a todos os Bispos em comunhão com Ele. O XXI, o Vaticano II, aparecerá na história bimilenar da Igreja como o Concílio mais ecumenicamente pensado, preparado e convocado.

Transcrito de L’Observatore Romano.”

Documento 6

O Concílio Em Marcha Para Sua Realização¹⁰

A primeira notícia sobre o Concílio Ecumênico deu-se o Papa João XXIII, quando em 25 de janeiro de 1959, falando de basílica de São Pedro, dizia que, convocando, obedecia “a uma inspiração sobrenatural, recebida como um inesperado impacto”.

Desde 1869, quando o Vaticano I foi suspenso por causa da guerra, nenhum Papa se decidira efetivamente a reunir nova assembleia universal. Pio XI falou no assunto, em 1922, na sua encíclica “Ubi areano”, mas afirmava que se tinha de proceder sem precipitação. Pio XII chegou a tomar algumas providencias, nomeando um grupo de trabalho e considerando um plano elaborado pelo Cardeal Constantini, que visava um concílio sobre a unidade. Mas, João XXIII é quem impulsionou vigorosamente a ideia ecumênica, fazendo-se preceder por uma espécie de teste administrativo, qual foi o Sínodo Romano.

Imediatamente os quase 8.000 bispos católicos de onde receberam formulário de consultas que, pela metade do mesmo ano 1959, já estavam juntamente com as respostas das Universidades Católicas, sendo classificados pelos Secretariado da Comissão Central do Concílio. Nada menos de 15 volumes foram, no fim do ano passado, dados à luz, com esse material de opiniões, informações, sugestões, esclarecimentos, pedidos, etc. enquanto isso, o Santo Padre ia formando as comissões e secretariados, encarregando Cardiais, Bispos e teólogos da elaboração de vários estudos.

PREPARAÇÃO

A 14 de novembro de 1960, o Concílio entrou em uma segunda etapa: saiu da fase ante preparatória e passou à preparação. À consulta seguem-se o exame e a discursão da matéria apresentada. Cerca de 700 eclesiásticos das 10 Comissões e dos secretariados se reúnem frequentemente, estudam, debates, redigem ante-projetos, tornando a discuti-los até chegarem às proposições definitivas que serão enviadas à Comissão Central. Quando toas as comissões tiveram terminado seus trabalhos – o

¹⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 15 set. 1962. p. 3

Concílio entrará na terceira e última fase, e de celebração em assembleia os Bispos do mundo inteiro deliberarão sobre as proposições apresentadas pelas comissões.

QUANDO A IGREJA SE REUNE

O Concílio Ecumênico, convocado por João XXIII e que se reunirá na cidade do Vaticano a 11 de outubro próximo, é de 21ª, das reuniões universais que a Igreja promove para deliberar sobre assuntos que lhe são próprios. Cada um dos precedentes teve seu papel na história da Igreja.

1) NICÉIA I (ano 325): Convocado pelo Imperador Constantino Magno, aprovado pelo Papa Silvestre I, presentes 318 Bispos. Nesse Concílio, onde sobressaiu o diácono Sto. Atanásio, foi condenado Àrio, que professava erros contra a Sma. Trindade.

2) CONSTANTINOPLA I (ano 381): Convocado pelo Imperador Teodósio-o-Grande, sob a aqui essência do Papa S. Dámaso, presentes 150 Bispos, todos do Oriente. Foi promulgado o Símbolo Niseno-Constantinopolitano (Credo). Grande figura dos trabalhos foi S. Gregório de Naziano.

3) EPESO (ano 431): Convocado pelo Imperador Teodósio II, sob o Papa Celestino I, presentes 198 Bispos. Proclamada a Maternidade Divina de Maria, S. Cido, o expoente da reunião, refutou a heresiarca Nestório.

4) CALCEDÔNIA (ano 451): Convocado pelo Papa S. Leão e pelo Imperador Marciano, presente 630 Bispos. Contra Eutíque, foi realizada como doutrina da fé a dupla natureza de Cristo.

5) CONSTANTINOPLA II (ano 553). Reunião como simples Sínodo, e mais tarde reconhecido pelo Papa Pelágio I que lhe outorgou valor de Concílio, repudiou as teses de Teodoro de Mopsueta.

6) CONSTANTINOPLA III (ano 630): Convocado pelo Imperador Constantino IV, sob o beneplácito do Papa A. gatão. Os monoteístas, que defendiam uma só vontade em Cristo, foram considerados hereges.

- 7) NICÉIA II (ano 787): Convocado pela Imperatriz Eudóxia, sob o Papa Adriano I, presentes 350 Bispos, para estudar a questão dos inoelastas (aboliam o culto das imagens), que tiveram suas ideias repelidas.
- 8) CONSTATINOPLA IV (ano 869): Convocado pelo Imperador Basílio, sob o Papa Adriano II, tratou de impedir o cisma de Fócio, mais tarde consumado por Celurário (Igreja Ortodoxa).
- 9) LATRÃO I (ano 1123): Convocado pelo Papa Calíxio II, foi o primeiro Concílio realizado no Ocidente. Resolveu a questão das investiduras, estabelecendo a paz entre a Igreja e o Império.
- 10) LATRÃO II (ano 1130): Convocado pelo Papa Inocência II, alcançou a representação de 1.000 Bispos e compôs o cisma do antipapa Anacleto II.
- 11) LATRÃO III (ano 1179): Convocado pelo Papa Alexandre III, com o comparecimento de 300 Bispos, regulou questões disciplinares e ratificou a paz com o Império Barbaroxa.
- 12) LATRÃO IV (ano 1215): Convocado pelo Papa Inocência III, com 1200 conciliares, tratou de reformas disciplinares.
- 13) LEÃO I (ano 1245): Convocado pelo Papa Inocência IV, 300 Bispos depuseram o Imperador sacrilégio Frederico II.
- 14) LEÃO II (ano 1274): Convocado pelo Papa Gregório X, congregou 1200 Bispos interessados na união com a Igreja Oriental, à qual foi permitido conservar os ritos e o antigo Símbolo.
- 15) VIENA (ano 1311): Convocado pelo Papa Clemente V, primeiro dos papas de Vinhão, concluiu pela abolição da Ordem dos Templários.
- 16) CONSTÂNCIA (1414/1418): Convocado pelo Imperador Sigismundo, pôs fim ao cisma do Ocidente com a eleição de Martinho V. o tumultuado concílio foi reconhecido pelo Papa Eugênio IV “nas resoluções não contrárias aos direitos e à dignidade da Sé Apostólica”.

17) FLORENÇA (1438/1445): Convocado pelo Papa Eugênio IV para unir os orientais, a Roma começou em Basiléia, transferindo-se depois a Bolonha. Ferrara e seu senado finalizado em Florença.

18) LATRÃO IV (1512/1517): Convocado pelo Papa Júlio II e encerrado por Leão X, presentes cerca de 100 prelados, todos italianos, entre os quais sobressalta o Geral dos Agostinianos por sua atitude firme contra abusos existentes.

19) TRENTO (1545/1563): Convocado pelo Papa Paulo III e confirmado por Paulo IV, com uma centena de Bispos, refutou as teses protestantes e promulgou a reforma da Igreja.

20) VATICANO I (1869): Convocado pelo Papa Pio IX, não pode ser concluído em vista da guerra franco-prussiana. Tratou sobre questões da Fé, da Igreja, condenando o materialismo, racionalismo e liberalismo.

Documento 7

Cardeal Bea: concílio favorecerá a união¹¹

Iniciamos aqui a publicação da importante entrevista concedida pelo cardeal Agostinho Bea, presidente do Secretariado pela União dos Cristãos, do Concílio Ecumênico. O eminente procurado aborda principalmente o aspecto dessa União que o Concílio objetiva, apresentando todas as perspectivas que serão abertas às Igrejas cristãs de quaisquer denominações para que se realize o plano do Divino Mestre, de que haja “Um só rebanho e um só Pastor. A entrevista vai publicada com perguntas e repostas.

- Eminência, de acordo com a sua grande experiência em assuntos ecumênicos em assuntos ecumênicos, quais são atualmente os obstáculos importantes a união da Igreja, em sua opinião?

- Antes de tudo, há um acúmulo imenso de interpretações falsas, de ressentimentos, de incompreensões, entre os cristãos separados. Há também amargas lembranças históricas que provocam desconfiança e aversão mútuas. Além disso, há entre nós uma ignorância quase geral a respeito das crenças religiosas dos outros. Os erros e os equívocos que os irmãos separados das Igrejas Orientais nos atribuem, parecem incríveis. Mas, por outro lado, falta-nos, aos Católicos, uma apreciação justa e um espírito de caridade fraterna para com os nossos irmãos separados; esses erros são frequentemente devidos a uma falta de conhecimento. E o que disse sobre as nossas relações com o Oriente aplicasse também a nossas relações com as confissões do Oriente.

Mas é encorajador observar que, quando os gritos de “Romanismo” e “papismo” eram ouvidos em alguns lugares ao anúncio do II Concílio do Vaticano, o Concílio Mundial das Igrejas condenou estes brados com a seguinte declaração: “Todos os cristãos qualquer que seja sua confissão, fazem votos e rezam para que este acontecimento histórico sirva ao progresso da causa da unidade pela qual Nosso Senhor orou”. Atitudes semelhantes foram tomadas por muitos outros chefes de comunidades não católicas, em todo o mundo.

¹¹ **A Cruzada**, Aracaju, 06 out. 1962. P. 2

Posso também acrescentar que outro obstáculo para a união é a vida pouco exemplar de muitos católicos. Nossos irmãos separados não podem se sentir atraídos a se unirem a nós quando as veem metidos em ações que contradizem os valores do Evangelho.

Falta de estrutura de autoridade

- Pensa que a falta de uma estrutura de autoridade em muitas Igrejas Protestantes é uma dificuldade para a união?

- Sim, em muitas igrejas protestantes não há autoridade suprema em matéria de fé. Cada Cristão segue a inspiração que recebe diretamente do Espírito Santo. Assim, entre os protestantes não há nenhuma autoridade com quem a Igreja possa tratar oficialmente no que se refere a assuntos de fé. Não existe autoridade que possa obrigar o fiel protestante a aceitar em consciência acordos eventuais entre os chefes de suas igrejas e a Igreja Católica.

Pode-se ter uma ideia do vulto do problema de se considerar que só nos Estados Unidos há nada menos do que duzentas e cinquenta denominações, algumas das quais pertencem ao Concílio Mundial das Igrejas, e muitas outras, não. E o próprio Concílio Mundial considera que seria desviar-se perigosamente de sua tarefa própria entrar em conversações doutrinárias com Roma. Isto, naturalmente, não exclui fecundas discussões entre teólogos. Nessa questão toda temos de ser pacientes e prepararmo-nos cuidadosamente para conversar com um ou outro grupo separado que apresente um plano mais desenvolvido de unidade interna.

Esperanças e aproximações para a União

- Nessa antevéspera do II Concílio Vaticano, os cristãos de todas as confissões querem saber se o Concílio realizará certas esperanças ecumênicas. Vossa Eminência poderia dizer uma palavra a respeito?

- Em primeiro lugar gostaria de deixar bem claro que o próximo Concílio não se propõem diretamente ser um Concílio não se propõem diretamente ser um Concílio de união como foram o de Leão e o de Florença na Idade Média. Talvez o melhor modo de definir as aspirações ecumênicas do próximo Concílio seja considera-lo, na perspectiva do Santo Padre, como um convite amistoso para procurar e encontrar a união pela qual Cristo dirigiu ao Pai Celeste uma tão ardente oração”.

A principal missão ecumênica do Concílio será preparar, com a ajuda de Deus, uma eventual união, favorecendo as relações entre cristãos católicos e não católicos. Esperamos que facilmente o caminho para uma união maior. Resolvendo certos problemas que impedem atualmente a unidade da Igreja. Em outras palavras, a Igreja deve em primeiro lugar esforçar-se por revigorar sua própria vida interior de modo a manifestar nos nossos próprios irmãos separados uma imagem mais límpida do cristianismo segundo o Evangelho.

- Poderia Vossa Eminência especificar algumas medidas positivas relação à “aproximação” ecumênica? Por exemplo, que se pede esperar do Concílio em matéria de dogma?

- Naturalmente não se trata de transigir no domínio do dogma, como se pudéssemos usar a doutrina revelada por Deus como um meio indiferente para a união da Igreja. Seria isto, com efeito, o método mais contraditório possível. Estaríamos procurando a unidade de Cristo e ao mesmo tempo sacrificando a verdade de Cristo. Teríamos para com nossos irmãos separados uma falsa caridade e destruiríamos a verdadeira união. Deus manda o Espírito à sua Igreja, não para alterar as verdades reveladas, mas para preservá-las e explica-las. Os apóstolos e os seus sucessores não tem um poder soberano sobre o depósito que lhes foi confiado; são apenas “admiradores “e dispensadores da Palavra.”

A Cruzada, Aracaju, 23 set. 1962. P. 2

-No ano passado Vossa Eminência publicou uma importante declaração sobre a relação de todos os cristãos com o único Corpo Místico de Cristo. Isto também no parece ser um ponto de suma importância para o diálogo ecumênico. Vossa Eminência gostaria de falar sobre esta ligação dos Concílios a Igreja?

- Com muito prazer empregamos o termo “irmãos separados” com frequência hoje em dia. Este termo é muito mais do que uma maneira polida de falar, expressa uma profunda verdade cristã.

Todos aqueles que foram validamente batizados em Cristo mesmo fora da Igreja Católica, estão organicamente ligados a Cristo, ao seu Corpo Místico. Pertencem, a um sentido verdadeiro, à igreja apesar de não pertencerem a um sentido pleno. Todos os que, com toda sinceridade, aceitam e vivem a fé em que nasceram e foram educados, recebem – em virtude de seu batismo- os auxílios necessários para uma verdadeira vida cristã. E estão no caminho da salvação em razão de uma pertença fundamental à Igreja da Cristo. Esperamos que o Concílio deixe isso bem claro.

De outro lado entretanto, devemos também explicar com clareza que esses nossos irmãos separados não fazem parte do organismo visível da Igreja e são assim privados de muitas graças. Com efeito, falta-lhes a unidade completa de fé, o uso dos diversos sacramentos que não reconhecem como tal, assim como a eficaz direção da hierarquia constituída por Cristo. Deste modo são privados de muitas graças que Cristo dispensa por meio da Igreja àqueles que pertencem a ela no sentido pleno. Por conseguinte devemos desejar, trabalhar e rezar incessantemente para que todos os batizados possam participar em plenitude da verdade e da graça que emanam de Cristo e de sua Igreja.

Medidas concretas que o Concílio adotará

-Vossa eminência acha que o Concílio tomará alguma medida concreta visando favorecer o movimento ecumênico?

- Penso que o Concílio favorecerá sobre tudo, o seu dever do Católicos que teriam interesse ativo na identidade de seus irmãos separados.

Três meios de promover a unidade estão à disposição de todos. Primeiro, uma oração constante pelos cristãos do mundo inteiro. O Santo Padre insistiu muito nesse meio, do mesmo modo que o Concílio mundial das Igrejas em suas assembleias em Nova Dheli. Em segundo lugar, está oração deve ser acompanhada de sacrifício, deste oferecimento diário dos sofrimentos e dificuldades na intensão da unidade. Finalmente, devemos ter para com nossos irmãos separados uma atitude sincera de caridade cristã. Muito frequentemente nessa intransigência dogmática- atitude absolutamente necessária em relação à doutrina de fé- e a lembrança das lutas e ofensas resultantes, fecharam e endureceram nossos corações, se não ao ponto do ódio, pelo menos da indiferença e suspeita.

O Santo Padre deu-nos um grande exemplo dessa caridade. Ao fazer suas despedidas da Bulgária (que é 85% ortodoxo-cristã) após dez anos como Delegado Apostólico, referiu-se no discurso de despedida, a um antigo costume irlandês, que consiste em colocar no Natal uma vela acesa à janela, para indicar a José e a Maria que ali vive uma família que lhes dá boas vindas. O Santo Padre disse: “Em qualquer lugar onde eu estiver, ainda nos últimos confins da terra, se um Búlgaro sem teto passar por minha casa, será uma vela acesa à janela. Se lhe bater à porta será aberta, seja ele Católico ou Ortodoxo. Basta que diga: “Um irmão da Bulgária”. Poderá entrar e receberá em minha casa a mais carinhosa e calorosa hospitalidade”.

Dessa caridade brotará a necessitada compreensão, assim uma adoção com profunda e recíproca. Ela nos permitirá superar ressentimentos e o falso preconceito. Dela emanará

um autêntico, pela união, e também o desejo de fazer tudo o que estiver em nosso poder por nossos irmãos separados. Apressaremos estarão desejada hora, em que haverá no mundo um só rebanho e um só Pastor”.

- O que poderá fazer o Concílio para encorajar a atual colaboração com Cristãos não católicos?

- Primeiramente, no domínio da teologia, poderá encorajar discussões ecumênicas entre as pessoas indicadas para isto. Há ainda o domínio da colaboração na vida cívica e social. Ai também, o Concílio poderia tomar uma posição. Pense na coisa maravilhosa que seria se os cristãos de todas as confissões trabalhassem em estreita harmonia pela paz internacional, pela execução dos direitos humanos dos grupos missionários e dos grupos raciais, pelo desarmamento, pelo progresso social das nações que se desenvolvem. Tal colaboração poderá, na verdade, muito a contribuir para uma eventual união anterior. Nunca seremos um só na fé se não formos um só na caridade.

(*) O Padre Bianchi é um jesuíta da Califórnia que terminou seus estudos de Teologia na Universidade de Covaine, na Bélgica. Sua entrevista com Bea se realizou em Roma, em princípios de julho p.p.

Documento 8

Instalando O Concílio Ecumênico Com Discurso Do Papa João

XXIII¹²

Cidade do Vaticano, 11 – O Papa, falando ocasião da instalação solene do II Concílio Ecumênico do Vaticano, disse que é evidente, como nunca, que a verdade do Senhor permanece sempre: vemos, com efeito, ao passar de um tempo a outro, que as opiniões dos homens se sucedem e, apenas nascidas, se desvanecem como a neve diante do sol. Sempre se opôs a Igreja a estes erros. Frequentemente os condenou com a maior severidade.

Em nossos tempos, no entanto, a esposa de Cristo prefere usar a medicina da misericórdia mais que a cega severidade. Há que remediasse os necessitados, mostrando-lhes a validade de sua doutrina sagrada do que os condenando. Não é que falem doutrinas falazes, opiniões e conceitos perigosos a prevenir e dissipar. Mas eles estão assim em evidente contraste com a reta normal da humanidade e têm dado frutos tão pecaminosos pela excessiva confiança nos progressos da técnica, no bem estar fundado exclusivamente nas comunidades da vida.

Cada dia estão convencidos ao máximo valor da dignidade da pessoa humana e de seu aperfeiçoamento e de diplomacia o que isso significa. O que mais conta é que a experiência lhes ensinou que a violência causada a outros, o predomínio pontifício, de nada serve para uma feliz solução dos graves problemas que os afligem. Estando assim as coisas, a Igreja Católica, ao elevar por meio deste Concílio Ecumênico, a tocha da verdade religiosa, quer mostrar-se consciente, cheia de misericórdia e bondade para com seus filhos separados delas. A igreja não oferece riquezas caducas aos homens de hoje ou promete uma felicidade só terrena que não os faz participarem dos bens da graça divina. .

E mais adiante diz o Sumo Pontífice:

“Hoje a Santa Madre Igreja regozija porque em virtude de um presente especial da Divina Providência elegeu o dia tão desejado em que o Concílio ecumênico se inaugurou solenemente aqui junto ao sepulcro de São Pedro, com a proteção da Virgem Santíssima”. A sucessão de diversos concílios, celebrado até agora, tanto os vinte ecumênicos, como as inúmeras reuniões provinciais e que não deixaram também

¹² **A Cruzada**, Aracaju, 13 out. 1962. P. 1

de ter sua importância constam na virtude da Igreja Católica, e anotaram os pontos luminosos de sua história.

A atitude do mais recente humilde filho de São Pedro que vos fala, ao convocar esta soleníssima assembleia, tem a finalidade de afirmar, uma vez mais, a continuidade do magistério eclesiástico, para apresenta-lo de uma forma excepcional, e todos os homens de nosso tempo, tendo em conta os desvios, as exigências e oportunidades da Idade Média.

É muito natural que, ao iniciar-se o Concílio universal, nos seja grato de dar uma olhada ao passado, como para recolher suas vozes, cujo eco acalentador queremos voltar a escutar unido à lembrança e aos méritos de nossos predecessores antigos e recentes: vozes solenes e veneráveis, do Oriente e do Ocidente, do século IV à idade Moderna, às quais transmitiram testemunho daqueles concílios, vozes que proclamam com fervor perene o triunfo desta instituição divina e humana que é a Igreja de Cristo, de quem recebeu o nome, a graça e o significado.

Este é no caso motivo de jubilo espiritual e é, no entanto, que sobre evidente existência, através de mais de 19 séculos, uma nuvem de tristezas e de provas.

São palavras ainda do Papa, ao inaugurar nosso Concílio:

“Nosso dever não é somente guardar este tesouro precioso e para nos ocupamos da dignidade, mas também decidimos que a vontade aflige seu rebanho que exige nosso tempo, que peregrina a caminho da Igreja persegue a vinte séculos. Nem a tarefa principal do Concilio estará em discutir um outro artigo da doutrina fundamental da igreja, repetindo com mais difusão o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos que supomos que conheceis e tendes presentes em vosso espírito.

Para isto não era necessário um Concilio. No entanto, da adesão renovada, serena, e tranquila a todos os ensinamentos da Igreja, na integridade e precisão, espera-se que seja dado um passo a diante numa penetração doutrinal e um formação das consciências que estejam em correspondência mais perfeita com a fidelidade da autentica doutrina, estudando esta e expondo-a de conformidade com os métodos da investigação e com a expressão literal que exigem os tempos atuais”.

Resultado do Concilio

Alguns grupos nacionais de Bispos realizarão consultas preparatórias, enquanto outros examinarão os documentos sobre a organização das deliberações que foram distribuídas recentemente. Os eclesiásticos do Concilio vieram, segundo palavras do papa João XXIII,

para renovar, revigorar e purificar a Igreja, e dar início a uma prologada tarefa destinada a lograr a unidade cristã. Realizam suas reuniões na Basílica de São Pedro, construída no século XVI, no local em que os cristãos formam queimados vivos ou entregues a voracidade das feras. Alguns bispos, aos quais se denomina “conservadores”, não veem razão alguma para modificações de maior importância. Outro às vezes chamados de “inovadores”, advogam modificações de importância. De qualquer maneira, o resultado originará as futuras diretrizes e ações da igreja e indubitavelmente, terá um impacto de grande importância em sua vida durante anos- talvez séculos.

Concentração

Cerca de 25 000 pessoas se concentraram na praça de São Pedro aos gritos de “Viva o Papa”, enquanto o pontífice percorreu o local em solene e majestosa processão entrando na Basílica.

Participaram do desfile cerca de 3 000 pessoas entre cardeais, bispos, patriarcas e outros altos dignitários religiosos com direito a assistir ao Concílio, e em numero idêntico de membros da Diocese de Roma. Espera-se que o Concílio dure pelo menos um ano. O primeiro de sessões terminará a 8 de dezembro e o segundo se iniciará pouco depois da Páscoa.

O clero na cortina de ferro

De particular importância para o concílio e de especial interesse para o Papa são os membros da “Igreja do Silêncio” que se encontram nesta capital numa de suas raras visitas fora da Cortina de ferro. O mais eminente é o Cardeal Stefan Wyszynski, o primaz da Polônia. Outros são altos dignitários da Hungria, Iugoslávia, Tcheco- Eslováquia e Alemanha Oriental. Dos outros países comunistas, os poucos prelados que estão não puderam vir porque ou estão encarcerados ou os governos respectivos lhe recusam autorização de saída.

A Igreja Ortodoxa Russa decidiu enviar observador.

Bispos Brasileiros

Um grupo de 100 bispos brasileiros, chefiados pelo Cardeal Álvaro Augusto da Silva, Arcebispo de Salvador, chegou ontem por avião, a fim de assistir ao Concílio Ecumênico. Procedente de Nova York chegou também o Cardeal Francis Spellman. Foi recebido no aeroporto pelo Arcebispo de Los Angeles, Cardeal McIntyre. Enquanto isso, o Santo

Sínodo da Igreja Ortodoxa Grega anunciou ontem que não enviará observadores ao Concílio. Disse um porta-voz do Sínodo que uma consulta entre as igrejas ortodoxas demonstrou que a maioria delas preferiu manter-se alheia.

Documento 9

Luteranos e Metodistas Designaram Observadores Ao Concílio

GENEBRA, agosto (NC) – A federação Mundial Luterana designou o dr. George Lindbeck, professor da Escola de teologia de Yale, e o dr. K. C. Skvdsgaard, professor de Teologia da Universidade de Copenhagen. Dinamarca, como delegados observadores da referida Federação protestante no próximo II Concílio Ecumênico Vaticano. A Federação é constituída de grupos luteranos de 30 países, com um total de 50 milhões de membros.

Por sua vez o Conselho Mundial Metodista (protestante) designou três observadores oficiais e seus substitutos para o próximo concílio. Entre eles figura o bispo metodista de Filadélfia. Estados Unidos, Frei Piece Corson. O metodismo protestante tem em todo o mundo uns 13 milhões de seguidores.

Documento 10

Católicos Uruguaio Oram Pelo Concílio Ecumênico¹³

MONTIVIDEO, agosto (NC) – Realizou-se aqui, uma grande manifestação de orações pelo II Concílio Ecumênico Vaticano, em que os católicos uruguaio fizeram pública demonstração de fé e adesão.

Por outro lado, a União Nacional do Ensino Católico, que congrega todos os estabelecimentos de ensino católicos do país, organizou um concurso escolar sobre Concílio, importância transcendência da assembleia ecumênica, e preparação das crianças e católicos uruguaio para a sua participação espiritual efetiva. Além dos alunos das escolas católicas, primárias e secundárias, podem tomar parte no concurso os cristãos, os membros aspirantes da Ação Católica as Bandeirantes e Escoteiros Católicos.

Igualmente o Apostolado dos Enfermos, organização especializada da AC, iniciou uma intensa campanha para que os doentes ofereçam seus sofrimentos na intenção do Concílio.

Pretende-se enviar à Santa Sé bolsinhas com grãos de trigo como oferta simbólica de resignação cristã por parte dos enfermos uruguaio. Cada grãozinho de trigo representará uma hora de sofrimento.

¹³ **A Cruzada**, Aracaju, 13 out. 1962. P. 2

Documento 11

Aracaju Mobilizada Para Uma “Semana Do Concílio Ecumênico”¹⁴

De 21 a 27 grandes movimentos em todas as Paróquias da capital – Renovação de Compromissos da ação Católica

Atendendo ao convite do Vigário Geral da Arquidiocese, Mons. José de Araújo Machado, reuniram-se, na quinta – feira passada os vigários das paróquias da Capital e os membros da Ação Católica Arquidiocesana para tratar da realização de uma Semana de Estudos sobre o Concílio Ecumênico Vaticano II, a qual abrangerá os dias de 21 a 27 do corrente. Em virtude da ausência de Frei. Edgar que estava convidado para falar na reunião, mas não pôde fazê-lo por ter viajado ao Recife, o Dr. Paulo Almeida Machado, usando da palavra, fez o histórico dos antecedentes próximos e remotos do Concílio, das Comissões e secretariados que o integram, ressaltando as finalidades desta grande Assembleia que reúne cerca de três mil Prelados da igreja “para conseguirem – segundo palavras de João XXIII citadas pelo orador – “o incremento da fé católica e a saudável renovação dos costumes do povo cristão e para que a disciplina eclesiástica possa adaptar-se melhor às necessidades dos nossos tempos.

PREPARAR A UNIÃO

No que tange ao entendimento de todos os cristãos, esclareceu que este Concílio não é da União, citando ainda João XXIII – “o primeiro e imediato objetivo do concílio é apresentar a igreja de Deus em seu perene vigor de vida de verdade, e com sua legislação ajustada às circunstâncias atuais, de maneira que responda cada vez mais à sua missão de hoje e de amanhã. Depois, se os irmãos que se separaram e que estão divididos entre si quiserem concretizar o consumo desejo da unidade, podemos dizer-lhes com vivo afeto. Esta é vossa casa, esta é a casa de todos os que levam o sinal de Cristo”. Terminou o conferencista pedindo a Ação Católica a renovação espiritual, na oração e no fervor religioso, para que o Concílio tenha eco em nossas vidas.

¹⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 21 out. 1962. P. 1

PROGRAMA

O presente Paulo Machado apresentou então aos sacerdotes presentes e à Ação Católica o programa planejado, recebendo as apreciações e o apoio incondicional de todos, numa bela sintonia de clero e laicato. Acordaram assim os presentes que, de 21 a 27, todas as paróquias da capital fariam movimentos de esclarecimento ao povo sobre o Vaticano II, inclusive com uma solenidade na Matriz, juntamente com a cooperação do laicato. Ficou resolvido que a Hora Católica exploraria o mesmo tema.

Na ocasião, comunicou o Presidente que o Vigário Geral, Mons. José Machado, pediu a cooperação dos educandários e ginásios da cidade, para premiarem a melhor composição sobre o Concílio, devem o trabalho premiado ser removido para o Programa Gato de Botas, onde será lido, podendo inclusive a Prof. Aglaé Fontes entrevistar o aluno, no seu programa das 17:50 na Rádio Cultura, que, na próxima semana, será dedicado totalmente ao grande movimento, às 16:30hs do sábado, uma dramatização aberta para as crianças na Sede da Ação Católica.

Será também solicitada a cooperação do comércio para durante os dias 21 a 27, permitir a exposição de cartazes em suas vitrines, trabalho a cargo do Ginásio São José.

RENOVAÇÃO DE COMPROMISSOS

No sábado. 27, às 19:30 será o encerramento solene da catedral Arquidiocesana, quando os membros da Ação católica renovarão seus compromissos, seguindo-se a Sessão do Concílio, que terminará coma oração comunitária.

No dia 28, domingo, Festa de Cristo Rei, toda a Ação Católica, além de receber a Sagada Comunhão, tornará parte efetiva na Petrobrás está empenhada num vasto programa administrativo tendente a ampliar sua capacidade de exploração das reservas petrolíferas do subsolo.

Documento 12

O Papa Fala Ao Mundo¹⁵

CIDADE DO VATICANO, 25 – O Papa João XXIII, demonstrando sua grande preocupação pela crise Cubana, dirigiu hoje um apelo urgente, em forma dramática, aos dirigentes mundiais para que façam tudo o que esteja ao seu alcance para salvar a paz.

A alocução do Pontifício durou dois minutos e meio, suplicando os líderes mundiais que se esforcem quanto possam para preservar a paz mundial. Falando em francês, o Papa usou um tom comedido e sereno. Sua súbita decisão de falar ao Mundo tomou o vaticano de surpresa. Disse que os líderes mundiais, procedendo desta maneira, pouparão o mundo dos horrores de uma guerra que poderia ter consequências desastrosas, que ninguém pode prever.

“Que eles continuem a negociar, porque isto é legal e nobre. Devem aceitar as negociações em todos níveis e em todos os tempos. Isto é uma regra de sabedoria e prudência que declara as bênçãos do céu e da terra”, frisou o Papa XXIII.

¹⁵ A Cruzada, Aracaju, 27 out. 1962. P. 1

Documento 13

A Igreja Em Concílio¹⁶

2) A IGREJA EM DIÁLOGO

Renovação para quê? Vejamos como o Papa caracterizou o Concílio: “O fim principal era o de promover o desenvolvimento da fé católica, a renovação moral da vida cristã dos fiéis, a adaptação da disciplina eclesiástica às necessidades e métodos de nosso tempo. Isso será para o homem um espetáculo admirável de verdade, unidade e caridade e, para aqueles que estão separados desta Sé Apostólica, um convite para procurar encontrar a unidade, pela qual lançou Jesus ao Pai celeste numa ardente oração. A transformação tende a adaptar a igreja aos tempos atuais e a preparara unidade: o mundo a moderno e as curas cristãs: estão no centro das preocupações. Mudamos para ir ao encontro. Saímos de uma estrutura de defesa e entramos em estrutura de diálogo em três planos: com os cristãos separados, com as outras grandes crenças – no sentido mais amplo do termo – e com a civilização que nasce. O segundo, quase não foi começado, podendo apenas prever-se o trabalho de futuras gerações, superados tantos preconceitos e atitudes apaixonadas. Traríamos dos outros dois.

a. **Diálogo entre cristãos**

Quando em janeiro de 1959, inesperadamente, João XXIII falou de união ao palavra e Concílio, muitos tiveram a impressão que se resumiria o fracassado esforço feito pelo II Concílio palavra (1274) e pelo de “Proença” (1488), de chegar a uma mediata unidade das opiniões conciliares. Depois as filas foram alinhadas e viu-se que a unidade teria um fim mediato, precedido pela renovação... ouve quem falasse em recuo devido à pressões sobre o Papa. Que em havido pressões, o mostra um vivo diálogo entre Sua Beatitude Máximo IV Saigh, patriarca melquéia, campeão do ecumenismo, e Giorgio La Piza, o intrépido prefeito de Florença. Mas isso não foi determinante. Acima de tudo, houve a ordenação, no tempo, de intenções simultâneas. As primeiras declarações do Papa traziam confundidas em sua pureza original, antes intuitiva que discursiva, os elementos de inspiração “cuja espontaneidade diz ele, nos atingiu como um golpe rápido e inerente na humanidade de nossa alma” (alocução ao clero de Veneza em 21-4-59). Um trabalho de união não se faz de uma hora para outra.

¹⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 27 out.1962. P. 2.

Existe preparação, explicação de disposições especiais, reflexão teológica aguçada e, acima de tudo, a ação imprevista da Graça de Deus. O admirável livro de Hans Kunk. “Concílio e volta à unidade”, traz um subtítulo educativo: renovar e, para sustentar a unidade. Mas, junto com a renovação e por exigência dela, deve haver um mútuo conhecimento e a reflexão em comum.

O trabalho pela união não começou com o apelo do Papa, como muitos podem crer. Desde muitos anos, pequenos e fervorosos grupos em união a hierarquia se deveram ao problema do protestantismo ou da ortodoxia, palavras Século XIX o Pe. Portal encontrava o Vaticano, Lara Halifax e Leão XIII incentivava o diálogo. Como resposta a um apelo de Pio XI ao abade primazia de Pedro, Beato, criou-se em Amay um mosteiro beneditino, depois transferido para Chevotegne (Bélgica), dedicado ao ecumenismo, Couturier, Dumont, Congar, Watson, Dom Lambert Geauduin, Willebrands e tantos outros têm trabalhado, perseverantemente, pela união, conscientes das dificuldades a vencer. Depois do caminho aberto por todo um movimento profético, a voz do Magistério veio assumir sua solicitude paulina por todas as igrejas, incluídas das separadas.

A visita do arcebispo de Centuária ao Papa, a dos enviados deste a S.S. Atenégoras 1º patriarca Greco- ortodoxo Constantinopla (Istanbul), são fatos que até ontem pareciam impossíveis. Não veremos, proximamente, o Patriarca do Ocidente, em que reconhece preexistência em dignidade, ainda que não haja acordo no tocante à primazia de Pedro tal cena definida pelo I Concílio do Vaticano? Católicas, protestantes e ortodoxas se reúnem em Chevetogne e no mosteiro protestante de Taize. Na Holanda, país de ampla confessionalidade, um sacerdote e um pastor têm tentado numa igreja, sucessivamente, sobre um tema bíblico. Os exemplos se multiplicam, condicionados pelas diferentes doações históricas. No Brasil, sacerdotes e pastores têm-se encontrado.

No campo não católico, deve-se salientar, como esforços paralelos ao do Concílio, a recente Conferência Pan-ortodoxa de Redes e a III Assembleia Geral do Conselho Ecumênico das Igrejas, que acaba de receber em seu seio a Ortodoxia russa e à qual, oficialmente, a Igreja Católica enviou cinco observadores.

O Concílio não poderá responder unilateralmente o problema da unidade. Preparará o terreno. Ainda persiste uma dificuldade fundamental na maneira de conceber a Igreja por uns e outros, além de diversos pontos controversos. Mas,

certos empecilhos aparentes começam a ser afastados e o diálogo, que ainda será longo e difícil, se pode fazer sobre o essencial, sem tropeçar em preconceitos mútuos.

Documento 14

Marca Êxito A Semana De Estudos Do Concílio¹⁷

Vem marcando pelo êxito a “Semana de Estudos sobre o Concílio Ecumênico” promovida nesta Capital por iniciativa da Cúria Metropolitana e da Ação Católica.

A partir de quarta-feira realizaram-se sessões solenes nas Paróquias de Nossa Senhora Auxiliadora (Salestianos, São Pio X, N. S. do encerramento da Semana Conciliar na Catedral Metropolitana. Os vigários dessa Paróquia, Pe. Manoel Lacerda, Cônego Fernando Medeiros e Pe. Claudionor de Brito Fontes, deram ampla publicidade da promoção, conseguindo mobilizar imensa multidão de Católicos que comparecendo com interesse às conferências.

PALESTRAS AOS ESTUDANTES

Mercê destaque a sessão realizada para os estudantes dos estabelecimentos de nossa Capital, na noite de quarta-feira, 24 no Instituto Histórico e Geográfico. O auditório daquela Casa esteve repleto de outras classes, que assistiram com interesse as explanações. A palestra esteve a cargo do jornalista Joaquim Acioly, da equipe redacional de “A cruzada”, que focalizou de modo feliz e elucidativo, conclamando a Juventude a integra-se plenamente nos objetivos de renovação e unidade de que o Concílio está tratando.

SESSÃO NA CATEDRAL

Espera-se que haja grande afluência hoje à Catedral Metropolitana, onde se realizará o encerramento da “Semana do Concílio “com uma sessão em que falarão os drs. Paulo Machado e Jorge Montalvão, e o Pe. Claudionor Fontes. Antes da sessão haverá a cerimônia de renovação de compromissos dos membros da Ação Católica e após a mesma sessão será recitada por todos a “Oração Comunitária pelo Concílio”.

¹⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 27 out.1962. P. 4.

Documento 15

A Igreja Em Diálogo Com O Mundo¹⁸

Interessante trecho do artigo “A Igreja em Concílio” de autoria de Luiz Alberto Gomez de Souza, ex-secretário geral da JRC interacional.

Igreja e mundo estão podendo dialogar? Não se está criando uma nova mentalidade e um novo tipo de comunicação entre os homens que escapam àqueles que se conservam dentro de estrutura de pensamento e ação tradicional? Em outras palavras a Igreja pensa, fala e age dentro dos padrões de linguagem das gerações atuais? Isso é importante, porque a Mensagem deve transmitida a homens concretos, situados no espaço e no tempo e que a ela tem de aderir vitalmente. Vejamos outro exemplo. Fala-se muito em ausência de Deus do mundo operário. Só boa vontade, porém, não resolve. Temos pensado se o testamento de nossa comunidade de fiéis é capaz de dizer qualquer coisa, interessar, o mundo oprimido? Se os cristãos, o clero, estiverem psicologicamente presos às classes mais favorecidas, também não conseguirão entender – e para agir é preciso começar por entender – a voz dos outros homens, a maioria, cujo gemido, discordante ontem nos, aos palavra enunciando reivindicações de sobreviventes, começa hoje a manifestar-se em atos de vontade irreprimíveis a sedentos de justiça. Poderão estar ausentes os cristãos das linhas de frente dos movimentos populares? E quando alguns militantes aí se lançam, sentem detrás de si a solidariedade e a correção fraterna dos outros cristãos, ou antes a suspeita e a censura negativa dos que insensíveis aos erros por omissão de nossa sociedade, estão prontos a saltar sobre a menor imperfeição da ação? Tudo isso tem de ser levado em conta pela obra conciliar. “Frente às necessidades dos tempos para que a igreja não seja apenas qualquer coisa que se aceita com constrangimento, mas que entra de cheio na convicção das inteligências” (João XXIII em 11-9-60).

A Encíclica *Mater et Magistra* referiu-se a dos pontos capitais no diálogo com o mundo: a socialização e o desenvolvimento. Vemos assim, o elo entre as preocupações do Concílio e o Magistério ordinário. Já se disse que o Concílio não abordará os problemas temporais porque a Encíclica o fez. Esta não deve, porém ser vista como um ponto de

¹⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 17 nov.1962. P. 4.

partida para uma ação e um estudo nestes tempos de “coisas novas”. Muito ainda se terá de dizer e fazer e é bem possível que o Concílio, no exercício colegial do Magistério, venha a continuar o que o Papa fez individualmente.

Aqui caberia todo um estudo da celebração litúrgica e da administração dos sacramentos, sinais sensíveis da Graça. Só os examinaremos a partir da mentalidade do homem atual, eles estão sendo sinais, isto é, estão transmitindo, comunicado? Ou parecem muitas vezes ritos mágicos ininteligíveis? O movimento litúrgico muito tem conseguido quanto à participação ativa dos fiéis. Muitas vezes, porém, ficou num nível intelectual elevado e distrito a pequenas comunidades. Começa agora toda uma fase de preocupação pastoral larga. Que trabalho.

Referindo-se ao Concílio, disse o Papa que ele deve “pôr em dia” a Igreja (o termo *ogglomrmento*, em italiano, é particularmente expressivo). Temos de incentivar nossa presença ativa num mundo que se complica e se une (socialização) e que, em suas raízes mais autênticas, longe de se opor ao cristianismo, se harmoniza mais do que nunca com a autêntica tradição do pensamento judeu-cristão, testemunhando assim o trabalho da Providência na história. Como é um mundo em processo de aceleração histórica (desenvolvimento), o presente deve ser analisado não apenas para responder às solicitações atuais, mas também e principalmente, para sentir nascer os rumos do futuro que, desde já, exige nossa tomada de posição. Pede-se aos cristãos uma atitude “introspectiva”. O XXI Concílio Ecumênico se faz para o século XXI e seguintes, formidável não espera o confronto entre educação popular e liturgia, a fim de que os gestos do culto falem a todos das obras de Deus!

Documento 16

O Papa Recomenda: Viver O Concílio E Honrá-Lo Pelo Fevor, Discrição E Oração¹⁹

Faz um mês que os padres conciliares estão trabalhando em Roma. Pode-se dizer que, todos, mesmo os adversários da Igreja, seus inimigos ferrenhos como também os Cristãos dissidentes compreenderam a importância deste acontecimento. Quando o Concílio Vaticano I foi anunciado há quase um século, os ateus, os maçons, livres pensadores daquela época elevaram a voz para ridicularizar e protestar. Os jornais da esquerda provocaram verdadeiros debates contra o Concílio e até nas Câmaras de Deputados da Europa em particular na Itália e na França houve tumultos entre líderes da direita e liberais de todas as correntes.

Desta vez na imprensa de todos os países do mundo mesmo os mais longínquos pode se ver o interesse e a atenção contínua e até mesmo uma certa esperança mais ou menos manifestada. Infelizmente não faltaram revistas ou jornais que para suscitar curiosidade e para fins publicitários procuraram defender ao apresentar opiniões particulares ou ainda queriam ver o Concílio realizar novidades segundo os gostos do momento. Isso não se justifica e prova bastante ignorância.

O concílio atual oferece grandes perspectivas, mas antes da novidade, é preciso pensar em verdade.

Verdade melhor conhecer e manter difundida melhor ouvida: assim diz, o Papa João XXIII ultimamente: “A Igreja quer ser procurada tal como ela é, na estrutura íntima, apresentando primeiramente aos seus filhos os tesouros de fé e de graça santificante.

A igreja, diz o Cardeal Montini, procurará fazer-se compreender e dar aos homens a faculdade de ouvi-la. Por isso, repetirá ao mundo as suas sábias palavras de dignidade humana, de lealdade, de liberdade, de amor, de coragem e de sacrifício.

¹⁹ **A Cruzada**, Aracaju, 24 nov.1962. P. 2.

E o Cardeal Suenens: “O Concílio não será uma revolução na igreja, isto é uma ruptura de continuidade”. Não se deve esperar do Concílio decisões que jamais ela poderá tomar em matéria de fé ou de moral. A hierarquia não dispõe a seu bel prazer da Revelação, a sua missão é guardar fielmente o depósito recebido e traduzir sem alterar os preceitos e os pensamentos do Mestre. Ela deve expressar-se numa linguagem adaptada a cada época e conforme a psicologia e o gênio particular a cada povo que ela evangeliza. Mas o que ela deve dizer o conteúdo da mensagem, não dirá para agradar à mentalidade moderna, que o demônio não está trabalhando na terra, que tudo é lícito em matéria de “birth control” ou de divórcio, que o pecado não é mais pecado. Fora disso o Concílio terá a única oportunidade de expressar-se em função do mesmo hodierno, de receber o que há de bom nas suas técnicas e seus métodos, de ouvir seus contemporâneos e de traduzir-lhes a mensagem de Jesus com métodos adequados para o fim que ela quer alcançar.

Assim Vaticano II dará como diz o Cardeal Frings “uma nova autoridade à palavra de Deus.

Documento 17

Observações Sobre O Concílio²⁰

Pe. Luciano Duarte

Faz vários meses que o presidente da França, o General Da Gaulle, fez uma declaração desconcertou a imprensa francesa – “O Concílio Ecumênico será mais importante do século”.

O General não ajustou à sua afirmação um adjetivo que reduziria muito o alcance da frase. Ele não disse: “o acontecimento religioso do século mais importante do século”, mas, “acontecimento”, tout court.

Ora quem está em Roma, seguindo o Concílio, e não apenas o julga pelo pouco que ele já deu, mas o presente com segurança, no muito que ele esboça, na ampla perspectiva que ele adota na coragem de encerrar os problemas numa dimensão do mundo, sente espontaneamente voltar à sua memória a frase do grande estadista europeu, e se inclina a dar-lhe razão...

Quando o primeiro Concílio do Vaticano, em 1870, promulgou o dogma da inefabilidade pontifícia, marcando ao mesmo tempo uma era de centralização do poder espiritual católico nas mãos do Papa, teve-se a impressão de que a época dos grandes Concílios tinha terminado. O Papa sempre gozara na igreja da suprema autoridade dogmática e disciplinar que lhe vem do primado de jurisdição conferido a Pedro (e a seus sucessores) por Jesus. Mas, a promulgação solene desta verdade em forma dogmática como um reflexa natural, sugeriu a impressão de que absolutamente pontifício só seria, por isto mesmo reforçado, e de que a voz dos Bispos, que dividem com e sob a autoridade do Papa, o governo e o magistério na Igreja, teria que ecoar cada vez mais baixo. Seria esta sensação procedente e verdadeira?

Na realidade, não. A finalidade dos grandes Concílios não é a de ajuntar ao Papa um grão de autoridade (de que ele, teologicamente, não precisa), mas de trazer-lhe a grande voz da Igreja universal, o sentir comum da Igreja na qual o Espírito Santo está presente e a qual ele fala. O Papa é o doutor supremo da fé, mas foi também “O Espírito Santo que pôs os Bispos para regarem a Igreja de Deus”, como o declara o livro dos Atos dos

²⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 09 dez.1962. P. 3.

Apóstolos. Deste ponto de vista, nenhum organismo na Igreja pode substituir um Concílio, e isto assegura também as convocação periódica.

Os Concílios Ecumênicos anteriores, em geral, foram realizados debaixo de necessidades em que se sentia a Igreja de resolver um problema de fé, ou de fazer face a uma heresia que dilacerava a unidade do Corpo Místico de Cristo do Papa João

XXIII, é que, como o Papa o declarou no seu importantíssimo discurso de abertura, “este Concílio não foi convocado contra nada nem contra ninguém, mas para buscar positivamente os novos caminhos de levar o Evangelho aos homens”.

Será que João XXIII está abrindo a estrada, na direção do que desejarem os teólogos do Concílio Ecumênico de Constança, quando eles propuseram que, regular e periodicamente, fossem convocados Concílios universais?

Realmente, a Igreja, devido à sua própria natureza de dever continuar essencialmente imutável, sente, de século em século, a necessidade de adaptar a linguagem perecível com que exprime a Ideia eterna, para que o som da sua voz não se torne incompreensível aos ouvidos dos homens.

Está justamente aí um dos sinais primeiros de transcendência da Igreja de Cristo, tal qual a história a revela aos homens, ela é capaz (vinte séculos o atestam) de unir a Verdade à Vida, ela que tem como Cabeça e Mestre aquele que disse de si mesmo: - “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida”. E Jean Guitton, observador oficial junto ao Concílio, representando a Academia Francesa (e único leigo católico a quem o Papa autorizou estar aos trabalhos conciliares) dizia, aqui que em Roma, há poucos dias, que foi justamente esta capacidade dinâmica da Igreja de adaptar-se aos homens sem mudar num “iota”, relativamente essencial, que orientou Newman, o grande convertido inglês, “na sua subida em direção de Roma...

A intenção fundamental do Papa, ao convocar o Concílio, era o “aggiornamento” (atualização, renovação) da Igreja. E a grande maioria dos Padres Conciliares não só atendeu aos apelos do Papa, mas encontrou nele o eco do seu próprio desejo profundo, e está mostrando por atos sua decisão de lhe ser fiel.

Se confrontamos este Concílio Ecumênico do Vaticano com os outros Concílios Ecumênicos procedentes, vários pormenores põem em relevo sua singularidade.

O mundo moderno, com todas as suas conquistas científicas que mudaram fundamentalmente a maneira de viver no planeta é, o responsável positivo pela amplidão das proporções do Concílio. Para tomar parte do Concílio de Trento, Dom

Frei Bartolomeu da Mártires, Bispo de Braga, em Portugal, partiu de sua sé episcopal, no dia 24 de março de 1561, e chegou a Trento, no norte da Itália, a 18 de maio. Uma longa e penosa viagem, em carro puxado e cavalo, cortando toda a Espanha e o sul da França, durante quase dois meses...

Hoje, se percorrem os dez mil quilômetros que separam o Rio de Janeiro de Roma, em 14 horas de vôo e jato...

Mas, não são apenas as transformações da vida trazida pela técnica que emprestam uma fisionomia toda especial ao Segundo Concílio do Vaticano. A própria extração da Igreja, sua penetração e sua sólida implantação em área onde, até o século passado, sua presença era incerta e tímida, faz com que a face humana da Sala Conciliar seja completamente diversa da que estava presente em outros Concílios precedentes.

No Primeiro Concílio do Vaticano, que durou de 8 de dezembro até o mês de janeiro de 1870 (quando o Concílio foi interrompido, em vista da agitação política e da guerra na Europa), havia 704 Padres Conciliares presentes. No atual Concílio, há 2.500. E assim é que, se no século passado foi bastante preparar o braço esquerdo da Basílica de São Pedro (do lado da epístola), para servir de Sala Conciliar, desta vez foi toda a imensa nave da incomparável igreja de Miguel Ângelo que foi disposta, de um lado e de outro, com filas ascendentes de assentos, para poder conter os dois milhares e meio de Padres do Concílio. E outro pormenor fundamental: no Primeiro Concílio do Vaticano, todos os Padres Conciliares eram de raça branca, e quase todos de formação europeia. A identificação entre a Igreja de Cristo e o ocidente estava no auge, trazendo para o Evangelho as consequências equívocas que se conhecem.

Agora, entre os 2.500 Conciliares, há centenas de Bispos que não são de raça branca. Pela primeira vez, Roma se vê inundada de Prelados pretos, africanos de cepa legítima, de carapinha impenitente, como também de asiáticos de pele bronzeada e de olhos de amêndoa. O Papa João XXIII fez questão, pouco tempo antes do Concílio, de que sobretudo estes dois Continentes, a África e Ásia, aparecessem com uma representatividade alta e autêntica. E, chamados a Roma, aqui mesmo foram sagrados numerosos sacerdotes africanos e asiáticos, a queira, nos próximos meses do corrente ano, a Santa Sé confiou o governo de várias dioceses nos seus países.

No seio de toda sociedade humana que dura através do tempo, forçosamente em breve os se manifestam diversas correntes. Os homens levam seus temperamentos, suas possibilidades positivas e suas limitações, para onde quer que vão... Também é assim, naturalmente, nesta sociedade singular que é a Igreja, de natureza divino-humana, na qual,

como no véu de Verônica, a Face do Senhor está presente através das desfigurações humanas.

Os dois polos mais em relevo, no Concílio, são os que dizem respeito à atitude conservadora ou renovadora dos Padres Conciliares. Na administração da Igreja, os órgãos de direção estão em Roma, e a grande maioria dos elementos humanos têm sido, até agora, tomados da Itália. Talvez em boa parte por isto, a Itália se apresenta, no eu episcopado, como uma campeã do conservantismo, seguida por vozes raras ou numerosas, de quase todos os países. Mas, a grande surpresa que o Concílio trouxe a Roma (certamente entretanto, não foi surpresa para o Papa), foi a voz livre e inquieta, do ponto de vista pastoral, da grande maioria dos Padres Conciliares. Uma coisa é olha a Igreja a partir do ângulo de um “bureau”, outra é viver a realidade do mundo descrimizado ou simplesmente pagão. Uma coisa é condenar teoricamente o marxismo, outra é sofrer na carne os problemas espirituais terríveis de uma civilização progressista e materializante (tentando fazê-lo) a aspiração sobrenatural do homem, que apesar de tudo, precisa ser salvo e posto em contato com o Evangelho.

O momento mais grave do Concílio, nesta primeira fase, ocorreu no dia 20 de novembro. Naquela data, depois de vários dias de penosa discussão, o texto do capítulo sobre as Fontes da revelação (a Bíblia e a Tradição) foi posto em votação. O Cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, era o principal responsável pela feitura do referendo capítulo. Muitos Padres Conciliares (como os Cardeais Bea, presidente da Comissão para a União dos Cristãos; o Cardeal Doedfner, da Alemanha; Alfrinks, da Holanda; Lténart, da França, etc.) atacaram o texto do esquema de rijo, achando-o estreito, e sobretudo acusando-o de trancar os passos à marcha para a união dos católicos com os protestantes. Por ordem do Papa, o esquema foi posto em votação, no dia 20. Mas, não se sabe bem porque, os termos da votação apresentados pela Mesa, não foram lá tão claros. Não se perguntou simplesmente se a assembleia aceitava ou não o esquema, mas sim se a assembleia queria que a discussão continuasse, para refazer o esquema, ou então se os Padres queriam suspender a discussão e enviar o esquema para ser completamente refundido. O resultado da votação foi que 822 Padres votaram pela intimação da discussão com o mesmo esquema, e 1.368 pela sua rejeição, estes não atingiram os dois terços necessários para que sua resolução tivesse validade, dentro do regulamento do Concílio. A depressão moral de muitos Padres Conciliares era visível, e a imprensa (sobretudo a francesa) a assinalou com destaque. Ora, na manhã seguinte, veio a grande e grata surpresa: o Papa interveio pessoalmente, e levando em conta a quantidade dos votos

suspensos a discussão daquele assunto, para que o texto fosse, completamente refeito, por uma Comissão por ele nomeada, onde serão ouvidas as vozes que se tinham pronunciado apostando as graves falhas do texto.

O clima de esperança renasceu, e uma pessoa categorizada dos meios do vaticano declarou, em conversa particular: - “Os últimos acontecimentos apontam o caminho que, durante o próximo século, será a estrada da Igreja” ...

João XXIII, ao anunciar o Concílio, há 4 anos atrás, dissera que a idade desta grande assembleia universal da Igreja desabotoara no seu espírito, por inspiração de Deus, como uma súbita primavera... A não está desmentindo a palavra profética do Ancião de Roma.

Documento 18

Semana Do Concílio Ecumêncio Em Estância²¹

Promovida pelo Monsenhor José Paes de Santiago, Vigário Geral da Diocese de Estância, realizou-se naquela cidade, entre 24 de novembro a 1º do corrente, Semana do Concílio Ecumênico.

As solenidades constaram de palestras sobre o Concílio em sessões noturnas, na Escola de Comércio, no Ginásio Sagrado do coração de Jesus e nas capelas dos principais bairros da cidade. Após as palestras eu tive com as pessoas do Padre Joaquim Almeida e do Dr. Paulo Almeida machado, presidente da Ação Católica de Aracaju, dois grandes colaboradores do Mons. José Santiago, desenvolveram em ambiente, de grande interesse, com perguntas e debates. No Ginásio “S. C. de Jesus” realizou-se, pelos alunos, um coro explicativo sobre o Concílio.

O encerramento da Semana do Concílio verificou-se na Catedral Diocesana em imponente solenidade oficiada pelo Mons. José Paez de Santiago, tendo como ato central a celebração do santo Sacrifício da Missa. A comunidade católica estanciana, participou intensamente do movimento, proporcionando-lhe pleno êxito.

²¹ **A Cruzada**, Aracaju, 09 dez.1962. P. 5.

Documento 19

Prof. Cullmann (protestante) fala do Concílio Ecumênico ²²

Cidade do Vaticano, dezembro- A 23 de novembro último, na sala da imprensa do Concílio Ecumênico, muitos jornalistas italianos e do estrangeiro puderam ouvir um discurso feito pelo professor protestante, Oscar Cullmann, conhecido exegeta, professor universitário em Paris e Brasileira. No dia seguinte, “L'Osservatore Romano” publicou a tradução da última parte desse discurso, na qual se acham resumidas as declarações mais notáveis do orador. O Prof. Cullmann acha em Roma na qualidade de observador não católico do Concílio, como convidado especial do Secretariado para a União dos Cristãos.

O Concílio fez um milagre

A própria existência do “Secretariado” para a União é uma das realizações ecumênicas que desde já podemos constatar no Concílio.

Se ele continuar a trabalhar neste sincero espírito ecumênico de respeito pelas outras Igrejas que caracteriza todos os seus atos e toda a sua atitude, é lícito considerar-se a sua existência como extremamente importante também para o futuro do ecumenismo.

Além disso, há a nossa presença dos observadores, no Concílio. E este propósito subscrevo inteiramente o que lhes disse o Cardeal Bea a esse respeito: é um milagre. Quando cada manhã, ocupamos os nossos lugares, que são como os lugares de honra, diante dos Cardeais: quando o Secretariado do Concílio, cada manhã, depois da Missa. Pronuncia o “*exeat omnes*” e podemos ficar em nossos lugares, admiro- me sempre de novo pelo modo com que estamos verdadeiramente integrados neste Concílio e fazendo minhas palavras do Cardeal Bea sobre o milagre, penso sobretudo no que os Concílios do passado significaram para os cristãos que não eram católicos. Não sei se os leigos se dão conta do que significa, sob esse aspecto, a nossa presença aqui.

Já se disse várias vezes nos jornais, e com razão, que estamos impressionados com a liberdade com que estamos impressionados com a liberdade com que os Padres do

²² **A Cruzada**, Aracaju, 19 jan.1963. P. 2

Concilio exprimem suas opiniões. Faço notar ainda a este propósito, a importância ecumênica do fato de que se de um lado registramos obviamente, como o exige nosso papel de Observadores, tudo o que se diz, de outro tomamos interiormente posição em relação ao que ouvimos, como o fazem os outros membros da assembleia. Sem esta tomada de posição, positiva ou negativa, escapar-nos-ia o sentido que revestem para a fé essas questões debatidas.

Contato assíduo com os padres conciliares

O Secretariado organiza todas as terças-feiras à tarde discussões entre nós e os Membros do Secretariado, entre os quais há vários Bispos e teólogos católicos bem conhecidos, e nessas ocasiões põe-nos em contato com outros Membros Padres do Concílio seja com os que contribuíram para preparar os esquemas, seja com os que têm uma competência particular em certas questões.

Mons. Willebrands leva em conta, para a preparação dessas discussões, todas nossas sugestões e desejos. Com a mais ampla liberdade podemos exprimir a nossa opinião e as nossas críticas. Assim, nossa participação no Concílio pode exteriorizar e estas discussões que se uniam e se encerravam com uma oração em comum, são geralmente muito fecundos, embora evidentemente nos choquemos com frequência na dificuldade sublinhada acima: mesmo quando há um acordo profundo sobre determinadas questões teológicas sentimos em outras permanecemos separados, sobretudo nas relativas ao que a fé católica fundamental “a mais que a nossa.

Mas o fato de ser possível uma discussão tão aberta e tão fraterna, e isto ao lado mesmo do Concílio, deve ser considerado como um elemento muito positivo, e merecerá uma menção particular da parte dos futuros historiadores do Segundo Concílio do Vaticano”.

Importância da confiança mútua

Disse que é preciso estar-se atento para não tirar conclusões erradas do clima de confiança recíproca que reina entre os católicos e Observadores neste Concílio. Mas, dito isso, desejo sublinhar a importância desta confiança que se traduz, em relação a nós no fato de sermos iniciados em todos os segredos, de aprendermos a conhecer as correntes de pensamento muito variado do catolicismo. Seria preciso apenas fazer votos que de que esta confiança se transmita das duas partes aos leigos das nossas Igrejas.

Passividade externa, mas opção interior

Nossa participação interior nos debates deste Concílio constituiu a meu ver um importante elemento ecumênico já realizado. Exteriormente somos Observadores passivos: mas interiormente vivemos esses debates com os nossos irmãos católicos interiormente formamos posição pró ou contra durante as sessões com a mesma atenção que eles, e foi isto que nos aproximou nestas últimas semanas de modo todo especial.

A vida dos observadores do Concílio

Não resta senão confirmar tudo o que disse até agora, falando brevemente de como se passa a nossa vida de Observadores do Concílio.

Nossa preparação para a observação dos trabalhos conciliares faz-se, de resto, em comunhão com a maior parte das nossas Igrejas, como os Senhores sabem, conscientes como estamos de que através deste laço invisível, estamos em comunhão também com os nossos irmãos católicos. Reunimos entre nós Observadores, duas vezes por semana de manhã para um breve culto, na Capela Metodista de Roma.

Por outro lado preparam-nos, cada um por sua própria conta, estudando os esquemas (também para nós este termo tomou a partir desse Concílio, um significado inteiramente novo!) que nos foram confiados, anotando-os, conformando-os com a Bíblia e comparando-a com os textos dos Padres da Igreja e com as decisões dos Concílios anteriores. Nessas reações individuais em face dos vários esquemas que vimos até agora, são evidentemente muito diversas, um nos agrada, outro nos desagrada um nos alegra, outro no desilude.

O secretariado pôs gentilmente à nossa disposição uma equipe de interpretes que com abnegação incansável traduzem, seja em francês, seja em alemão, inglês ou russo. Com efeito há diferença entre ler o latim disto para a maioria de nós não apresenta nenhuma dificuldade) e ouvir falar latim, sobretudo com pronúncias muito diversas. É preciso que o ouvido se habitue. Assim, agrupamo-nos por língua na tribuna que nos está reservada. Tenho o prazer de ter perto de mim como interprete de um monge beneditino que foi meu aluno há alguns anos na Sorbone. Hoje, inverteram-se papeis: ele é um pouco o meu

mestre no que concerne ao latim falado. Mas penso poder que os nossos interpretes já podem constatar algum progresso nos alunos, que já tem um pouco menos de necessidade de recorrer a eles do que no início. Só para compreender a intervenções de certos Padres do Concilio, cuja pronuncia trai por demais sua “língua vernácula”, encontramos ainda grandes dificuldades.

Documento 20

93 Anos Depois Do Concílio Vaticano I.²³...

Cardeal Francisco Koenig,

Arcebispo de Viena

(De “L’Observatore Romano”, especial para” A CRUZADA”)

Em sua alocução radiofônica de 11 de setembro, um mês exato antes da abertura do Concílio, o Santo Padre exprimiu a confiança e a alegria do seu coração pela missão da Igreja que se renova em um mundo em crise. Quanto mais, no Concílio, o olhar da Igreja se volta para o seu interior, tanto mais a humanidade esperará dela um influxo decisivo para a história do mundo.

O que se segue visa mostrar, em breves traços, a influência dos Concílios sobre a história espiritual passada e presente. Deverá ficar clara sobretudo a eficácia dos Concílios dentro do próprio campo da Igreja.

O Concílio de Trento foi a resposta à ruptura da unidade da fé na Europa; o Primeiro Concílio do Vaticano, reagiu contra a fragmentação da velha Europa em nome do iluminismo, do nacionalismo, do liberalismo e do movimento democrático.

Como pode definir-se a posição do Segundo Concílio do Vaticano, 93 anos depois?

Estar à altura dos tempos

Será preciso para isto, recordar o desenvolvimento dos acontecimentos históricos a partir do Concílio Vaticano I. O dogma então decidido de primado do Bispo de Roma- isto é, da infalibilidade do Papa em questões de fé e costumes, quando ele fala “ex cathedra” para toda a Igreja afirmar a sua fé em meio à secularização já iniciada e manter sua independência em meio a nacionalização em começo. A perda do Estado Pontifício

²³ **A Cruzada**, Aracaju, 26 jan.1963. P. 2

ocorrida logo depois do Concílio provocando um abalo hoje dificilmente compreensível foi um sinal de quão profunda havia sido a transformação das relações entre Igreja e Estado comparável apenas à ruptura do “Corpus Christianum” nos séculos XIV e XV. Também no interior dos próprios Estados, os católicos viram-se obrigados a assegurar-se o direito de palavra na vida pública, formada partidos. A organização jurídica a representação política dos partidos tiveram êxito de contragolpe sobre a situação e sobre a prática religiosa. Sob a pressão da mentalidade contemporânea, os católicos não raros refugiam-se em uma espécie de gueto para nele se entrencharem.

Porém a Igreja não só conseguiu salvar-se do ante-desmenbramento da Europa, ocorrido diante das duas guerras mundiais, mas justamente demonstrou, em ambas a ininterrupta força vital.

O Segundo Concílio do Vaticano, realiza-se sob o signo de uma revolução de alcance mundial. A consciência da unidade humana, a técnica, a fé na ciência e a potência de novas ideologias caracterizam a fisionomia de nossa época. A Igreja, como “Corpus Christi mysticum”, como o corpo místico de Cristo que cresce em todos os seus membros partindo do tempo ao encontro da eternidade, está muito profundamente ligada aos processos vitais e aos acontecimentos deste mundo. Como poderia então, não interessar inteiramente a ela um desenvolvimento tão revolucionário que lança no cristal todas as relações habituais? Será portanto objetivo a tarefa do Concílio, por meio de uma renovada e aprofundada auto compreensão da Igreja, estar à altura deste tempo- de um tempo que associa todas as raças e continentes em uma unidade do bem e do mal- fazendo com que a Igreja ressalte em sua fé e em sua verdade imutável, de modo a ser compreendida pelos homens deste tempo como resposta às mais profundas questões. A Igreja arma-se sob a guia seu chefe supremo para estar à altura de continuar sua missão no mundo de amanhã, de renovar a vida religiosa e de vir ao encontro da esperança da reunião de todos os cristãos em uma só Igreja.

Se a Igreja de Primeiro Concílio do Vaticano se encontrou diante do despedaçamento da Europa consequentemente a Reforma tem, hoje, diante de si o fim do Europeísmo, isto é o fato de que a humanidade não é mais um conceito abstrato mas uma realidade demonstrada por mil relações mutuas.

Cinco ameaças

São características desta situação:

- 1- A progressiva secularização da civilização do homem branco por meio da técnica e do bem estar decidindo que se vai estendendo a todo o globo terrestre. Privando cada vez mais o homem, em meio a essa civilização mundial de uma pátria do espírito e da alma.
- 2- Uma divisão do mundo em dois ou três blocos; um rápido desenvolvimento da técnica militar, e com isso uma concentração de poder favorecida pela técnica com o perigo do auto aniquilamento.
- 3- Ao mesmo tempo vemos a aparição de uma nova espécie de unidade ecumênica que inclui todas as raças e continentes, a crise por ela provocada em todas as velhas áreas de civilização, e a formação de um proletariado externo cujo nacionalismo serve de vanguarda na estratégia da revolução mundial comunista. Daí decorre o perigo de que a luta de classes que se verificou na Europa do século XIX seja seguida, no século XX, de uma luta global das raças.
- 4- O desafio lançado à fé cristã por um materialismo prático e por uma vida puramente mundana, enquanto nos países industrializados em torno do Atlântico começam a morrer também as ideologias políticas.
- 5- A ameaça contra o Cristianismo por parte do ateísmo militante dos regimes totalitários. Pela primeira vez na história da humanidade, persegue-se não uma “outra” religião, mas “a” religião. A isto se acrescenta um indiferentismo relativista nas nossas ditas classes abastadas, que, por causa da secularização, produz lacunas onde começam a difundir-se subprodutos de religião: o sincretismo e a superstição.

A completa independência da Igreja

Se se levar em conta esta situação mundial, na qual a humanidade se encontra diante de uma encruzilhada, a iniciativa do Papa João XXIII de convocar um Concílio Ecumênico da Igreja Católica, mostra sua significação providencial.

A partir do anúncio do Concílio, a 25 de janeiro de 1959 (“Ad Petri Cathedram”), os acontecimentos seguem-se a toda brida. Mal haviam chegado à primeira Comissão Ante preparatória as propostas e sugestões do Episcopado de todo o mundo foi criado pelo Motu próprio “Supremo Del Nutu” um conjunto de 10 Comissões e 2

Secretariados que se puseram imediatamente a trabalhar. A Comissão Central superior, em junho deste ano resumiu todos os trabalhos e apresentou ao Santo Padre suas propostas. Antes mesmo de estar terminando esse trabalho, o Concílio foi convocado oficialmente por meio da Constituição “*Humanae salutis*” de 25 de dezembro de 1961.

Enquanto, no princípio de sua longa série, os Concílios se reuniram no império dos sucessores dos Césares romanos e mais tarde nos dominadores do Ocidente, com o conflito entre “*sacerdotium et imperium*”; e, depois do Concílio de Trento e a exclusão da fé, as monarquias católicas foram as potências nas quais a Igreja pode apoiar-se, no Concílio Vaticano I, há quase um século, viu-se que ela começava a se libertar-se dessas amarras históricas. O atual Concílio realiza-se em nome da completa independência da Igreja dos vários Estados, das posições e das frentes que dominam hoje a política mundial como também das ligações de natureza geográfica, racial ou social, visto que, mesmo a questão social, que há 92 anos pairava como uma sombra sobre o curso dos acontecimentos e pela perda da classe operária foi o “escândalo” do século XIX, cedeu hoje o lugar a outras questões. A Igreja libertou-se também dessas cadeias históricas para poder marchar da Europa para o mundo. O trabalho próprio das Comissões e do Secretariados foi precedido de uma tomada de contato com tudo o que gera problemas e preocupações para os católicos e para a sua Igreja. Os pontos de vista dos Bispos, das Ordens religiosas e dos teólogos, enviados para todas as partes do mundo já enchem muitos volumes. Quando mais se adiantavam os preparativos, tanto mais foi crescendo o interesse da opinião pública, dando origem a desejos críticos e observações, formulados também por muitos leigos, que vieram depois a reunir-se, em seus ecos múltiplos, sob o exame, a seleção e a discussão das atívisimas comissões. Na história da Igreja nunca houve um Concílio fosse preparado de modo tão amplo e sistemático. Já se exprimiu o desejo de que vários órgãos dessa organização preparatória sejam mantidos em atividade mesmo depois do Concílio, porque não servem apenas internacionalização mundial da Igreja, mas também ao contato imediato do Papa com os problemas de todo o mundo.

Finalmente, no caso de o Concílio não produzir nenhum resultado positivo, já existiria um efeito do maior alcance: entraram em uma nova fase as relações entre a Sé Romana e as numerosas comunidades cristãs separadas. O anúncio da preparação do Concílio produziu em toda a Cristandade um campo de forças graças ao qual o escopo da

reunião passou do estado a esperança abstrata aonde um programa a realizar no amor, na paciência e na compreensão, embora, é claro, com uma perspectiva de êxito muito, muito longínqua.

Um novo clima

Não se trata, porém, de êxitos espetaculares, mas de uma mudança de clima de uma gradual aproximação e eventual colaboração em atividades práticas para questões que dizem respeito a todos os cristãos, como, por exemplo para a defesa da liberdade e dignidade do homem e para a luta comum pela paz do mundo. O apelo do Concílio em prol da interiorização e da reforma da fraternidade e da paz, já encontrou amplo eco além dos limites do mundo católico.

Quais são agora as tarefas imediatas do Concílio? Na plenitude do material preparado- onde mesmo as questões mais espinhosas e difíceis foram corajosamente enfrentadas- o Concílio fará uma seleção, indicará centros de gravitação preparará desenvolvimentos. Hoje não é possível prever o efeito ou o resultado. Serão tratadas importantes questões da doutrina referentes à Igreja e à unidade Eclesiástica ao Episcopado e a sua posição na Igreja, à evolução, á critica bíblica e à tradição e à defesa dos direitos humanos no estado e na sociedade pluralista de hoje; erros sociais e econômicos ocuparão o Concílio como também as questões relativas ao recrutamento para o sacerdócio, à teologia e à pastoral ao apostolado leigo e ao emprego dos mais modernos meios de comunicação. Uma liturgia mais próxima do povo, a radiação das missões, a internacionalização da Igreja, assim como a reorganização mundial da Igreja são todas as exigências que ocuparam de maneira diversas a Comissão Preparatória.

Em um mundo em continua mudança, a Igreja absorveu todos os elementos de verdade das culturas em decadência, incorporando- os à luz de uma ciência divina, ao tesouro indestrutível da sabedoria. Segundo uma palavra de João XXIII, será tarefa do Concílio de hoje equipar a Igreja para servir ao mundo de amanhã. Não se tratará de cravar novas trincheiras, mas de remover obstáculos históricos, de fazer emergir a Igreja como conselheira e guia de um mundo que tá se reformando.

Podem a ciência e a inventiva técnica impedir os homens de hoje a subirem às estrelas a verdade permanece sempre imutável, porque provem em última análise, não dos homens, mas de Deus; o Concílio dá testemunho desta verdade imutável.

O problema religioso- como justamente observem André Malraux ex- comunista e atualmente existencialista ateu e Ministro da Cultura na França- será questão dominante da humanidade por volta do ano dois mil.

Levando em conta meu conhecimento dos trabalhos preparatórios, faço minha a opinião de um historiador austríaco da Igreja: O Concílio será sem dúvida um acontecimento secular.

Diante de um mundo que será unificado e as acha exposto a tão graves perigos diante da idolatria e da “hybris” do poder, não será a última tarefa do Concílio, como “Sal da Terra e luz do mundo”, proclamar a sujeição do homem a Deus às Suas leis, não só no foro íntimo, mas também no público?

Ouso já agora apropriar-me das palavras do historiador austríaco: O Concílio será sem dúvida um acontecimento secular.

Documento 21

Os padres e a batina²⁴

O Sr. Arcebispo de Aracaju, durante sua recente estada em Roma, recebeu da Sagrada Congregação Consistorial a faculdade de autorizar o uso do “clergyman”, em da Arquidiocese, em lugar da batina.

Esta modificação acidental do traje eclesiástico provocará, inicialmente, uma explicável curiosidade, e em seguida, como em todos os lugares onde o fato ocorreu, o povo se habituará, e compreenderá perfeitamente as razões da mudança.

O problema se apresenta atualmente, da seguinte forma. Nos países anglo-saxônicos e em alguns outros, os sacerdotes e religiosos há muito tempo, não usam batina, a não ser durante as cerimônias religiosas. Na rua eles se trajam civis, em geral de preto ou de outra cor discreta, e usam um colarinho romano, que os identifica como ministros religiosos. Nossos ouvintes estão habituados a ver, em filme americano ou ingleses, este traje, que no Brasil quase não se conhecia, até pouco tempo.

Nos países latinos, ou ditos tais, em geral se tem conservado até agora o uso da batina, pelo clero, tanto dentro, como fora da igreja. Entretanto, a tendência agora nitidamente manifestada, também nestes países, entre os quais o nosso, é a de restringir o uso da batina somente às cerimônias religiosas, passando o clero a usar “clergyman”, ou seja um traje civil com um sinal que identifique o ministro religioso, quando fora o templo.

Parece-nos oportunos lembrar, em traços rápidos da história do habito eclesiástico. No começo do cristianismo os sacerdotes se trajavam como todo mundo. E o habito atilar, isto é que vai até os calcanhares e que até hoje é usada nas cerimônias do culto católico, era simplesmente a túnica que habitualmente usavam, habitualmente, há muitos séculos atrás. Depois, a maneira de vestir dos leigos se modificou, mas os eclesiásticos guardaram, através diversas variações, um modo de trajar quase sempre diferente do costume civil. As flutuações foram muitas, e a ideia simplista que a batina tem uma

²⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 02 fev.1963. P. 2

tradição tão antiga, quase, quanto a Igreja, é tão sumário quanto inexata. Na França, o uso obrigatório da batina tem apenas um século. Conhece-se também, na Itália, uma famosa pintura representando o Papa Leão XIII, no tempo em que ele era um simples Arcebispo, no traje não cerimonial, que, no século passado, era bem semelhante ao traje civil.

No Brasil desde o fim do século XIX, o uso da batina era generalizado, e o Concílio Plenário Brasileiro, em 1940, tornou o uso obrigatório. Isto faz que, atualmente, os bispos que desejam modificação do traje eclesiástico no Brasil, deve pedir autorização de Roma, e em seguida conceder tal faculdade, individualmente, aos sacerdotes que a solicitam. Donde se vê que a mudança da veste eclesiástica não vem como uma imposição, mas como uma faculdade, para os que desejarem.

Estamos informados que cerca de 60 Bispos brasileiros, indo do Arcebispado de Porto-Alegre, passando pelos Arcebispos de Aracaju e Recife, e indo até o prelado de Belém do Pará, solicitaram e obtiveram recentemente em Roma o direito de conceder tal faculdade.

De resto, o Brasil só está seguindo o exemplo dos países latinos. Na França, desde julho de 1962, o uso do “clergyman” (nome como é conhecido o traje civil dos sacerdotes) foi autorizado. No Chile, a partir de dezembro de 1962, idêntica medida foi tomada. E outros países estão se encaminhando pela mesma estrada apesar da resistência de alguns prelados apegados aos antigos costumes.

Quais as razões que levam a autoridade eclesiástica a autorizar a modificação do habito eclesiástico?

O “processo da batina”, se assim nós podemos exprimir já que tem sido longamente estudado. Os leigos cristãos tem sido ouvidos, e são os primeiros a julgar que de certa forma, a batina afasta o sacerdote do povo, e isto se sente não tanto nas pequenas cidades, mas sobretudo nos grandes centros. A reação do clero jovem, em geral, é pela conservação da batina somente para as cerimônias religiosas, e pela adoção do “clergyman” com o distintivo que identifique o sacerdote. Na França, onde o “clergyman” preto ou cinza já está em vigor a seis meses, nas paróquias operários, onde a resistência à Igreja se reveste de toda uma barragem de resistência psicológica, a tendência dos padres que vivem em meio ao seu rebanho trabalhando comum zelo admirável, vai até suprimir o colarinho romano, usando simplesmente um cruz, na lapela, que permite de se reconhecer o ministro de Cristo.

É sem dúvida um fato que um dos sintomas da superficialidade religiosa é o apego às coisas secundárias, em detrimento a adesão ao essencial. Um pouco deste fenômeno se observa, quando se analisam algumas pessoas, o sacerdote é simplesmente um homem de batina, e não um ministro de Cristo, e o portador do sagrado. É contra essa mentalidade superficial e errônea que é preciso reagir.

Dentro em breve, em Aracaju e nas próximas do interior, nossos sacerdotes começarão a usar “clergyman”.

É isto, em si mesmo, uma medida de inovação, uma acomodação da Igreja a uma mentalidade moderna que ela não aprova, ou antes um esforço de presença, uma volta ao costume dos apóstolos de Jesus, que estavam juntos ao seu povo, para salvá-lo?

Nós preferimos ver o problema colocado na segunda perspectiva. O que faz um padre não é a maneira de se trajar. E se é conveniente que esta mude o essencial permanece, talvez mais acessível ao povo.

É por isto que acatamos com simplicidade e respeito a determinação de Roma e a autorização que o Arcebispo de Aracaju vem de dar ao seus sacerdotes, permitindo-lhes o uso do “clergyman”. E sem termos a pretensão de impor coisa nenhuma, achamos que, para quem reflete serenamente sobre a questão, a perspectiva que falamos se faz aceitar, muito naturalmente. Outros pensarão de outra forma. Mas, essa é a nossa opinião.

Documento 22

Concílio Definirá O Poder Dos Bispos E Criará Assembléia De Âmbito Mundial²⁵

ROMA, Janeiro – é uma esperança que a definição sobre o poder dos Bispos estrará desde Segundo Concílio do Vaticano, diz Monsenhor Missiones, Paraguai, ao recordar aqui numa entrevista à imprensa, que o primeiro Concílio Vaticano foi o do Papado.

“Com efeito, esse concílio definiu o poder supremo em questões de fé e moram, ao azares da honra concordaram abruptamente a assembleia ecumênica e o tratado que fora preparado sobre o poder e jurisdição dos Bispos ficou no tiniciro”.

O I Concílio Vaticano, convocado pelo Papa Pio IX, durou de dezembro de 1869 a julho de 1870, quando foi adiado indefinitivamente ante a perturbação política que arrasará a Itália; entre as verdades definidas nesse período a figura o primeiro do Romano Pontifício e sua infabilidade quando fala “ex cátedra” em pontos de fé e moral.

Acha Mons. Boagarin que os Bispos deveriam ter individualmente maior liberdade de ação em vários aspectos de seu trabalho pessoal, tantas vezes urgentes; desejaria ainda que se nomeasse uma Comissão Episcopal constituída de prelados de diversos países e territórios em todo o mundo para ajudar o Vaticano na administração central da Igreja.

Hoje não há fiel cristão ... acrescenta Mons. Begaria ... que remotamente sequer ponha uma dívida palavra e a infabilidade do Supremo Pontifício em questões de doutrina e de moral. Por isso uma discussão sobre a autoridade dos Bispos por ser entendida hoje com mais palavra, e com certeza de conseguir frutos positivos.

Acha também que se deve dar maior responsabilidade às Conferências nacionais ou regionais do Episcopado. E que é chegada a hora “em benefício ao governo central da Igreja, e precisamente para salvaguardar melhor sua unidade tão necessária e

²⁵ **A Cruzada**, Aracaju, 02 fev.1963. P. 2

fundamental, criar uma junta episcopal assessora (do Vaticano) constituída de Bispos que ao mesmo tempo seriam eleitos pelas conferências episcopais nacionais ou regionais.

“Periodicamente palavra apresenta a necessidade essa junta-se reuniria essa Roma para oferecer ao Vigário de Cristo sua ajuda tão necessária e valiosa quanto se considera que a Hierarquia Católica está hoje tão bem informada sobre as necessidades numerosas e diversas da igreja em cada região do país.

Documento 23

Padres Do Concílio Ao Longo Da História Da Igreja²⁶

SANTO ATANÁSIO

Santo, Atanásio, bispo de Alexandre, que morreu em 273, foi o mais famoso membro do primeiro Concílio Ecumênico realizado em 325. Embora apenas diácono, Ário. A decisão conciliar conhecida como o Credo de Nicéia, condenou Ário e afirmou em termos inequívocos, a Divindade de Cristo. A Estátua de Santo Atanásio, mostrando o paramentado para a Missa e segregação um rolo onde se lê “E o Vinho se fez carne”, é vista no Santuário Nacional da Imaculada Conceição, em Washington.

S. BASILIO MAGNO

Bispo de Cesária, falecido em 379, é o fundador do instituto oriental, senão situado pela Igreja Grega entre os mais eminentes dos seus doutores ecumênicos.

Setenta e dois anos após morte, o Concílio de Calcedônia descreveu-o como “o grande Basílio, ministro da graça, que expôs a verdade a toda terra”. Ficando com a morte de Santo Atanásio, como campeão da Ortodoxa no Oriente, conduziu a luta contra a heresia de Ário e os seus cismas que ameaçavam o seu povo. A estátua de S. Basílio fica no Santuário Nacional de Imaculada Conceição, em Washington.

SÃO BREGÓRIO MAZIANIZENO

São Gregório Nazianzeno, Patriarca de Constantinopla, que morreu no ano de 390, foi chamado pelo imperador Teodosio I para presidir o Segundo Concílio Ecumênico realizado em Constantinopla em 381. A finalidade deste Concílio, convocado diante o reinado de Papa Dâmaso I, era apagar os últimos vestígios do paganismo e a dar o último golpe no Arianismo, com efeito, proclamou ele a Divindade do Espírito Santo. A estátua de São Gregório está tirada no Santuário Nacional da Imaculada Conceição em Washington, retrata o santo paramentado para a Missa e segurando um livro litúrgico.

SANTO AMBRÓSIO

²⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 09 fev.1963. P. 2

Santo Ambrósio, Bispo de Milão, falecido em 387, foi um vanguardeiro doutor da igreja e implacável opositor à heresia de Ário, antes condenada no Primeiro Concílio de Constantinopla em 381. Embora não tenha tomado parte no Concílio, Ambrósio foi o instrumento para liberar a Cristandade Ocidental da heresia que negava a Divindade do Espírito Santo Segurado e com a mão direita, o flagelo, símbolo da disciplina e com a outra um rólo onde se têm as primeiras palavras do seu famoso Hino Pascoal “Os Eternos Dons de Cristo Rei”.

SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA

São Cirilo, Arcebispo, de Alexandria, falecido em 444, abriu o terceiro Concílio Ecumênico, em Éfeso, no dia 22 de Junho de 431. Presidiu a primeira sessão em que foi claramente: “Mãe de Deus”. Em nome do Papa São Celestino condenou Nesório Arcebispo de Constantinopla, que afirmou que Jesus Cristo era um simples homem, apenas unido a Deus: e assim Maria não seria Mãe de Deus, Declarado Doutor da Igreja Universal em 1882, foi chamado o Doutor da Encarnação. Sua imagem encontra-se no Santuário Nacional da Imaculada Conceição em Washington.

SÃO GREGÓRIO MAGNO

S. Gregório Magno, Papa e Doutor, falecido em 604, reconheceu o Quinto Concílio Ecumênico realizado em Constantinopla em 553. Este Concílio, segundo de Constantinopla, condenou novamente os Monofísitas que aí afirmavam que Cristo só tinha uma natureza, a Divina. Segura a tiara papal na mão direita e as chaves de São Pedro na esquerda.

Documento 24

Paulo VI Presidirá Segunda Sessão do Concílio²⁷

No dia 29 de setembro abrir-se-á em Roma a Segunda Sessão do Segundo Concílio do Vaticano. O Papa Paulo Sexto que determinou essa data para o reinício do grande conclave, presidirá os trabalhos. Espera-se que, segundo o exemplo do seu antecessor, o Papa João XXIII, o atual Pontífice deixará a todos os Prelados presentes em liberdade de expressão, procurando assim que o Concílio aceite as necessidades espirituais e os problemas de todos.

Participação do Brasil

O Brasil está presente ao Concílio na pessoa quase totalidade de seus Cardeais, Arcebispos e Bispos. A primeira sessão, realizada no segundo semestre do ano passado, compareceram 170 prelados brasileiros levando-se em conta que o número de Bispos em nossa pátria atinge a cifra de duzentos, vê-se quão expressiva foi a delegação brasileira.

No dia 25 de setembro partirá do Rio de Janeiro um avião a jato da Panair do Brasil, que o governo brasileiro pôs à disposição dos Prelados, para conduzi-los à Cidade Eterna. O presidente João Goulart repetirá, assim, o gesto de cortesia que teve no ano passado, quando a abertura do Concílio.

Os Bispos de Sergipe

Podemos informar aos nossos leitores de que todos os quatro Prelados Sergipanos comparecerão ao Concílio. Tanto Dom José Távora e seu auxiliar Dom Nivaldo Monte, como os srs. Bispos de Estância e Propriá. Dom Coutinho e Dom José Brandão irão participar da grande assembleia conciliar.

Enquanto o Primeiro Concílio do Vaticano reunia apenas cerca de 700 Prelados, todos de raça branca e quase todos formados na Europa, o Concílio atual congrega aproximadamente 2.400 Prelados, proveniente de todas as partes da terra e representando

²⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 31 ago. 1963. P. 1

todas as raças. O Concílio do século que passou, se reuniu no braço direito da Basílica de São Pedro em Roma. Para conter os participantes do Concílio atual, foi preparada toda a nave central da mesma igreja que é a maior do mundo, dispostos os assentos em forma de arquibancadas e a secretária dispôs a colocação dos Bispos de tal modo que as diferentes nações estão misturadas entre si.

Expectativa mundial

No ano passado, ao abrir-se o Concílio, havia seiscentos jornalistas acreditados junto à Secretária do mesmo. Ao fim do Concílio havia 800, todos os cantos da terra inclusive 5 soviéticos.

Agora já a atenção do mundo começa a voltar a Roma. É impressionante verificar o que despertou no mundo inteiro a voz da Igreja, através da palavra do Papa João XXIII, durante a primeira sessão conciliar, bem como através de algumas declarações dos próprios Bispos reunidos em Roma.

Os católicos estão sendo convidados a rezar pelo Concílio, e em todas as paróquias movimentos estão sendo feitos neste sentido.

Documento 25

O Concílio e o Mundo Atual²⁸

Pe. Gilson Garcia

A voz de um ancião simples, servo de Deus e dos homens, levou a humanidade toda a voltar os seus olhares para Roma, para a Igreja.

Houve, nesta atitude do Papa, uma razão profunda, que só percebe quem está em dia com a fé.

Na voz de João XXIII, convocando o Concílio, pulsava um sintoma especial de amor, um desejo ardente de dar-se.

O grande problema que fere a humanidade é o amor. Os homens interpretam o termo amor dando-lhe o novo conceito bem distinto do que lhe é devido. Amar não é receber, é sobretudo dar-se. Principalmente dar-se numa dimensão universal e superior.

Este Concílio saído do coração de João XXIII, está programado com a grande força do desejo último de Cristo: “Pai que todos eles se amem”.

Enquanto os demais concílios anteriores foram para ajustar a vida externa da Igreja, ou para lapidar um erro, esclarecer uma verdade, o Vaticano II tem um caráter todo próprio. Nas palavras de João XXIII, esse convívio conciliar, lançado ao mundo, caracteriza-se justamente por uma nota de amor, união e compreensão entre os homens.

O arcebispo de New York, Fulton Sheen, diz que o “amor é sobretudo a união de espírito”. O maior problema do século atual parece mesmo ser a distância entre os espíritos dos homens.

XXXXX

²⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 14 set.1963. P. 1

A civilização cresceu, no últimos tempos, oferecendo à humanidade uma nova maneira de viver, pensar e sentir.

Comparando-se a Idade Média, por exemplo, com a Moderna, a mudança social é vista claramente: etiquetas sociais usadas naquela época, repugnam em nossos dias.

Basta-nos visitar um grande museu onde as épocas estão estampadas no silêncio das figuras mortas.

O século vinte começou com o impulso astronômico da ciência, da técnica, enfim das descobertas. O atomismo sugere um novo termo que assombra a todos: paz. A técnica avança para o infinito em busca do belo e dos segredos que a natureza esconde. O homem está convencido, ou pelo menos se convencendo, que ele é “rei da criação”.

O cosmo está na perspectiva da ciência sempre como algo novo. Ao mesmo tempo, os meios de uns facilitam o salto eletrônico para um mundo desconhecido.

Esta é a fisionomia do mundo moderno, olhando de perfil.

Aqui, uns que sofrem, ali outros que desentendem, e, no concreto, dois terços da humanidade está passando fome atualmente.

Olhando a posição histórica do mundo atual, teríamos dois aspectos a considerar um bloco atingiu a idade adulta da civilização (se é que podemos designá-la adulta), e uma grande massa geme de fome.

O binômio “Paz fome” caracteriza o mundo atual. Visto assim de cúpula. Os que atingiram as fronteiras da técnica gritam: Paz! Do outro lado, ouve-se o brado: Fome!

Tudo isto convida a humanidade a perder o sentido da vida- o Amor.

Estes dois atuais fenômenos- fome e paz- proporcionam uma crise interior no seio da humanidade, uma quase descrença no Absoluto, em Deus.

Os homens julgando-se “reis” preferem ser deuses. Será que a vida tem sentido sem Deus? Seria possível uma sociedade organizada com vários desuses?

XXXX

Diante desta realidade de desajustamento social e espiritual dos homens, o grande Papa João XXIII lembrou ao mundo o problema do amor. Com este gesto, ele repete tacitamente o emblema do Cristianismo: “onde há amor, aí está Deus”.

Cristo diz que o Espírito Santo continuará o seu magistério, esclarecendo aos Apóstolos e cristãos aquilo que o Mestre ensina.

O Mestre deposita a Igreja externa nas mãos visíveis de Pedro, deixando- a invisivelmente nas mãos do Espírito Santo.

Após o anuncio do Concílio, em janeiro de 1955, na Igreja de S. Paulo fora dos muros, em Roma, o então Cardeal Montini, interrogado sobre o convite do “Papa João”, respondeu, sem conhecer os de ígneos que Deus lhe preparava: “O Concílio será um acontecimento histórico e da primeira grandeza de que o Concílio que a Igreja já celebrou. Interessará o mundo inteiro”.

Uma série de pensadores e teólogos também deram a sua opinião. O jornalista francês J.P Dubois- Dumée, diz que com este concílio “a Igreja sofre uma espécie de abalo sísmico, que dá impulso às ideias mais audazes e deita por terra os hábitos mais enraizados”.

O Concílio está no mundo todo porque todos estão voltados para Roma.

Como disse João XXIII, ele “será um Novo Pentecostes”.

Preparemo-nos para que de fato o Concílio seja tudo isto. E se for tudo isto, no decorrer da história, veremos realizada a profecia do escritor sagrado quando diz no Salmo 103: o Espírito Santo é quem renova a face da terra.

Documento 26

Todo Brasil Participará Do Concílio

Vaticano II²⁹

O povo brasileiro que apenas lê a imprensa nacional não teve conhecimento suficientemente na primeira sessão do Concílio Vaticano II. As notícias aqui difundidas foram parcas e muitas delas distorcidas. Inicializando apenas problemas que não estavam na pasta conciliar, como o hábito clerical e o celibato etc..

Naturalmente há razões que justifiquem a distância da imprensa brasileira da realidade conciliar em geral os dirigentes da imprensa nacional não têm densa informação religiosa, preocupados mais com o sensacionalismo que mesmo com a realidade das coisas, na maioria a imprensa brasileira é liberalista, o que distanciou o nosso povo da cidade de Roma.

Aliás, não podemos negar uma certa deficiência da imprensa italiana mas que o que pesa aqui não é isto, foi a falta de atuação competente dos nossos órgãos de imprensa colocados em Roma por ocasião da Primeira Sessão Conciliar.

Diante desta grande falta, os Bispos Brasileiros, querendo resolver o problema e fazer o nosso povo tomar conhecimento do que passa no Vaticano, a partir do próximo 29 de setembro, organizaram um dispositivo apto a manter ligações entre Roma e o Brasil. A união Nacional Católica da imprensa, organizada pela Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) conjugado com a Conferência dos Religiosos do Brasil remeterá a Roma um correspondente que manterá informações diárias para a ASAPRESS que se encarregará de difundir e circular todo o material para todos os jornais, rádios, televisões da nação.

É um grande esforço de colocar todos os brasileiros em dia com o Concílio “um dos fatos centrais do nosso tempo”.

²⁹ **A Cruzada**, Aracaju, 21 set.1963. P. 1

Documento 27

Paulo VI e os Bispos do mundo inteiro fazem Concílio³⁰

Houve um homem cujo nome era João e a sua missão foi apenas para preparar os caminhos do Salvador.

Este pensamento, tirado o evangelho de S. João, ajusta-se muito bem ao momento atual da história da Igreja. Houve um homem cujo nome era João e este foi João XXIII que teve a coragem de gritar para o mundo um convite amigo para um concílio “a fim de que a força de Deus se manifestou na fraqueza dos homens.”

Jesus Cristo antes de vir ao mundo teve o seu caminho preparado por um grande profeta chamado João, a quem Deus confiou o cuidado de, entre os homens fracos, preparar o caminho da Verdade, aproveitando justamente a fraqueza dos próprios homens para que nela resplandecesse a grandeza do Pai.

O Concílio já quase um ano, começou, e, se temos acompanhado os acontecimentos internacionais, vemos o seu resultado entre os homens fracos reconhecendo que somente um é forte: Deus.

O Santo Padre Paulo VI, seguindo o mesmo espírito de João XXIII, convida o mundo inteiro para “o estado conciliar”. A Igreja inteira encontrar-se-á amanhã em Roma, no Vaticano. Os bispos do mundo inteiro estarão reunidos em torno de Paulo VI para, representando a Igreja toda, estudarem os problemas dos homens do nosso tempo, os problemas internos da Igreja mesma.

O Brasil estará presente com uma comitiva de quase 200 bispos.

³⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 28 set.1963. P. 1

Documento 28

Paulo VI fala na Reabertura do Concílio³¹

Dirigindo-se ao episcopado, ao visitante, e, sobretudo aos não católicos que se encontravam presentes à abertura da segunda sessão do Concílio, o papa Paulo VI mostrou, em síntese, a linha fundamental do Concílio; eis aqui alguns trechos do discurso da reabertura pronunciado por Paulo VI: “Será o tema principal desta sessão conciliar, o que se refere a Igreja a mesma e pretende estudar sua íntima essência, para dar-nos enquanto é possível, a humana linguagem, a definição que melhor nos instrua sobre a real e fundamental constituição da Igreja e nos mostre sua múltipla e salvadora missão.”

“Esperanças que também se voltam para outro objetivo principalíssimo deste Concílio são as da chamada reforma da Santa Igreja. Isto é; o Concílio pretende dar ou acrescentar à Igreja, formosura da perfeição e santidade que só a imitação de Cristo e a mística união com Ele, no Espírito Santo, podem conferir-nos. Sim, o Concílio tende a uma nova reforma.

Porém, atenção: Não é que ao falar aqui e expressar estes desejos, reconheçamos que a Igreja Católica de hoje possa ser acusada de infidelidade substancial ao pensamento de seu divino fundador, se não que melhormente o reconhecimento profundo de sua fidelidade substancial que enche de gratidão e humildade e infunde-lhe o valor de corrigir-se das imperfeições que são próprias da humanidade frágil. Não é, pois a reforma que precede o Concílio, uma ruptura com auxílio, uma ruptura com a tradição no que está tem de essencial e digno de veneração, se não que melhormente, nessa reforma rende homenagem a estruturação ao querer despojá-la de toda caduca e defeituosa manifestação para fazê-lo genuína e fecunda”

“Um estudo mais demorado e um culto mais devotado da palavra de Deus serão certamente o fundamento desta primeira reforma”.

³¹ A Cruzada, Aracaju, 05 out.1963. P. 1

São palavras do Papa, traduzidas do original, pronunciadas na abertura da segunda sessão perante o mundo cristão ali, em Roma, No Vaticano, bem representados.

XXXX

Concílio começa pelo tema “A Igreja”

Uma das maiores preocupações do mundo é a Igreja. Foi este mesmo tema que preocupou o agora, é de esperar-se Papa João XXIII e o episcopado mundial. Agora, o esquema “De Eclésia” (sobre a Igreja) volta à pauta do dia e, no centro da Basílica todos estudam atentamente este tratado de teologia que comporta sobremaneira os interesses espirituais da humanidade. Por que o tratado tem uma finalidade prática, a América Latina está em foco. Ademais de analisar-se os direitos da Igreja em seus pormenores, olha-se também numa dimensão de atendimento às necessidades da própria Igreja.

Por esta razão é que deve ser estudado com firmeza o problema do diaconato leigo, ou seja, o problema da ajuda pastoral e, de certo modo ministerial, no seio da Igreja, por parte do cristão não sacerdote. A América Latina, com escassos do clero que se afirma dia a dia manuseia o tema com interesse e visão concreta da missão evangélica que todos os homens podem fazer. Caso isto seja aprovado, o diácono leigo poderá ajudar o sacerdote na distribuição da Eucaristia, catequese, na administração oficial do Batismo e na pregação oficial do Evangelho.

Documento 29

Protestantismo e Catolicismo³²

Pe. Gilson Garcia

No momento atual um dos problemas que fazem o mundo olhar ansioso para o Vaticano com um movimento de esperança, é a união das Igrejas.

No seu livro “Palavra, Igreja e Sacramento no protestantismo e no catolicismo” o Pe. Luís Bouyer, ex pastor protestante apresenta uma bela síntese esclarecida e prática, sobre os dois moldes de viver o cristianismo, no catolicismo e no protestantismo.

Seguindo o roteiro que ele traça, eu gostaria de alinhar aqui algumas considerações sobre este assunto da atualidade.

XXXX

Um primeiro aspecto de diferença entre o catolicismo e o protestantismo é a palavra.

O protestantismo é fundamentalmente uma religião bíblica. O coração protestante palpita nas Sagradas Escrituras, ou melhor, as Sagradas Escrituras são guardadas com carinho e desvelo no coração do crente protestante.

Isto tem uma explicação lógica. Martinho Lutero, fundador do protestantismo em 1516, codificou a religião apenas um aspecto, a fé, deixando de lado tudo que explica e condensa a vivência da fé. Para ser salvo, basta ao homem crer. – E sendo o protestantismo uma religião radicada na “pura fé”, tem por necessidade, que ser a toda à Bíblia. A fé do crente protestante deve surgir normalmente daquilo que Deus revelou. A bíblia é o código da lei divina.

Os católicos não negam que a fé justifique. Apenas, com os doutores da Igreja, e, seguindo toda a tradição, afirmam que a justificação não é efeito exclusivo da fé. Admitir apenas a fé para a justificação, seria admitir, tacitamente, que entre Deus e o homem há um hiato

³² **A Cruzada**, Aracaju, 05 out.1963. P. 1

que dificulta a intercomunicação entre os mesmos: a fé é um dom gratuito, como diz o autor sagrado, Deus dá a quem ele quer, por outro lado, a nossa circunstância de “pobres pecadores” não tem força para proporcionar ao homem o bem-estar espiritual, a grandeza da “visão antecipada das verdades eternas” de que fala Santo Agostinho. Seríamos, dentro dessa posição, pessoas automáticas; a nossa liberdade de ação seria praticamente coagida; enfim as consequências seriam absurdas... chegando mesmo a deprimir o valor do nosso ato livre que age, livremente, com a ajuda ao homem, o homem age livremente.

Se a fé apenas justificasse por si mesma, muitas verdades que se encontram claras nas Sagradas Escrituras, por exemplo, a nossa relação com Cristo para podermos atingir o Pai, seria mera utopia.

Entretanto o Divino Mestre, Deus e Homem, o Redentor ressalvou com clareza “quem vê a mim, vê o Pai” “que todos sejam santos como nosso Pai celestial é santo”, etc. (Este verbo ser não afirma apenas uma adesão; e sigo, sobretudo uma vivência prática)

O crente autêntico católico e protestante, vive não apenas de conduzir a bíblia entre as mãos ou retalhos dentro da mente. Ser cristão é ter o Livro Sagrado como um instrumento providencial que nos ajuda a fertilizar a nossa comunicação com o Espírito Relevante e Santificador, que se esconde nos textos sagrados.

A bíblia é um meio de fazer levar o coração do homem, por Cristo, até Deus. O protestantismo, visto pelo ângulo da história, é apenas um esforço de restabelecer o culto à realidade histórica inicial da Igreja no sentido de que, antes de Cristo, o homem religioso vivia cultuando a Deus num limite apenas de leitura e meditações dos livros bíblicos.

S. Jeronimo que ignorar a SS. Escritura é ignorar a Cristo. É por esta razão que a liturgia codifica diariamente uma instrução bíblica cristão com Cristo, com a Eucaristia, centro do cristianismo. A leitura sagrada é culto. A palavra é culto. Entretanto nem a leitura, nem a palavra exercida separadamente da Eucaristia formam o culto. Elas são apenas uma ótima preparação ao verdadeiro culto.

Um outro aspecto a considerar também sobre a palavra, é que a busca de Deus, a apreensão do mistério da palavra divina está tanto na Bíblia protestante, como na católica.

Para um protestante o valor da palavra de Deus está na letra, chegando mesmo a chegar a autoridade da Igreja. Aliás, o protestante culto saberia que a palavra solta não poderia defender um ponto de vista individual. É preciso autoridades. Será que Deus necessitaria de um juiz para transmitir e julgar a sua palavra sagrada, sendo ele o Senhor supremo?!- Deus fala aos homens com a linguagem dos homens. Claro será, por conseguinte, que está linguagem seja depositada nas mãos dos homens, seja explicada por um homem.

A maior dificuldade dos protestantes é a autoridade. Como diz Cristo: “todo reino dividido entre si, desmorona-se”.

Estudando-se o protestantismo, vê-se nele um movimento tendente às origens da Igreja Mãe com sede de uma autoridade encarnada no homem.

Não podemos negar que a tendência liberalista odeia o senso de autoridade. Entretanto, muitos reconhecerem que a autoridade da Igreja sai de Cristo, funda-se em Cristo.

O luterano francês Culmann no seu livro sobre o S. Pedro, diz que o poder que os bispos, os apóstolos tem de Cristo em conjunto, Pedra, o papa, o possui particularmente. O teólogo americano, o pastor Paulo Tillich diz que “a dor de cabeça do protestantismo é a falta de unidade radicada na falta de autoridade”.

A autoridade da Igreja é nítida desde o começo do cristianismo. É justamente a partir da não aceitação da autoridade eclesiástica que o protestantismo começa na história.

Cristo teve o cuidado de ressaltar que o resultado da palavra sagrada não é efeito do homem em si: provém do Espírito Santo, o Espírito da Verdade, aquele que ele envio no Pai sobre os apóstolos.

XXXX

Quase que não se pode exprimir a posição protestante a respeito dos sacramentos. Cada seita tem uma atitude própria. Muitas aceitam o sinal sensível sem dar-lhe o nome de sacramento, outras aceitam em parte.

Se nós procuramos onde está a vida da Igreja, veremos que ela está nos sacramentos. A bíblia os registra. Uns de modo evidentíssimo, outros menos explicitamente. O sacramento não é ação do homem. Vem de Deus, e o seu poder escapa ao sentir humano.

Para um crente rigorosamente protestante, não é maior sacramento que é a palavra.

A palavra é que dá luz e traz a vida. A palavra está na Bíblia.

Para um católico, a salvação também vem da palavra, do Verbo. O Verbo humanizado em Cristo, está, entretanto, desdobrado por meio de sete canais para a santificação da humanidade.

Deus falou para agir, para criar. A palavra de Deus é a sua presença. Presença vinda a nós por seu Filho, o Verbo, a palavra eterna. A palavra de Deus não é só o que Cristo disse, é também o que ele fez. É ele.

Os sacramentos são a continuidade da ação salvífica do Cristo, mais claro ainda, são a continuidade da ação santificante do Redentor, fazendo-nos sentir a sua voz no convite à perfeição.

Em todos os sacramentos é a palavra de Deus que anima nosso espírito.

XXXX

Em conclusão, vemos que o protestantismo é resultado de uma incompreensão histórica da qual resulta a falta de visão da Igreja total.

Se no momento atual este problema histórico que se espelha diante da nossa frente- outras igrejas- parece assombroso para uns, inevitável para outros, a mim me parece que a união resultaria de uma mudança na posição de ver, na história e sobretudo, a Igreja.

Documento 30

O Concílio Recomeça³³

Pe. Luciano Duarte

Roma, 30 de setembro de 1963.

A Segunda Sessão do Concílio Ecumênico teve início ontem, solenemente, na Basílica de São Pedro, Roma, desde alguns dias antes, foi vindo chegar, de todas as partes do mundo, os Padres Conciliares. A estatística oficial informa que 2.414 Prelados vão tomar parte nos trabalhos.

Como no ano passado, tem-se agora em Roma a sensação quase fabrica da universalidade da Igreja. Nas ruas, nos ônibus, nas bancas de jornais, vêm-se Bispos africanos, de pele negra, Bispos asiáticos de olhos de amêndoas, Bispos norte-americanos falam inglês como jornalheiros, pois quem fala inglês acha que todo o mundo tem a obrigação de saber sua língua...

Ontem, as 9 hrs, na Basílica de São Pedro, realizou-se a cerimônia de abertura da Segunda sessão. Menos solene do que o início do Concílio, ato oficial do ontem, viu os Bispos chegando ao interior do Vaticano, onde se tinham paramentado, e ocupando seus lugares na galerias de poltronas, armadas na Sala Conciliar que é a nave central de São Pedro. Depois vieram os cardeais, e finalmente o Papa Paulo VI.

Alto, magro, olhos penetrantes e decididos, Paulo VI é, pela aparência exterior, bem diverso de João XXIII. Alguns acham parecido com Pio XII, e fisicamente ele o é, mas, a escolha do nome de Paulo, mostra bem o traço do novo pontífice: ele vai ser ele mesmo, nem a sombra de Pio XII (de que foi íntimo colaborador), nem o reflexo de João XXIII (de quem foi grande amigo e confidente). O nome de Paulo encerra o programa que o atual Papa se propõem: ser o apóstolo universal, incansável, sem fronteiras, levando o

³³ **A Cruzada**, Aracaju, 26 out.1963. P. 4

Evangelho para fora dos muros da Igreja com firmeza inquebrantável do primeiro Paulo, o Apostolo.

A abertura da Segunda Sessão de abertura do Concílio constou, primeiramente, da Missa Pontifical, celebrada pelo Cardeal Eugenio Tisserant, Decano do sacro Cardinálco missa cantada por todos os presentes ("Missa de Angelis"), com as incomparáveis cercadas da imensa Basílica ressoando aos acordes da melodia simples, onde o eterno louvor da Igreja se exprime, em acento de adoração e penitência.

O ponto mais alto da cerimônia foi o discurso externo, onde pela primeira vez, o novo Pontífice externou seu pensamento sobre o Concílio.

Inicialmente, Paulo VI evocou, com carinho quase filial, a figura de João XXIII. Extraordinário homem de Deus, que em quatro anos de Pontificado sacudiu a Igreja de Cristo, tirando-a do torpor, começando o diálogo com o mundo moderno.

Paulo VI apresentou, em seguida os objetivos do Concílio, em quatro pontos:

- 1) O Conhecimento da Igreja
- 2) A reforma da Igreja
- 3) A recomposição de todos os cristão na unidade;
- 4) O diálogo com o mundo contemporâneo.

Esta ímpios enumeração mostra a fidelidade com que o atual Sumo Pontífice avança pelo mesmo caminho aberto pelo João XXIII. Na mente deste, o Concílio deveria, em primeiro lugar, reformar a Igreja. Como todo organismo que deve durar no tempo, a Igreja de Cristo está sujeita a apanhar em seu rosto as marcas dos anos. Seu envelhecimento, sua desatualização, ou então a infidelidade de seus filhos, tudo isto faz com que, de tempo em tempo, seja necessário sacudir as árvores, para que caiam mais depressa as folhas mortas, e brotem, com mais vigor, os rebentos e vida que renasce. A Igreja é esta estranha sociedade que se renova por dentro, que carrega em si mesma a seiva de sua ressurreição. E a explicação profunda disto é que ela não é puramente uma sociedade humana. Sendo divina e humana, o Espírito Santo a assiste, a renova, a purifica, a rejuvenesce. Toda reforma que vem de fora ou se separa da Igreja, se torna estéril e inoperante.

Esta reforma da Igreja terá como consequência que a recomposição da unidade dos cristãos será facilitada. Falando sobre este tema ecumênico, Paulo VI atingiu, talvez, o ponto mais alto de sua oração. Numa atitude de humildade, ele pediu publicamente perdão a Deus e aos cristãos preparados, pela culpa que couber à Igreja Católica, no drama da ruptura da unidade do cristianismo. E fez, em seguida um apelo fervente para que essa unidade se refaça quanto antes, afim de que cesse aos olhos do mundo, o escândalo da divisão daqueles que crê no mesmo Cristo e querem fazer do mesmo Evangelho a inspiração de suas vidas.

Ao abordar o quarto tema do Concílio, o diálogo com o mundo contemporâneo, Paulo VI assinalou, inicialmente dois motivos grande de grande inquietação para a Igreja. De um lado a perseguição religiosa, que apesar das aparências continua nos países da “cortina de ferro”. O Papa aludiu claramente às maneiras vazias dos Padres Conciliares que não puderam vir a Roma, porque os seus países não permitiu. E externou sua aflição diante do avanço do ateísmo em vários pontos do mundo. Uma nova mentalidade, em que não há lugar para Deus, e por, consequência, desfigurará a própria noção do homem, se expande na terra, disse o Romano Pontífice. Qual o resultado desta civilização materialista? – “Enquanto o progresso aperfeiçoa admiravelmente os instrumentos de todo gênero, o coração do homem declina para o vazio, a tristeza e o desespero”.

E, concluindo, o Papa falou, então, da missão eterna da Igreja, de levar Deus ao mundo. As dificuldades não a deverão desencorajar. Sua história é semeada de obstáculos.

Consciente dos problemas de hoje, a Igreja olha o mundo contemporâneo com esperança e amor. Não para conquistá-lo, mas para servi-lo. Não para condená-lo, mas para salvá-lo.

A criação do Papa se concluiu com uma palavra às religiões não-cristãs, saudando nelas o fato de, apesar de suas limitações conservarem, na sociedade moderna, o sentido religioso e o culto de Deus.

A solenidade de reabertura do Concílio foi televisionada para toda a Europa. Centenas de jornalistas estrangeiros estão de novo em Roma, seguindo os trabalhos do Concílio. O clima, por enquanto, é de menos vibração do que no início da primeira sessão do Concílio, no ano passado. Hoje começam, em São Pedro, as Congregações Gerais, sessões de estudo em que os temas do Concílio são debatidos. Roma se tornou, de novo, uma espécie

de encruzilhada da Igreja, em que tudo que há mais alto no catolicismo está presente: os melhores teólogos mais célebres pensadores, os mais célebres pensadores nacionais da Igreja.

Os olhos do mundo estão voltados em Roma mas os cristãos não devem seguir apenas a inteligência o que por aqui está passando. A melhor contribuição que podem dar, para o Concílio, aqueles que, de longe, o acompanham com amor são suas orações.

Documento 31

Um Papa Pede Perdão³⁴

Pe. Gilson Garcia

Talvez uma atitude de Paulo VI que desconcertou o mundo atual foi a de, no seu discurso de abertura da segunda sessão ao Concílio, pedir perdão a Deus e vênias aos cristãos não católicos pela parcela de culpa que tem a Igreja, no decorrer da história, relativamente ao dilaceramento do cristianismo em “várias igrejas”.

Para nós que hoje acompanhamos os fatos históricos com a mentalidade não atada às circunstâncias particulares, é sim, com uma visão aberta para a conscientização da mesma história, a atitude de Paulo VI é por demais singular. Eu diria o mesmo, não sei se acerto, se Paulo VI nada fez pelo Concílio, já fez muito ao pedir perdão a Deus e curvar a sua voz de Pastor diante dos não- católicos que se encontram no Vaticano, pelas culpas que se tem na ruptura da linha histórica da Igreja de Cristo. Ele, com esta atitude, talvez inspirada, ajuda-nos a tomar consciência da história humana na Igreja, no tempo, em cada época, nas circunstâncias que descrevem o limitado, o finito.

Ele conscientizou a Igreja. Cada homem vive para a sua época. Se a época antiga pode ser caracterizada pelo esforço de burilar um helenismo ou um judaísmo que amarram os passos da Igreja nascente, a época medieval poderia ser observada num prisma todo especial, o elando absoluto. O medieval aspira pelo grande, pelo belo, pelo bom. Tudo isto ficou talhado na literatura, na poesia, na pintura e escultura ou mesmo na arquitetura. O homem da Idade Média aspira pelo suntuoso, porém, um suntuoso que esconde nas suas dobras a imensidade do Verdadeiro que se afirma simples.

Hoje, o homem pensa diferente. E mais que nunca, hoje, o homem toma consciência da sua razão de ser na história, na vida. Estamos na época da busca da consciência clara. O homem perdido na imensidade da vida procura o sentido da vida. O tema em moda atualmente é “conscientização”.

³⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 02 nov.1963. P. 1

Paulo VI propôs aos homens de agora uma tomada de consciência para a realidade dos fatos, para a própria vida da Igreja que, de modo algum, se isola da vida do homem. Seremos tão conscientes que somos Igreja, de que somos a Igreja, tanto quanto mais formos conscientes de que somos como homens.

XXXX

- 1) No século nono, o intelectual Fócio arrastou com ele a opinião de muitos cristãos e bispos no sentido de que o Patriarcado Bizantino tivesse o mesmo poder jurisdicional que Roma. O desejo de Fócio e seus sequazes era fazer com que o poder do Patriarca fosse igual ao poder do Papa.

A vaidade difundida por Fócio passou um século e meio semeando a indiferença das relações entre cristãos, bispos, enfim, com o Pontífice da Igreja. No século IX, Miguel Cerulário imbuído do mesmo orgulho de Fócio, querendo fazer de Constantinopla a sede universal da Igreja, motiva a definitiva cisão entre as relações pastorais dos cristãos da zona greco- russa com a santa Sé. Quiseram eles todos minimizar o poder jurídico, de direito divino, que Cristo deu a Pedro, o papa, a fim de que Bizâncio se tornasse o centro, a encruzilhada das relações universais e religiosas.

- 2) Quem acompanha a história do protestantismo, sabe as causas de sua fonte. Lutero, inteligente e astuto, vaidoso e perspicaz, não foi homem para viver na época em que viveu. Se ele vivesse hoje, contemporâneo à psiquiatria e a psicanálise, não teria, certamente, chegando as conclusões que fizeram construir uma “igreja” a mais. O protestantismo nasceu da falta de consciência histórica de Lutero. E por que a constituição psíquica foi abalada com a época, a sua inteligência produziu a heresia que ainda hoje subsiste. Diferente de Fócio e Cerulário, quis Lutero não apenas descentralizar a autoridade pessoal da Igreja senão destruí-la. O seu erro fundamental que deu margem aos outros, foi a destruição da base, do alicerce da rocha onde o poder de Cristo se assenta visivelmente- querer destruir a autoridade visível da Igreja que se mantém firme através dos séculos depositada nas mãos do Papa em conjugação com os bispos do universo.
- 3) Henrique VIII “defensor da fé”, foi quem deu toda segurança religiosa contra o protestantismo, na Inglaterra, até o dia em que seu coração não gritou em busca

das paixões. Legitimamente casado com Catarina de Aragão, sua cunhada, apaixonou-se por Ana Bolena, sua fidalga. Organizou o seu reinado de tal modo que a autoridade eclesiástica não mais lhe era caso. Finalmente, para satisfazer as suas tendências, declarou-se contra a Igreja, fundando uma religião a seu modo, cuja autoridade era ele mesmo. E com ele foram “o seu pessoal da corte”

XXXXX

Com esse sucinto esquema nos vemos que o fundamento da cisão entre os cristãos motivando o aparecimento de outra “religião”, foi o desprezo à autoridade legítima e divinamente constituída na Igreja.

Hoje, o Concílio se confronta com três comunidade cristãs que “não são mais do único aprisco de Jesus Cristo e se gloriam do nome de cristão”. O núcleo do Ocidente, o Protestantismo e o Anglicanismo. Todos radicados e fundamentados nesta não aceitação da autoridade do Papa e na falta da visão histórica e dinâmica da visão histórica e dinâmica da vivencia eclesial. Agora eles, respondendo a um convite do amigo de João XXIII chegam a Roma como “curiosos”. Eu diria como desejosos.

Na primeira sessão do Concilio foram apenas 40. Agora estão lá uns sessenta!

Mas, por que o Papa Paulo VI pediu perdão?

A Igreja é feita de homens, homens que viveram na sua época dando testemunho concreto de sua humanidade.

Quem poderia negar uma certa negligencia apostólicas dos Bispos e dos Padres nas épocas passadas, o que deu margem às incompreensões, licenciosidades, etc.?

Quem poderia desconhecer a intransigência desse ou daquele papa que, ao seu tempo, apenas viu a história sobre o prisma estreito das suas próprias limitações e opiniões?

Paulo VI com um ato humilde, realista e estuto, conscientiza o homem moderno sobre o que é a história dos homens, sobre o que é o homem, como deve ser o homem, como deve ser o homem de hoje.

Neste gesto nobre do Papa atual, à luz de boa razão, parece esconder-se a norma que descreve o resultado da unidade dos cristãos-

- Para o cismático ou herege, uma adesão total à verdade num conhecimento mais profundo e intenso da mesma Verdade, como também uma compreensão da humanidade histórica da Igreja.

- Para um católico, um reconhecimento realista do que fomos, do que somos e do que podemos ser em vista a uma consciência mais profunda do Evangelho.

Se Paulo VI morresse hoje, deixaria para nós uma grande marca que definiria certamente o seu pontificado: o homem que viu uma nova Igreja, expressando o seu pensamento numa palavra e num levantar de braço.

Documento 32

A Igreja se interroga sobre si mesma³⁵

Pe. Luciano Duarte

Roma, 13 de outubro de 1963

No seu discurso de abertura da segunda sessão do Concílio, Paulo VI afirmou que uma das finalidades primeiras da assembleia seria uma reflexão da Igreja sobre si mesma: “Não deve causar espanto que, depois de vinte séculos de cristianismo e de grande desenvolvimento histórico e geográfico da Igreja, o conceito verdadeiro, profundo e completo da Igreja, tal como Cristo a fundou e os Apóstolos a começaram a construir, ainda tenha necessidade de ser enunciado com mais exatidão. A Igreja é um ministério, isto é, uma realidade embebida de divina presença, e por isso é sempre suscetível de novas e mais profundas elucidaciones.”

.. As duas primeiras semanas do Concílio tiveram como tema de estudos e de debates o esquema sobre a Igreja: sua natureza, sua constituição, sua hierarquia, e agora começa o debate sobre os leigos.

Ao lado dos assuntos, por assim dizer, técnicos, dois temas, sobretudo, durante esses primeiros quinze dias, estiveram no coração das intervenções e despertaram o interesse da opinião pública: a colegialidade apostólica e a restauração do Diaconato.

É um fato que, não apenas os lances da história, mas o próprio pensamento humano foge um ritmo dialético. Incapazes de abranger a totalidade do real, nossa inteligência tende a oscilar entre seus diferentes aspectos, voltando-se agora para um pormenor, e em seguida para outro ângulo que do primeiro se distancia.

O primeiro Concílio do Vaticano foi a acentuação marcante da função do Papa na Igreja, e da primazia de Pedro. O Concílio promulgou a inabilidade do Papa, quando fala como doutor universal da Igreja, em matéria de fé ou de moral. Esta prerrogativa pessoal lhe foi

³⁵ **A Cruzada**, Aracaju, 02 nov.1963. P. 3

prometida por Cristo, na pessoa de Pedro, de quem o Papa é o sucessor direto, através das palavras: “Tu és Pedro, sobre essa pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” Ora, o fundamento da Igreja é sua doutrina.

A definição de inefabilidade pontifícia, que se é Papa, mas que lhe é outorgada pela assistência do Espírito Santo, nos pontos básicos que são a doutrina sobre a fé e a moral, não era nenhuma novidade na Igreja, mas apenas a explicação e a promulgação solene do que sempre se crera. Mas, indiretamente, esta proclamação perante a face da Igreja e do mundo deveria importar numa consequência: uma centralização redobrada do governo da Igreja, nas mãos do Sumo Pontífice.

As conturbações políticas da Itália em 1870, impediram o prosseguimento do Concílio. E enquanto os Padre Conciliares deixavam Roma, a cujas portas chegavam as tropas de Garibaldi, muitos deles talvez pensassem que aquele teria sido o último Concílio...

Durante os noventa anos que medeiam entre o I Concílio do Vaticano e o Segundo, efetivamente uma grande centralização se operou na Igreja. A Cúria Romana, conjunto de organismos que colaboram com o Papa da administração da Igreja, se tornou cada vez mais forte, e com ela se tratavam todos os assuntos das dioceses, estabelecendo-se assim todo um feixe de laços verticais, com prejuízo das relações horizontais da Igreja.

Agora, quase um século depois, o pendulo oscilante se aproxima do outro ângulo: o que está em foco é completar as definições do Concílio interrompido em 1870, e que tratara do Papa, pondo desta vez em plena luz a posição do Bispo, e a função do Colégio dos Bispos dentro do seio da Igreja.

Surge assim, em pleno do Concílio, uma velha palavra esquecida: Colegialidade Episcopal. O P. Congar diz que faz 15 séculos que esta palavra caiu em desuso na Igreja, e ei-la que surge agora, entre outros conceitos “recuperados”. Curiosa e eterna Igreja, cuja renovação é justamente o fruto de tirar do seu tesouro “coisas novas e coisas velhas”, como o Escriba do Evangelho...

A Colegialidade Episcopal é a realidade do conjunto dos Apóstolos, “sub et cum Petro”, isto é: juntamente com Pedro (cum) e sob a direção de Pedro (sub). Os Apóstolos eram simplesmente alguns homens dispersos que Cristo chamou sucessivamente, mas eles eram um “colégio”, um grupo, uma encumenicidade, que deveria existir e atingir como

tal. E a prova de tal coisa, e de que os Apóstolos dela tinham consequência, é que, quando Judas se enforcou, Pedro sugeriu aos outros que um homem fosse escolhido para ocupar o seu lugar vazio, entre as doze “colunas da verdade” e este homem foi Matias, conforme nos conta o livro dos Atos dos Apóstolos.

O Cardeal Suens, o grande Arcebispo de Malines- Bruxelas, que cada dia mais avulsa como uma das grandes figuras audaciosas da Igreja atual, dizia, faz poucos dias, numa conferência que fez ao Episcopado africano e à qual estive presente: “Todo problema está nisto: “sub Petro” e “cum Petro”. O I Concílio do Vaticano acentuou o “sub”; agora é a vez do II Concílio do Vaticano marcar o sentido e a importância do “cum Petro”.

A importância teológica dessas discussões recobre grandes consequências de ordem prática. O que se sente vir, como uma das decorrências do atual Concílio, é uma grande descentralização na administração da Igreja, e um revigoramento da função dos Bispos, e, especialmente, das Conferências Episcopais, que são organismos que agrupam os Bispos dos vários Países.

-Que bem poderá resultar daí para a Igreja?

- É evidente que uma maior flexibilidade na decisão de certos problemas só pode trazer vantagens. Num mundo complexo e vario como o nosso, reunir em Roma a central de todas as decisões e por sobre os ombros dos que fossem encarregados desta função uma tarefa que ultrapassa a medida humana.

XXXX

O outro problema que tem voltado frequentemente ao centro dos debates, é a questão da restauração do Diaconato.

O Diaconato é um grau do sacramento da Ordem, e sua origem apostólica nos é ensinada nos Atos dos Apóstolos, no capítulo 7. Com o crescimento da Igreja, os Apóstolos se sentiram afogados de trabalho. “Não é possível continuar assim: escolhamos alguns cristãos modelares, e entreguemos-lhes das distribuições aos pobres e alguns aspectos da administração da Igreja. Nós poderemos, então, dedicarmos inteiramente à pregação da Palavra de Deus”.

Foi um raciocínio assim que, na mente dos Apóstolos, originou o conferimento do Diaconato a sete cristãos, entre os quais S. Estevão, que seria o protomártir.

Durante vários séculos (até o século IX), o Diaconato continuou a existir na Igreja, como estado permanente de vida. Depois, por causas várias, caiu em desuso.

O Concílio de Trento, no século XVI, tratou de sua renovação, mas sua determinação ficou letra morta.

Agora, reabre-se a questão. Atualmente, o Diácono está sendo um mero degrau, na preparação de um homem para o sacerdócio. Chegou ou não o momento de se restabelecer o Diaconato como estado permanente de vida, de facultar seu acesso também a homens casados?

Este é o tema das discussões. Se quer saber quais as regiões do globo mais sensíveis ao problema, poder-se-ia dizer que elas se atuam na Alemanha e na França, na América do Sul e em certos países da Ásia. O interesse pelo Diaconato, por parte dos países onde há poucos sacerdotes, dispensa explicação. É curioso e simpático constatar que na França e na Alemanha, países de vanguarda em tudo que é renovação na Igreja, o problema está aberto e desperta grande interesse.

O ponto sensível do problema é o de estender-se o Diaconato permanente também a homens casados. Para surpresa de muitos, a maior parte dos Bispos africanos não se interessa pelo Diaconato, julgando que o problema em seus países estão suficientemente resolvido com os catequistas profissionais que já existem.

Nos países da Europa, as opiniões são divididas se levantaram, pedindo, quase comoventemente, Padres Conciliares, que não fechassem a porta desta possibilidade de expansão do esforço missionário da Igreja. Entre os Bispos do Brasil, 129 assinaram uma proposição, em que se solicita restauração do diaconato também para os casados.

O problema está em plena discussão, e parece provável que prevaleça a tendência que o Cardeal Sunens, na conferencia acima referida, assim expressava:

- “Chegou o momento de pormos em prática a colegialidade episcopal. Eu acho do trabalho dos Diáconos em Bruxelas. Outros pensam que não, para suas Dioceses.

Que ninguém imponha aos outros suas opiniões, mas que seja deixada a liberdade. Somos responsáveis uns pelos outros.

Eu, Arcebispo de Malinês- Bruxelas, me sinto responsável pela América Latina”.

Documento 33

O Concílio Por Dentro³⁶

A organização conciliar feita por João XXIII teve com Paulo VI passar por uma modificação. Entre todas três são bem salientes: assegurar aos trabalhos maior ordem, garantir maior liberdade aos conciliares e, finalmente, o Santo padre reduziu o número dos esquemas a dezessete com maior profundidade e segurança.

A fim de evitarem repetições de assuntos já debatidos, os Padres conciliares deverão enviar o texto de suas intervenções à Secretaria Geral com uma antecedência de 3 dias antes da respectiva sessão. Os trabalhos têm sido intensos. Nos sábados e domingos há reuniões nacionais ou continentais para estudarem conjuntamente certos assuntos e, em nome de todos falar um representante. Assim por exemplo, o Cardeal Frings da Alemanha falou em nome de 65 conciliares alemães e escandinavos e o Cardeal Câmara falou em nome de 159 bispos brasileiros. Cada intervenção dura dez minutos e, aos oito minutos de apresentação soa uma companhia avisando ao que está com a palavra que lhe restam dois minutos apenas.

PANORAMA DO QUE FOI ESTUDADO ATÉ O PRESENTE NA SEGUNDA SESSÃO DO CONCÍLIO DIA 30 de setembro – 37ª Congregação Geral.

Após à celebração da Santa Missa e introdução do Evangelho no centro da Basílica de S. Pedro, foi aberta a segunda sessão do concílio, sendo feita a apresentação pelo Cardeal gregório Pedro Agagianian. Três advertências foram feitas: as intervenções seriam só por dez minutos para cada um: o segredo se estendia a tudo que se refere aos trabalhos conciliares em discussão: máxima prudência e moderação ao que se refere ao Concílio.

Teve logo depois início aos debates e o tema apresentado foi: “De Ecclesia”, Nove intervenções foram feitas. Foram sugeridos 372 emendas. O esquema apresenta a Igreja na sua constituição hierárquica e de modo particular nas mãos do povo de Deus.

³⁶ A Cruzada, Aracaju, 09 nov.1963. P. 1

A atual redação do esquema expõe com clareza a doutrina da Igreja dentro de uma visão pastoral-ecumênica, evita o estilo jurídico, e descreve a Igreja numa linha bíblica. Ademais não toca no assunto de os irmãos separados não pertencerem ao Corpo Místico, assunto que foi aceito ao episcopado participar do direito do Primado. Estiveram presentes 2.258 padres conciliares.

DIA 1º de Outubro – 38ª Congregação Geral.

Houve a apresentação geral do tema e do esquema com as devidas intervenções. Logo depois as votações.

Resultado: votantes2.391

Placet2.231

Mon-placet43

Nulos27

Lidos estes resultados, teve início a discussão dos capítulos, resultando as seguintes intervenções:

1) O capítulo III poderia ser dividido em dois, sobre o povo de Deus e sobre os leigos. O primeiro deveria analisar mais os conceitos do povo profético, povo sacerdotal e povo real. Este capítulo precederá um capítulo sobre a hierarquia. Ainda só poderia incluir dois temas a mais: A Igreja perfeita de seus santos e Maria Santíssima.

2) O esquema deveria determinar uma visão missionária mais acentuada. A Igreja não é estática mas dinâmica.

3) Deve ser aceito pelos padres conciliares: a indolente escriturística, a referência contínua às tradições orientais e a insistência formal sobre o caráter colegial do episcopado e sobre o espírito ecumênico.

4) Solicitou-se um esquema sobre Maria Santíssima. O estudo da Colegialidade deveria ser feito mais amplamente.

5) Lamentou-se a abstenção do capítulo Igreja e Estado.

6) Deseja-se uma melhor integração dos vários aspectos das imagens na igreja com fim catequético. A presença do Verbo na Igreja deve ser mais explicitada. O tema de Maria Santíssima deve ser conectado com a Igreja em si.

7) Foi proposto que o esquema deve apresentar a igreja como porta voz da fé e não como uma instituição humana. Precisa tocar mais no que diz respeito à liturgia ao ofício divino e ao caráter missionário da Igreja.

39ª Congregação Geral.

Nesta sessão duas notas ressaltamos aqui para os leitores:

1) No início dos trabalhos foi lida a mensagem que os observadores enviaram: - Cónseios do acontecimento histórico determinado pela decisão do Santo Padre de convidar representantes qualificados do laicato para assistirem, na qualidade de observadores, às sessões do Concílio a emoção, a alegria e a profunda gratidão dos leigos, por eles representados e a vontade de corresponder com a mais viva atenção aos trabalhos e às decisões conciliares, prometendo rezar ferozmente pelo feliz êxito da grande assembleia.

2) Entre as intervenções feitas a mais distinguida sobre o “mistério da Igreja”, foi a do Cardeal Câmara que em nome dos 159 bispos brasileiros solicitou que não esquecêssemos que o “Reino de Deus” visava os pobres, à luz dos evangelhos sinóticos.

Documento 34

Panorama Do Concílio³⁷

BISPOS DE ROXO E DE PRETO – Notícias chegadas de Roma dizem que impressiona a todos que chegam aquela cidade e a vivência conciliar por parte dos bispos de todo o mundo. Todos procuram viver com simplicidade e levam a sério a tarefa que lhe é devida. Durante as solenidades conciliares todos estão obrigados a vestir-se de batina roxa com sobrepeliz e barrete. Entretanto, nas ruas todos andam com batinas pretas, confundidos com os sacerdotes que ali chegam “e ninguém sabe quem é o padre ou o bispo”. As informações revelam que o espírito de renovação à simplificação do traquejo eclesial é cada dia mais afirmada: vê-se o padre ou o bispo na sua casa comercial comprando algo com a maior simplicidade, conversando com todos como se todos estivessem imbuídos de levar a Igreja à compreensão de todos sem necessitar o acúmulo de panos ou de enfeites.

Aliás, diz o noticiário do concílio que nos chegou, “ontem tivemos a felicidade de ver Sua Santidade Paulo IV sair à rua para ir à Igreja de Santa Maria Maior para uma cerimônia, recebendo a todos com a sua peculiar simplicidade”.

BISPOS BRASILEIROS SÃO UNIDOS – tem causado grande impressão entre os grupos do episcopado universal a mentalidade de trabalho em equipe por parte do episcopado brasileiro. Enquanto outras nações levam seus problemas, muitas vezes cada um falando individualmente, o Brasil é manifestado por algum que fala por todos após um estudo conjunto sobre o tema preparado em equipe. O que impressionou muito aos padres conciliares foi o gesto do episcopado nacional brasileiro na votação sobre o esquema da Igreja. Os brasileiros chegaram a Roma na madrugada do dia 29 de setembro. Logo souberam que a sessão a começar no mesmo dia às nove horas seria sobre o tema da Igreja. No dia seguinte solicitaram uma reunião a nação para um estudo sobre a presidência de D. Aluísio Lorscheider, bispo de Santo Angelo no R. G. do Sul, a fim de que ele como presidente da comissão de teologia explicasse melhor para todos o assunto. E assim foi.

³⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 09 nov.1963. P. 1

No dia 2, D. Jaime Câmara, presidente da CNBB apresentou o resultado concreto da opinião do episcopado brasileiro sendo que 109 votos foram a favor do esquema proposto e apenas alguns votantes foram contra, com alguma emenda.

Isto revelou para todos a união de pensamento do episcopado brasileiro impressionando aos que ali ouviram a voz do Cardeal Câmara.

TEÓLOGOS CATÓLICOS E NÃO CATÓLICOS DISCUTEM EM TELEVISÃO – No dia quinze de outubro foi transmitida pela “Columbia Broadcasting System” e retransmitida para toda a Europa e Estados Unidos pelo satélite “Telstar II” uma discussão televisionada entre teólogos da Igreja protestantes com o título “A Revolução cristã”. Representando no catolicismo estiveram: o Cardeal Rugam. Bwa e o Reverendo Hans Kung, alemão, professor da Universidade de Tubingen. Da parte protestante estiveram: o pastor inglês Leslie Newbigib, secretário do Conselho Mundial das Igrejas e o reverendo Franklin Clark Fry, chefe da Igreja Luterana da América e Presidente do Comitê central do conselho Mundial das Igrejas.

Esta conversa causou imenso interesse entre os intelectuais do globo sobretudo dando ao mundo um sentido de que é possível a união.

PAULO VI GOSTA DE MÚSICA – é sabido que p papa Paulo VI gosta e aprecia a música clássica e dá preferência a Bschi, Beethoven, Mozari e Chopin. Um grupo de alemães convidou os bispos conciliares para repousar do trabalho teológico ouvindo o coro e orquestra de João Sebastião Bach interpretando a “música per soli” no auditório da Via Della Consolazione. O Papa Paulo VI ciente de tudo por meia da televisão que lhe é posta a participar reservadamente das sessões do Concílio, nesta ocasião preferiu estar entre os seus colegas bispos a fim de ouvir também o seu compositor preferido – Bach.

O EPISCOPADO BRASILEIRO FALA COM PAULO VI – No dia 23 passado, as 18 horas, todo o episcopado brasileiro teve uma conversa particular com SS. Paulo VI, no Vaticano. No início D. Jaime Câmara falou em nome dos 170 bispos brasileiros ali presentes. SS. Ao começar disse que aquele encontro seria uma “palestra” e pediu que ficassem no recinto apenas os bispos, falando durante trinta minutos para o episcopado do Brasil. Falou sem papel, o que se notou nenhum preparo, em italiano, porém mostrando conhecer e estar a par da situação da nossa nação. Entre o que o Papa Paulo VI disse, aqui vão alguns tópicos: “Vos podeis

realmente influir de modo determinante sobre o mundo. Não que a Igreja mude seu direito constitucional, fazendo com que os números sejam determinantes, mas de, certo modo, a Igreja é realmente democrática, especialmente durante o período do Concílio. “Vos ocupais um lugar altamente estratégico. Basta pensar que só nos últimos 10 anos foram criados 60 novas dioceses. Nenhum outro país do mundo registrou progresso semelhante ao vosso”. Em certo sentido vós sois chamados a fundar novamente a Igreja no vosso Continente. Hoje o Brasil se encontra em período de evolução jamais registrado em época alguma história. É absolutamente necessário que os métodos pastorais acompanhem essa evolução”.

“A mudança de estruturas nos levam a acentuar outro aspecto essencial, é a esperança, para mim é a mesma coisa. A realidade que vós aqui representais não é a estática. É altamente dinâmica. Não é um ponto de chegada mas sim um ponto de partida”.

“O coração do bispo é um coração de amigo e pai e não um coração comandado pelo Direito Canônico”. “Como resolver o problema das desigualdades sociais? Não pela violência: é preciso que o digamos aos nossos elementos mais ativos, justiça, na caridade e na liberdade”.

“Gostaria de dizer mais uma coisa, em relação às aptidões do povo brasileiro que conheço”. “A pastoral deve partir das qualidades naturais do povo.

O brasileiro é sobretudo rico de poesia e canto. “Um povo que canta é um povo que reza”. “Em vez de corais solenes nas Igrejas, o povo todo deve ser convidado a cantar. Seguir o exemplo de Anchieta que catequizava escrevendo na área”.

Terminou SS. Dizendo que rezava pela construção da Igreja do Brasil consagrava sua oração à proteção de N. S. Aparecida Padroeira do Brasil.

Documento 35

A Margem Do Concílio³⁸

Pe. LUCIANO DUARTE

Roma, 14 de Outubro de 1963.

O Concílio prossegue O tema estudado durante as duas primeiras semanas tem sido o esquema sobre a Igreja. Aprovado, em bloco, por uma maioria esmagadora (2 301 votos contra 43 e 27 nulos), o esquema, que havia sido rejeitado na primeira sessão, surgiu agora refundido, apresentando uma visão dinâmica e Cristocêntrica da Igreja, de preferência a uma perspectiva jurídica. Os Padres Conciliares discutem o esquema, artigo por artigo, e sugerem as emendas que lhes parecem oportunas.

Mas, nesta crônica, não é ainda do conteúdo doutrinário dessas discussões que me quero ocupar. Antes, é minha intenção registrar aqui algumas impressões colhidas em Roma, nesse tempo de Concílio.

XXX

Um problema que atualmente cria tensões, na opinião pública católica, e tensões cada vez mais fortes, é o lugar de destaque que é reservado ao patriarcado e nobreza romana, para as estarem às cerimônias solenes na Basílica de São Pedro, enquanto o povo fica do lado de fora. Para contornar esse impasse, Paulo VI, num gesto ousado e simpático, havia determinado que a solenidade de sua coroação tivesse lugar na praça de São Pedro. E uma multidão, calculada em 300.000 pessoas, viu com seus olhos o acesso à Catedral de Pedro do mais recente de seus sucessores.

Mas, a cerimônia da reabertura do Concílio teve lugar dentro da Basílica de São Pedro e ela estava mais uma vez a nobreza de Roma, e dezenas de homens vestidos segundo o estilo da corte espanhola de Felipe II, as golas brancas subindo pelo pescoço, contrastando com o tom negro do traje distinto e anacrônico,

A imprensa católica de esquerda protesta: porque, os nobres, e não o povo? Onde está a gente simples de Roma, para quem se fecham as portas de sua Basílica?

A verdade é que essas portas não estão lá tão completamente fechadas, para o bom

³⁸ A Cruzada, Aracaju, 09 nov.1963. P. 3

povo romano. Pois aquilo que o regulamento não prevê, a “*combinazione*” providencia. . A “*combinaziune*” é na Itália, o que o nosso “jeito” e no Brasil. O italiano e latino, e latino do Mediterrâneo, comunicativo, hábil, malicioso. O fato é que, na Basílica de São Pedro, na cerimônia de reabertura do Concílio, onde, em princípio, só estavam os convidados e os jornalistas, o “jeito” italiano fez com que muitos representantes da gente simples de Roma estivessem presente. No setor dos jornalistas, depois de alguns momentos após o início da cerimônia, começaram a chegar numerosas pessoas, cuja aparência não indicava nenhuma ligação com a vida da imprensa. Em particular, uma senhora italiana, pessoa simples ainda jovem, com duas meninas de uns quatro anos; de idade. As meninas eram gêmeas, de cabelo louro amarrado atrás da cabeça, ambas ligeiramente estrábicas. No meio daqueles adultos sisudos, de línguas as mais diversas, e que inicialmente se entreolham com um olhar de surpresa e de censura, as crianças puseram, em pouco tempo, um tom de alegria, desta desarmante pureza infantil, irmã das flores desabotoando.

O fato é que, no meio da cerimônia, enquanto as arcadas de São Pedro ressuavam aos acordes da Missa, cantada por todos os presentes, mima bela e comovente participação, eu vejo as duas meninas, nas filas dianteiras dos bancos, a alguns metros na minha frente, sentadas nos ombros de dois jornalistas, olhando maravilhadas o cenário. A mãe fora passando de banco em banco, aos poucos; com a perseverança de quem se decidira a ver de perto o que ocorria. Seu passaporte era o sorriso, a fala cantante, os olhinhos azuis e estrábicos das duas meninas.

E lá estava a “jornalista” romana, com a família, presente em São Pedro, graças à “*combinazione*”. Junto de mim, um repórter francês murmurava: — -Deve ser a esposa de algum guarda suíço”.

XXX

Isto me faz naturalmente pensar em uma reflexão que ouvi, durante o tempo em que estudei na França. Um francês voltava de sua primeira. Viagem à Itália, e dizia, num tom de crítica:

— “A Itália é o país em que as leis se fazem para não serem cumpridas. Nos ônibus se lê: “Somente 30 pessoas em pé”, e a gente vê cinquenta que se exprimem como sardinhas. Ou então, em alguns santuários: “As senhoras devem manter o véu sobre a cabeça”, e quem não tem véu põe um lençinho diminuto e faz o mesmo efeito”...

E o interlocutor, velho conhecedor de Roma, lhe respondia:

— “Quando você conhecer melhor a Itália, compreenderá esta diferença: aqui na

Franca, uma lei significa uma decisão que se tomou, e da qual não se arreda o pé Na Itália, uma lei indica uma orientação que e prefere".

Será um defeito ou uma qualidade do gênio latino mediterrâneo, está capacidade de ser flexível, de encontrar a saída para uma dificuldade, de fazer passar de ombro em ombro duas crianças Louras que querem vez o Papa?

XXX

Nessa mesma linha de considerações, registros um pequeno fato de que fui testemunha, há alguns dias. Eu estava no correio, aqui na Via Aurélia, e esperava, na fila, minha vez de ser atendido. Em minha frente, uma senhora idosa e gorda levava na mão um grande cartão postal colorido, representando a Sala do Concílio, com os 2.400 Bispos vestidos de capa de apege e sobrepeliz. A cena é impressionante, rica de cores, emoldurada pela grandeza dourada da Basílica de São Pedro, A senhora, em minha frente, olha e re olhava seu cartão colorido, visivelmente embevecida da Ia mandá-lo para a Sicília, para algum parente ou amigo, a quem as cores da "cartolina" transmitam uma emoção

Ao chegar diante do guichê, e depois de pedir o selo, a senhora não se conteve e disse ao funcionário: — "Guarda, che bello". . ("Vejo, como e belo " . . .) E o funcionário olhou, e disse que era realmente uma maravilha, que a pessoa que ia receber o cartão haveria de ficar muito contente ...

Curioso e simpático povo italiano, que tem a capacidade de ser ao mesmo tempo funcionário público e parceiro dos sentimentos dos clientes... Por cima do balcão impessoal dos correios, o laço de uma amizade se atou por um instante, ao embalo das cores de um pobre cartão postal A monotonia dos gestos mecânicos, dos selos "; vendidos, do troco passado, não conseguira matar no possibilita sua sensibilidade humana, capaz de sintonizar com a alegria simples da camponesa siciliana, que enviava para os seus um pedaço de sua alma, no verso de uma fotografia

"Guarda, che bello". . , E eu e que olhava, e achava que era belo mesmo ..

Documento 36

Diácono Para A Igreja Virão Em Breve³⁹

Têm sido mais acalorados os debates do Concílio nesta segunda fase é a afirmação do noticioso que nos chega normalmente de Roma. Paulo VI tem feito questão que tudo ocorra em profunda análise dos fatos, o que se requer tempo. Nesta segunda sessão um assunto muito debatido foi o diaconato para cristãos que não vão ser sacerdotes. Sabemos que no começo da igreja o número subiu de 150 diáconos.

Hoje a necessidade do tempo traz assunto à pauta. E os olhos se voltam para os países da cortina de ferro e os subdesenvolvidos. Apesar da apreciação negativa do cardeal Spellman que achou desnecessário o diaconato na igreja, a maioria com argumentos fortes foi a favor da restauração do diaconato.

Mas, o ponto crítico da questão foi o celibato para o diaconato da igreja Latina.

Não seria isto uma oportunidade para desmerecer o valor do celibato na Igreja, permitir diáconos aos casados? Foi uma grande discussão. Chegaram à conclusão de que o celibato sendo uma cláusula disciplinar apenas, não seria motivo para impedir o diaconato por o bem da cristandade. O diálogo foi intenso. Aqui tomamos duas afirmações de bispos ilustres lá no Vaticano. D Paulo Soungana (de LTO Volta) disse que “o mundo atual, com sua civilização afrodisíaca, tem necessidade de testemunho da castidade”. Por outro lado, D. Jorge Kemerer, bispo de Possadas (Argentina disse que o diaconato sem celibato é uma necessidade urgente em muitos países).

Finalmente, depois de grande análise, no dia 30/10/63 ficou definitivamente aprovado que alguns dos futuros diáconos poderão ser casados. Fica a critério de cada bispo, segundo a necessidade da diocese.

³⁹ **A Cruzada**, Aracaju, 23 nov.1963. P. 1

Documento 37

Notas Soltas Sobre O Concílio⁴⁰

Pe. LUCIANO DUARTE

Durante o debate sobre o capítulo dos Leigos, o Cardeal Suenens, de Malines – Bruxolas, congratulando-se com o Concílio pela presença, nesta sessão, de dez representantes leigos, lamentou que seu número não fosse maior e mais significativo de todos os continentes. E ajuntou: - “E porque as mulheres não estão também representadas nesta Assembleia da Igreja? Elas são, se não me engano, a metade da humanidade, e a suas forças principais de apostolado”. Suas palavras foram aplaudidas pelas galerias de Bispos mais jovens, sempre sensíveis às ideias avançadas, e que, na gíria do episcopado brasileiro, são chamadas à bancada do PTB.

XXX

Paulo VI sagrou quatorze novos Bispos, no dia das Missões, 29 de outubro. A maioria dos novos pastores se destina às missas católicas, e entre eles havia Bispos da Coreia do Japão, da Índia, de Tanganika e do Congo. No mesmo dia, num discurso pronunciado no Seminário da “Propaganda Fide”, casa de formação de missionários, em Roma, o Papa fazia um apelo para que a China continental mudasse sua atitude de opressão e perseguição implacável conta a Igreja católica. Ne, um só Bispo pode vir, daquele país, ao Concílio.

XXX

Entre os Bispos brasileiros se articula um movimento no sentido de solicitar da Santa Sé uma solução definitiva para os sacerdotes que deixaram a batina. Ao mesmo tempo em que se mantém, com firmeza, o celibato para os sacerdotes, se pede a redução ao estado leigo, com disputa de todas as obrigações, inclusive do celibato, para os padres que desejaram a batina, comumente (e impropriamente) chamados apóstolos.

⁴⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 23 nov.1963. P. 1

XXX

Enquanto se discutia na Sala Conciliar, a definição do estatuto do leigo na igreja, um Bispo norte-americano, Mons. Robert Tracy, de Baten Rouge, Louisiana, pediu em nome de 149 bispos do seu país, que o texto acrescentasse, no parágrafo em que todos os homens, a cláusula “sem diferença de raça”. Explicou que esta solene definição do Concílio mostraria, claramente, como nenhuma discriminação racial se pode conciliar com a doutrina cristã, que ensina todos os homens terem sido criados por Deus com igual dignidade iguais direitos. “Esta declaração, concluiu, será um apoio aos que são humanos hoje pelos preconceitos raciais”.

XXX

O Santo Padre recebeu o Episcopado do Brasil, em audiência especial, no dia 22 de outubro. Depois que o Cardeal Dom Jaime Câmara apresentou a Paulo VI as homenagens dos Prelados brasileiros, o Papa pronunciou um discurso, que durou cinquenta minutos. Em suas palavras, analisou a posição do Brasil, no quadro dos problemas do mundo e dentro da Igreja. Ressaltou, especialmente, o crescimento do país, sob os mais vários aspectos, chamando o Brasil, a certa altura, de “continente dentro de um continente”. Pôs também em relevo a importância da educação cristã das novas gerações, destacando o esforço já feito, até agora, nesse campo.

XXX

Nas duas alas laterais da Basílica de São Pedro durante as Congregações Gerais, funcionam dois bares, onde Padres Conciliares podem tomar refrigerante, chá. As sessões duram mais de três horas, e muitos sentem necessidade de espairecer um pouco, para arejar as ideias e refrescar ou forrar o estômago. Os bares se tornaram pontos naturais de encontro e de contratos. O pastor protestante So. bonne e observador ao Concílio, declarou que, quem escrever a “pequena história” do Sínodo, não poderá omitir a importância dos bares, como ocasião de apresentações e de importantes aproximações humanas. Os Bispos apelidaram os pequenos restaurantes de “Bar. A. bás” e “Bar-Jonas”.

XXX

Paralelamente às sessões do concílio, realizam-se em Roma, nesse momento, inúmeras conferências e reuniões de grupos, para estudar os assuntos em pauta na Sala Conciliar. A fina flor do que a Igreja possui, em inteligência e erudição teológica, está em Roma, atualmente. Para os Bispos brasileiros, na “Domus Mariae”, vem se realizando uma série de conferências sobre os temas do Concílio, a cargo de grandes especialistas. Entre outros, falaram aos nossos Feriados o Pe. Yves Congar. Um dos maiores teólogos da França, o Pe. Ernesto Vogt, diretor do Instituto Bíblico de Roma durante 14 anos, e o Côn. René Laurentim, grande autoridade em Mariologia.

XXX

Dam Helder Câmara, Arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro, é constantemente solicitado pela imprensa e televisão europeia, para falar sobre o Concílio. Há poucos dias, aparecia na TV italiana. Um vídeo-tape seguiu para a Brasilândia, com suas declarações sobre o Concílio e a pobreza. O último convite a lhe chegar foi de Genebra, onde desejam entrevista-lo na TV, juntamente com um pastor protestante, para uma análise das causas de separação entre católicos e os reformados.

Documento 38

Concílio À Luz Da Face De Cristo⁴¹

FREI ANTONIO O FIM

Embora remente aos primeiros tempos do cristianismo, acentua-se sua importância durante os séculos, ora mais, ora menos, verdade é que em nenhuma época a Sagrada Face prendeu como agora a atenção dos homens, E sua glória divina, que se manifesta através do suor e sangue, brotando das feridas e chagas sociais. Teólogos e palavra, e moralistas, arcebispos e educadores voltaram a descobrir na Face do verbo encarnado a fonte que lhes oferece orientação na solução dos grandes problemas atuais.

No entanto, todo valor deste interesse, por mais importante que seja, não se compara com a apreciação que a veneração da Sagrada Face mereceu encontrar nos pronunciamentos dos Padres Conciliares e, dum modo particular, nas palavras do Santo padre João XXIII. Disse o papa, na sua rádio mensagem do dia 11 de setembro: “o que é, enfim, um concílio ecumênico, senão um novo encontro com a Face de Cristo o Ressuscitando. Rei glorioso e imortal que, por toda a igreja brilha para a salvação, para alegria e regeneração da humanidade? ”

Esta finalidade do Concílio, o Sumo Pontifício tornou a frisar, quando na testa de Cristo Rei, dia 28 de outubro, falava ao povo na Praça de São Pedro: “Diletos filhos, cada um de vós, cada um de nós se esforce exemplarmente para que penetre e se renove nos indivíduos, nas famílias e na sociedade humana o esplendor da Face de Jesus.

Como se vê, o Santo Padre se refere ao Cristo místico que, conforme o Novo Testamento prega, se revela Face, aos olhos do coração, “Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, resplandecesse também em nossos corações para a iluminação do conhecimento da glória do Pai na Face de Cristo Jesus”. (2 Cor. 4,8).

E é destes pensamentos, que compartilham também os Padres Conciliares:

⁴¹ **A Cruzada**, Aracaju, 23 nov.1963. P. 3

“Resplandeça a Face de Jesus Cristo...de tal forma consagraremos as nossas energias às renovações de nós mesmos, os Pastores, e do banho a nós confiado, que a todos os povos talvez a amável Face de Cristo, resplandecendo em nossos corações para refletir o esplendor de Deus”.

Estas declarações evidenciam que tanto o Santo Padre como os Bispos, ao começarem a desincumbrar-se de seus deveres apostólicos, volveram na atenção e de modo direto, para a divina Face recordando ao mesmo tempo que a Face do Pontificado é por excelência a fonte daquelas energias com que desejam formar um mundo novo.

Documento 39

As fontes da Renovação da Igreja⁴²

Pe. Luciano Duarte

O primeiro mês da segunda sessão do Concílio terminou. Qual o saldo dessas quatro semanas de trabalho, de todas essas Congregações Gerais, onde cada manhã, num clima de franqueza e liberdade, os Padres Conciliares expõem seu pensamento, diante dos seus irmãos, sobre a Igreja, sua Hierarquia, seu laicato, sua presença no Mundo moderno?

Inicialmente, deve dizer-se que é se mês de trabalho atacou o problema central do Concílio Ecuménico Segundo da Vaticano: a função do Episcopado e o papel dos leigos na Igreja. O primeiro concílio do Vaticano foi suspenso precipitadamente-, em julho de 1870. A guerra civil convulsionava a Itália. As tropas de Garibaldi chegavam as portas de Roma, para Selar a tomada dos Estados Pontifícios, perda que foi um ganho para a Igreja.

Os padres Conciliares do Vaticano I, durante alguns meses de trabalho, tinham apenas terminado os debates sobre a posição do Papa na Igreja, e proclamado a inefabilidade do Sumo Pontífice, por assistência divina, quando fala como mestre supremo da cristandade, sobre a fé ou moral. Aquele Concílio, assim, não teve tempo de pronuncia se sobre a função dos Bispos, nem o papel dos leigos.

O Segundo Concílio do Vaticano teria, naturalmente, entre seus objetivos, o de completar a obra inacabada do Sínodo anterior. E, agora, aparece como providencial que os temas do Episcopado e do Laicato não tenham sido promulgados nas circunstâncias de um Século atrás. Pois o Vaticano I, marcado pela preocupação de ressaltar a função e o primado do Papa, sucessor de Pedro, não teria, talvez, enfocado esses temas em toda sua largueza.

Diz-se que, na Cúria Romana, é um adagio corrente: “Pensiamo in secoli”:

“Nós pensamos ao ritmo dos séculos”. Essa cadencia lenta, fora de moda num tempo vertiginoso como o nosso, continua, entretanto, a ser o passo das grandes ideias. Em 1870, no Primeiro Concílio do Vaticano, não se sentiu, claramente, o que podia

⁴²A Cruzada, Aracaju, 23 nov.1963. P. 3

haver de negativo numa centralização excessiva da administração da Igreja em Roma. O problema existente era a necessidade de afirmar-se a supremacia do Papa, acima dos pruridos das Igrejas nacionais.

Agora, cem anos depois, movendo-se lentamente, o pêndulo oscilante chegou a outro bordo. As nações católicas desejam maior autonomia, nos seus problemas particulares de igreja. Sempre sob a direção suprema de Pedro, os sucessores dos Apóstolos tentem em que o momento chegou, em que não é mais a Cúria Romana, mas são os diferentes episcopados nacionais, que devem decidir os problemas postos diante deles pela vida de todos os dias, em seus países. O primeiro grande debate, pois, durante a discussão do esquema sobre a Igreja, foi a respeito da Colegialidade Apostólica. Deixando à margem certas indagações teológicas, parece-me que o fundo do problema está bem destacado na síntese que fez o Cardeal Suenens, de Bruxelas: “Todo o problema está aqui: Os apóstolos foram constituídos por Cristo, para governar, ensinar e santificar a Igreja, “sub” e “cum Petro”. A missão do Segundo Concílio do Vaticano é a de pôr, em sua plena luz, a colaboração dos Bispos com o Sumo Pontífice, “cum Petro”, sem nada negar da posição anteriormente definida”

Na Aula Conciliar, o debate se feriu, então, entre os partidários da centralização pontifícia e os advogados de uma valorização do “colégio episcopal”. De um lado, por exemplo, o Cardeal Rufini, Arcebispo de Palermo, eloquente advogado das ideias conservadoras, não via suficiente fundamento escriturístico para a colegialidade dos apóstolos? Em contraposição, o Cardeal Aifrink, da Holanda, se insurgia contra a expressão do texto do esquema: A Igreja em como fundamento Pedro e os Apóstolos”, ressaltando assim o primado de Pedro, mas colorando-o no quadro da colegialidade apostólica. O alcance prático da discussão logo se percebe: *se deixa* na penumbra a missão com a função dos Bispos, tomados como um corpo colegial que sucede aos Doze Apóstolos, em cada momento histórico da vida da Igreja, então a centralização administrativa de Roma, provocada pelo Vaticano I, só fará revigorar-se. Se, porém, os Bispos obtêm o exercício concreto de uma maior soma de poderes, então, “sub et cum Petro”, os sucessores dos Apóstolos, em seus países, se sentirão ainda mais plenamente investidos em sua missão de pastores dos fiéis de Cristo.

A maioria massica dos Padres Conciliares que aprovou, no começo da discussão, em suas linhas gerais, o esquema sobre a Igreja, não deixa dúvida que a acentuação e o relevo da colegialidade apostólica serão uma das notas da presente sessão.

O segundo grande tema tratado nesse mês de outubro, que vem de encerrar-se, foi o

estatuto dos leigos:

Na Igreja. Leigos, como se sabe, são os cristãos batizados: que vivem no mundo.

Por estranho que pareça, a verdade é que não há, propriamente, uma doutrina tradicional na Igreja, a esse respeito. Antoine Wenger fazia notar, há poucos dias, aqui em Roma, como são poucos os *textos* que falam sobre os leigos, na tradição católica. E, além disso, vários deles são negativos, como os dos concílios de Constança e de Trento, que pretendiam reagir; contra os extremismos da Reforma protestante.

É sobretudo no século XX, com os grandes textos referentes à Ação Católica, especialmente de Pio XI e Pio XII, que o laicato é enfocado pelo magistério eclesiástico,

O Concílio atual se vê, assim, numa posição curiosa. Jean Guifton, da Academia Francesa, mestre na Sorbonne, e primeiro auditor leigo admitido ao Concílio por João XXIII, comentava o assunto, recentemente, em conversa na Basílica de São Pedro. Dizia-me ele: — “O Concílio se encontra numa situação semelhante à de oficiais de um exército que, depois de longamente discutirem sobre seu próprio e acaloramento, e a função de cada graduado, de repente se lembrassem: “Ah, mas existem também os soldados! É preciso definir o estatuto deles” ... A verdade é que os leigos não tem sido lembrado: nos Concílios Ecumênicos anteriores. Ora, a Igreja, essencialmente, existe em função deles e a seu serviço”.

O debate sobre o capítulo dos Leigos trouxe grandes VOZES aos microfones da Sala Conciliar Meio século de Ação Católica, vivida com altos e baixos nas diferentes partes do Mundo, já demonstram a Hierarquia a imensa reserva apostólica que existe, muitas vezes desperdiçadas, no laicato. Reserva que Pio XI, o grande organizador da Ação Católica, pôs a serviço do impenável missionário da Igreja, em nosso século.

As grandes intervenções dos Padres Conciliares destacaram, então, sucessivamente, a função dos leigos como participantes do sacerdócio de Cristo, pelos sacramentos do Batismo e da Crisma, pela Eucaristia, centro e fim de todos os sacramentos, e também pelo Matrimônio, que cria nos esposos cristãos um estado de consagração ao Senhor

Esse sacerdócio universal se distingue, evidentemente, do sacerdócio ministerial, que só se recebe pelo sacramento da ordem. E que torna um homem apto para celebrar o santo sacrifício da Missa.

Os Padres Conciliares, mostraram, também, de que forma o leigo participa da missão profética e real de Jesus Cristo. Chamados a proclamar ao Mundo a Palavra de Deus (missão profética), em participação da tarefa evangelizadora dos Apóstolos, os leigos, também participam do caráter real de Jesus Cristo, menos num sentido de glória, que não

vira nesse Mundo, do que como contribuição para o estabelecimento do reino de Deus, na Terra

O terceiro grande tema tratado NO Concílio, até o fim de outubro, foi a restauração do Diaconato

O livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo VII, conta como esses, submergidos pelo trabalho, resolveram escolher sete cristãos exemplares, ordenando-os Diáconos, a fim de que estes os ajudassem em sua tarefa O Diaconato é a primeira participação no sacramento da Ordem, de que o Presbiterado (que recebem es padres) é o segundo grau, e o Episcopado a plenitude.

Até o século IX, o Diaconal permaneceu como um estado de vida na Igreja, ao lado do Presbiterado Depois, por causas diversas, desapareceu. Hoje, o Diaconato é um mero de grau na preparação de um sacerdote. Um jovem estuda, no Seminário a filosofia e a teologia, recebe a tonsura, as ordens menores, o subdiaconato, e depois Lhe é conferido o diaconal, para, alguns meses após, ser ordenado sacerdote

A grande questão que, agora, se coloca, é a seguinte: diante da explosão demográfica de certas regiões da terra, e em face da carência de sacerdotes em quase todos os países, é ou não chegado o momento de restabelecer-se o Diaconato, como estado permanente de vida?

Os diáconos seriam ordenados, recebendo o sinal indelével e a graça do sacramento, que os preparada para tuna função tríplice Em primeiro lugar, o serviço do culto: os diáconos podem balizar, distribuir a sagrada comunhão, e poderiam ser autorizados a dar a bênção do Santíssimo Sacramento Em seguida, te- riam diante de si o campo imenso do serviço da Palavra. “A fé vem pelo ouvido”, como diz São Paulo. E o diácono é mandado para anunciar ao mundo a **palavra** de Deus, a pregar o Evangelho, a ensinar os rudimentos da fé ás crianças do catecismo. Finalmente, o diácono teria como missão, também, o serviço dos pobres, inspirarão da própria criação da função diaconal, pelos Apóstolos.

A atualidade e importância da restauração do Diaconato permanente obteve, que e, a unanimidade dos pronunciamentos dos Padres Conciliares. Mas, onde a discussão se tornou viva e as discrepâncias profundas, foi quando se tratou de estabelecer-se o Diaconato devia ser reservado apenas a homens. Libertários, ou se também homens casados poderiam receber e:ta ordenação.

De um lado, vários Padres Conciliares sustentavam a inconveniência da ordenação diaconal de casados, afirmando ser isto urna brecha ao celibato eclesiástico, que poderia trazer desastrosas consequências. Do outro lado, se argumentava: se urna das principais

razões; da restauração do Diaconato é a carência de clero, quem não vê que o Diaconato somente para celibatários não resolverá a questão? Além disso, entre os primeiros Diáconos não havia também casado?

E mais: na linha do ecumenismo, da aproximado entre catolicismo e protestantes, não poderia isto ser um passo positivo, mostrando que a Igreja Católica, de rito latino, reconhece a razão de ser de urna participação, no sacramento da Ordem, também por cristãos casados?

Os debates sobre o assunto se encerraram! enquanto cada grupo mantinha firme seu ponto de vista O resultado da votação e deverá vir ainda nessa segunda sessão do Concilio, **é**, por enquanto, imprevisível.

Os Bispo, da América Latina, em sua maioria, se pronunciaram pelo Hiato nato também para os casados. Entre os prelados brasileiro, 129 assinaram urna declarado nesse sentido.

Os diáconos em nossa pátria, poderiam ser de grande agilidade à Igreja. Nas paróquias que têm vigário, eles seriara o braço estendido da ação sacerdotal ajudando na tríplice ordem de serviço acima discriminada

E que dizer de sua ad® nessas «numeras paróquias rem vigários, nessas incontáveis capelas onde *o* pároco apenas pode aparecer, apressadamente, urna vez por mês? O diácono, um cristão tomado entre os melhores da localidade, forte da **grapa** e do sinal do sacramento da Ordem, seria ai o elemento vivificador da comunidade crista, alimentando-lhe a fé pela palavra, pela oração e pela Eucaristia.

A passagem da teoria para a prática terá, naturalmente, sem problemas Mas, aqui está, ao que parece, urna das fontes da renovação espiritual da Igreja, na primavera crista, que deverá nascer do Concilio

Documento 40

Reforma Litúrgica: Grandes Novidades⁴³

Um dos resultados mais importantes da primeira sessão do Concílio foi a apropriação global do projeto relativo à liturgia da igreja. Agora, na segunda sessão, enquanto examina os outros assuntos, começa a assembleia a votar os artigos da matéria das decisões anunciadas pela imprensa, pareceu-nos útil informar a opinião pública do seu conteúdo e alcance.

Começemos por notar, a propósito do “esquema”, (leia-se projeto) de liturgia, que ele, em conjunto que o seu objetivo principal é estabelecer os meios de uma verdadeira participação do povo nos atos do culto numa presença ao mesmo tempo consciente e ativa. Que no culto o padre e o povo não se adicionem, como duas quantidades esperadas, como disse Pio XII, isto é, que não sejam como duas forças distintas, cada qual agindo em campo diverso, mas sim como membros do mesmo organismo que age como um só ser vivo.

É nesse sentido que o projeto procura restaurar certos comportamentos que estavam mais ou menos esquecidos. Não se vejam porém nesse intento, um simples amor às coisas antigas e às riquezas do culto do passado, mas uma volta a realidade que correspondem à natureza das coisas e pertencem à estrutura mesma do culto cristão.

Entre as aparentes inovações agora aprovadas, três chamam a atenção:

- a comunhão sob as duas espécies (pão e vinho), em certas ocasiões;
- a celebração eucarística;
- o uso, ao menos em parte da língua local no culto.

Tentemos traçar as duas espécies.

1. A comunhão resolveu restaurar em certas coisas (missas de ordenação, de profissão religiosas, por ocasião do batismo de adultos, etc), à velha praxe que no Ocidente vigorou até o século XII-XIII e no Oriente se manteve ininterrupta. Quem não vê ali a preocupação

⁴³ **A Cruzada**, Aracaju, 23 nov.1963. P. 4

pastoral de valorizar os sinais sagrados? A liturgia inteira é um sinal visível de realidade ocultas de graça. A participação no cálice (embora não necessária pois o pão é suficiente para dar em comunhão o Cristo total) exprime mais perfeitamente o sinal da ceia – que foi escolhida por Jesus para significar através da consagração em separado do pão e do vinho, o sacrifício redentor – e serve para manifestar o caráter de festa e de alegria do banquete pascoal.

2. A concelebração defini-la como a missa em que Jesus Cristo em vez de agir por um só ministro, age por muitos. É uma celebração em que muitos ministros pronunciam ao mesmo tempo as palavras sacramentais, agindo como um só Padre de sacrifício. É o limite máximo da missa comunitária, pois nela o próprio rito revel a unidade do sacerdócio.

Assim, sobretudo na quita feira santa, comemoração da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio, a missa nas catedrais, nas comunidades religiosas de muitos padres nas paróquias, revelará, pelo sinal da concelebração que só sacerdote – Jesus Cristo. na Igreja latina, o uso da concelebração se conservou apenas nas missas da ordenação, enquanto no Oriente é uma praxe imutável da sua bela liturgia.

3. O uso da língua viva nos atos do culto.

De todas as decisões, esta é, talvez a de maior alcance pastoral. O enorme interesse revelado pelo mundo em relação a esta reforma poderia fazer pensar ser a Liturgia em latim uma cerimônia arcaica e ineficaz. Mas isto acontece. O valor intrínseco da Liturgia e a sua eficácia vem de se ela a própria oração e a própria ação da igreja. Em cada missa pedida nas solidões mais inacessíveis, será sempre a presença total da obra redentora do Cristo que se renova no mundo.

Mas é, por outro lado, inegável que a língua vulgar aumenta a compreensão dos ritos, na participação do povo segundo a forma pressuposta pelos próprios anos vem a Santa Sé facilitando o uso de rituais bilíngues (latim português), por exemplo e de leitura da Bíblia em língua do país nos atos do culto.

Sem negarmos o papel que o latim continuará a desempenhar como sinal que é a catolicidade da igreja, não podemos deixar de aplaudir a introdução do uso maior e paralelo de idioma do povo. Ajusta-se a natureza das coisas: a Liturgia é o culto “integral” do corpo místico. Como admitir que os membros desse corpo fiquem como à margem do que se passa, a que tanto lhe diz respeito? Na primeira parte da missa, em especial, é a

própria estrutura que se inspira no propósito de permitir à comunidade que escute (e compreenda) a Palavra de Deus, e por sua vez, possa responder, de modo obvio, ao que a ouviu, estabelecendo-se assim, o admirável diálogo que é o bem dizer, da essência mesma da Palavra. Não é o próprio Deus que pelo profeta Isaías declarou que a sua Palavra, baixada à terra entre homens, não voltará senão “enriquecida” pela resposta que ela quer precisamente receber? ...

O uso da Língua de cada país vai contribuir, portanto, para maior entendimento e para uma ação mais concreta, baseada no sinal luminoso da Palavra.

O mesmo vale para os demais atos sacramentais, além da missa. Eles são, em geral, construídos na base do diálogo. Estamos assim, certos, de que a iniciativa marcará na renovação da Fé em nossa terra. Foi talvez, a falta de maturidade que contribuiu para dar ao culto a falsa ideia de ininteligível e mágico...

Para terminar, uma consideração a mais. Além das razões expostas, as três espécies de inovação possuem ainda uma feliz perspectiva ecumênica, facilitando o mútuo entendimento entre as confissões cristãs. São entre os Orientais Ortodoxas e pelo menos algumas das confissões protestantes. Eis uma razão muito grave para receberem uma imensa alegria uma renovação que ao mesmo tempo nos põe, por assim dizer, mais perto de Deus, nós pondo também mais perto de nossos irmãos separados.

Documento 41

Notas Do Vaticano⁴⁴

PAULO VI E OS JUDEUS – Paulo VI recebeu no dia 14 de outubro na sala do Trono, personalidades hebraicas dos Estados Unidos que fazem parte da missão de Estudo da “United Jewish Appe. al”, que procura estudar, nos diversos países, os meios aptos de ajudar os seus compatriotas judeus.

Durante o Encontro, o Sumo Pontífice, num ambiente de amabilidade, sublinhou os laços de fraternidade que unem cristãos e judeus. Assinalou, especialmente, a obra comum de caridade solidariedade para com os necessitados, e sobretudo o uso da Bíblia.

A Igreja, disse o Santo Padre, determina que, no Ofício Divino, os sacerdotes rezem os salmos e leiam textos do Antigo Testamento. Isto autoriza o Papa a invocar o mesmo Deus “que amamos para que Ele nos sirva de guiam ajuda e conselho”.

XXX

ROMA – tem causado impressão a grade visão pastoral e atitude dos bispos brasileiros ao estudarem o tema do celibato para os padres que “deixaram a batina”. Nos fins de outubro, os bispos do Brasil, reunidos em assembleia geral, sob a direção de Dom Helder Câmara estudaram decididamente o tema a fim de que fosse apresentado na sala conciliar.

É de esperar-se que o celibato disciplinar será tolhida para o sacerdote que abandonou o sacerdócio e uniu-se em casamento. Enquanto isto todos os eminentes prelados relevam o valor e a necessidade, sobretudo para nossos tempos do celibato sacerdotal possa ser “homem mais de Deus entre os homens, homem da Igreja”.

XXX

⁴⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 30 nov.1963. P. 1

Numa entrevista concedida em Roma, o Patriarca Máximos IV, patriarca de Antioquia, Alexandria, Jerusalém e todo Oriente para o rito Melquita, disse que “o obstáculo à união não é a doutrina do primado em si mesma, a qual está muito bem alicerçada na Escritura e na tradição da Igreja, mas as interpretações excessivas do Primado na teoria e na prática”. Finalizando, o Patriarca ressaltou: “O Primado é absolutamente indispensável como centro da unidade da Igreja”.

Documento 42

Retrocesso para o Concílio⁴⁵

Cristãos separados e não-cristãos

Roma, 15 de outubro. -a. D. Isaac Ghattas, de 54 anos de idade, bispo. copito-católico de Tebas no Egito, disse, no dia 10 de outubro, na assembleia geral do Concílio, que as “Igrejas do Rito Oriental são “Igrejas irmãs” da Igreja de Rito latino, e que juntamente com essa Igreja formam a Igreja Universal. O Bispo acrescentou que, por conseguinte, o esquema sobre a Igreja devia tratar da Igreja em geral, não somente da Igreja Latina, e de verla mencionar a organização da Igreja no Oriente Médio, de acordo com seus patriarcados, coisa que os redatores do esquema só olharam de relance.

O esquema da Igreja foi cândida e agudamente criticado, por Dom Ghattas “por ser universal na intenção, mas muito latino na prática”. Disse ainda: “parece que para muitos Padres Conciliares a Igreja Universal é a Igreja Latina, a qual através de um esquema separado concede como que uns privilégios a uma minoria: a Igreja Oriental”.

Chamou esse conceito de Igreja “infeliz, para dizer pouco” e pediu aos Padres Conciliares que “o examinassem novamente no Senhor, e o corrigissem, não por motivos de caridade, mas por amor à verdade”. D. Ghattas acrescentou que muitos eclesiásticos da Igreja Latina olham para as Igrejas Orientais, Católicas e Ortodoxas, como para “esquisitices” eclesiásticas ou criações exóticas”, em vez de consideradas como “Igrejas Irmãs, as quais juntamente com a Igreja Latina formam a Igreja Universal”. O Bispo disse que as Igrejas Orientais sofrem com essa mentalidade, e lembrou aos Padres Conciliares da Igreja Latina: “Somos Igrejas Irmãs da vossa”. Disse que as Igrejas Orientais, tanto católicas quanto ortodoxas, “não aceitam nem podem aceitar o modo de agir da Igreja Latina, como se somente esta fosse a Igreja Universal que concede privilégios”. Afirmou que essa atitude da Igreja Latina é a razão de tantas dificuldades que impedem o diálogo com os nossos irmãos separados.

Inmediatamente depois da intervenção, D. Ghattas começou a receber numerosos pedidos de Padres Conciliares, de Observadores e por jornalistas a fim de lhes conceder o texto das palavras lidas, que foi considerado uma das intervenções mais fortes, pois tinha e

⁴⁵ A Cruzada, Aracaju, 30 nov.1963. P. 2

corajosas, que até agora foram feitas para facilitar o caminho da unidade com os ortodoxos e com os protestantes.

Fora do Concílio o Bispo copto-católico disse que era contrário a um esquema separado para as Igrejas Orientais, como se planejava. “Há uma Igreja só, da qual, latinos e orientais, somos todos Igrejas Irmãs”, disse D. Ghattas, “e por isso deve haver um esquema só sobre a Igreja, no qual se devem: fazer referências gerais às Igrejas particulares e aos pormenores próprios de cada uma”.

Um membro do Secretariado pró União das Igrejas Cristãs, falando a diversos comentaristas, assinalou o significado do aviso dado no dia 14 de outubro, comunicando que fora designado, no Concílio, um novo lugar aos chefes dos antigos Patriarcados, diretamente em frente aos lugares destinados aos cardeais.

O Pe. J. Long, S. J., profundo conhecedor das Igrejas Orientais, frisou que esta mudança tem a tratar de um Concílio da Igreja Ocidental, mas sim de toda a Igreja. Lembrou que, nos primeiros tempos, era reservado aos Patriarcas um lugar especial e que a Igreja oriental sempre lamentou que o desenvolvimento da Igreja Ocidental tenha tendido a obscurecer ou a ignorar este “status” especial.

“O Concílio deve mostrar que os antigos Patriarcas têm seu lugar próprio na Igreja - ”, continuou Pe. Long. “Assim fazendo, realizará outra função: a de indicar aos que, atualmente, não estão em comunhão com Roma que, quando chegarem os dias da reconciliação, não serão absorvidos por ela. E, mais ainda, significa que as premissas estabelecidas quanto à conservação de um sistema de governo particular, de uma vida litúrgica própria e de suas manifestações, não foram colocadas de lado. O sentido simbólico do Concílio demonstra que tais premissas têm seu fundamento. A mudança de Lugar apresenta um evidente aspecto ecumênico que procura expressar às Igrejas Orientais o sincero desejo de Roma da “diversidade na unidade”.

Documento 43

A nova prece da Igreja⁴⁶

Pe. Luciano Duarte

Durante esta segunda sessão do Concílio, ao mesmo tempo em que debatiam os vários capítulos do esquema sobre a Igreja, os Padres Conciliares votaram, definitivamente, as emendas sugeridas; durante a primeira sessão, no ano passado, sobre a Liturgia.

A porcentagem de aprovação em todos os casos de mais de 80%. Isto traduz a impressionante quase unanimidade em que os Bispos do mundo inteiro dizem sim a uma necessária e urgente. E modificação no culto da Igreja. -

Esse é o primeiro resultado concreto do Concílio. Agora, falta apenas a promulgação da reforma, que será feita pelo Papa, e deverá correr ao término da segunda sessão conciliar

A NOVA FACE DA LITURGIA

A Liturgia é a continuação da ação sacerdotal de Jesus Cristo no mundo. É o culto público da Igreja. Assim, seu objetivo é duplo: o louvor de Deus e a Continuidade da obra redentora dos homens.

O ponto alto desse culto é a Missa, renovação do Sacrifício de Cristo, e os demais Sacramentos, que giram em torno da Eucaristia, todos de origem divina. Vem, em seguida, o Ofício Divino (Breviário), os sacramentais, as preces do Ritual, que são atos de culto de origem eclesial.

A primeira Missa, celebrada por Jesus na última Ceia, como anúncio e sinal de sua morte iminente, foi uma cerimônia simples, em derredor de uma mesa. Era a Nova Aliança, cumprida no sangue de Cristo, prolongando e completando a Antiga Aliança dos Judeus com Javé, selada na imolação do cordeiro do Egito.

Na última Ceia, Jesus consagrou o pão e o vinho, e deu-os a seus apóstolos. É nisto que está a essência da Missa. Tudo o mais é o engaste com que a Igreja procurará por em relevo a perla divina.

⁴⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 30 nov.1963. P. 3

Ora, a história da Liturgia, *e* essencialmente a história da estrutura da Missa e das cerimônias complementares que Ilhe foram sendo ajuntadas ao correr do tempo, *é* curiosa e, ate certo ponto, paradoxal.

DO GRECO PARA O LATIM

Inicialmente, no mundo greco-romano da bacia do Mediterrâneo, onde a Igreja brotou rapidamente, como uma súbita floração, a Liturgia era em grego. Roma dominava politicamente o mundo civilizado. Mas, a cultura dominante era a grega. Como diz o famoso verso de Horácio: “A Grécia vencida venceu seus conquistadores, e introduziu a Helade no agreste Lácio”. Nem sempre a força das armas coincide com a do espírito,

Quando, por volta do século quarto, o grego deixou de ser compreendido pelo povo, a Liturgia da Igreja católica romana, no ocidente, passou a ser em latim, que era então a lingua de toda a gente.

O culto da Igreja não é uma oração isolada, dita pelo sacerdote no altar, enquanto o povo cristão, passivamente, contempla a cena e boceja. Foi a necessidade pastoral de promover uma participação dos fieis na Liturgia que levou a Igreja, no século quarto, a rever a esturra da Missal, e a adotar a lingua então comum, o latim.

Segue-se os longos séculos da Idade Media. A Igreja batiza os bárbaros. Os mosteiros são os centros da cultura. O latim deixa de ser falado, e as novas nações cristas vão, pouco a Pouco, cessando de entender uma liturgia que não acompanha a marcha dos acontecimentos.

Os ritos da Igreja se apegam, então, ao latim, com a mesma força com que os mosteiros se voltam para os textos antigos, copiando-os, recopilando-os, lutando contra o tempo que ameaça apagar e destruir a cultura greco-romana, sem duvida uma culminada na marcha humana.

O povo não compreende mais a Missa nem os sacramentos. Nem entende a lingua que se fala nesses momentos sagrados, nem pode ler traduções, pois o povo de então não sabe ler. Desenvolve-se, a este tempo, toda uma perspectiva visual da Liturgia. A gente não entende. O ouvido não funciona. Mas, resta a Luz da visão. E o Angulo do olhar que vai ser explorado, o altar não é mais a mesa simples do Cenáculo; e toda uma montagem que cresce sempre mais trono de imagens, plataforma de candelabros, canteiro de flores. A mesa desapareceu, juntamente com a intensão de rito.

E o fosso se cavou, cada dia mais, entre um celebrante ilhado numa língua estranha, preso Na torre de um cerimonial incompreensível, e um povo que tenta sair da passividade Durante o culto, através de uma interpretação – simbólica de valor duvidoso, dos diversos momentos da Missa.

A REVIRAVOLTA

A grande mudança no rumo da vida espiritual dos cristãos foi feita por São Pio X. Esse grande Papa, com tantas coisas semelhantes ao sempre lembrado Joao XIII (ambos foram Patriarca, de Veneza, eram gordos e baixos, simples e bondoso, de origem humílma, marcados por um profundo senso pastoral, publicava, a 22 de novembro de 1903, um "Motu próprio", no qual declare: "A fonte primeira e, indispensável do verdadeiro espirito cristão está na participação ativa nos santos mistérios da Liturgia da Igreja'.

Com essa afirmação Serena e firme. São Pio X jogava por terra uma atitude mental em vigor durante séculos. Para essa atitude, a Liturgia era simplesmente cerimonial decorativo do culto católico. Criticando- a o Papa encerrava todo um período de individualismo espiritual, em que as orações de cada um tinham mais importância do que a prece comum, E logo em seguida Sao Pio X convidava as crianças a virem a mesa da Eucaristia, apontando no altar o centro esquecido da vida crise.

O 'Motu próprio' do Papa foi recebido com frieza. O habito de longos séculos não poderia ser rompido de um momento para outro. Mas, os que seguiram Sao Pio X na sua "utopia", foram vendo os frutos coroarem os esforços, como um campo que, pouco a pouco, se cobre de espigas de ouro.

Quando, em novembro de 1947, Pio XII publicou a encíclica "Mediador Dei", através dela apresentou ao mundo, com a chancela pontifícia, uma verdadeira síntese doutrinal do movimento litúrgico. Assim, quase cinquenta ano depois, a mudança de perspectiva, comandada por Sao Pio X, encontrava eco e aprovação categórica a marcha, agora, prosseguiria tranquila, apesar das desistências perdurantes.

O Concilio do Papa Joao XXIII ofereceu aos Padres Conciliares, na primeira sessão, em 1962, um esquema sobre a Liturgia, elaborado por especialistas de vários países.

O esquema era inspirado por um espirito de vanguarda, mas sem nenhuma preocupação de singularidade. Todas as reformas sugeridas por ele, e agora definitivamente aprovada pelo Concilio, se baseiam em fundados motivos teológicos.

A prudência assume, assim, seu verdadeiro sentido. De avançar firme e ponderadamente, e não de imobilizar- se no temor e no culto do passado.

QUAIS AS REFORMAS?

Um ponto estabelecido agora como norma, pelo Concílio, e que é mais importante de que qualquer uma das reformas particulares que foram adotadas, neste ou naquele setor, e a ideia de que a Liturgia e pastoral.

Esta noção implica duas coisas; que os fieis, ao assistir ao culto divino, devem tomar parte nele, de uma maneira viva; e que os Pastores, os Bispos, são os responsáveis pela promoção desta participação.

Concretamente, quais serão os pontos da Liturgia em que a atuação dos fieis vai ser estimuladas, e quais as maneiras de fazer lo?

Tocamos aqui, apenas, nos pontos principais.

Uma renovação importante e que a língua vulgar será a promovida, ao menos parfinalmente, ao papel de língua litúrgica Na Missa, a língua vernácula poderá ser empregada desde o início até o ofertório, e na parte seguinte a comunhão. E ainda poderá ser usada em outros momentos, de acordo com o que for estabelecido para cada nação.

O problema da língua na liturgia se colocara diferentemente, segundo os países. Em alguns lugares, a cultura do povo esta, de certo modo, parte do latim (a Italia, por exemplo), enquanto que, em outras nações, a lingua latina e inteiramente de conhecida ate das elites intelectuais, como acontece no oriente. O princípio do emprego do vernáculo na Liturgia esta adotado. As minucias de sua aplicação ficarão a cargo das Conferencias Episcopais de cada pais, com a aprovação de Roma.

Mudanças NA MISSA

A concelebração, isto e vários sacerdotes, em torno do mesmo altar, celebrando simultaneamente a mesma Missa, sempre e teve em vigor no oriente, mas caiu completamente em desuso, no Ocidente. O Concílio a abade restaura-lo, ocasionalmente. A critério do Bispo local, em alguns e aos restritos, como sejam: sínodos, reuniões de sacerdotes, missas em conventos onde há muitos padres, etc., essa forma de celebração poderá ser praticada.

Um ponto que despertou particular interesse foi a restauração da comunhão sob as duas espécies.

O Concílio não pensou em retomar esse uso, indistintamente, para todos os fiéis com todos os casos. Mas, autorizou o restabelecimento de se rito em ocasiões especiais, que deverão ser definidas pela Santa Se. Esses casos poderiam ser, por exemplo: a ordenação

sacerdotal, a profissão de um religiosa, a missa subsequente ao batismo de adulto.

Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Eucaristia sob as espécies do pão e do vinho, e assim a comunhão foi distribuída aos fieis durante muito tempo. Quando, no século XIII. A Igreja determinou que, no rito latino, os fiéis comungassem somente o pão consagrado e não mais o vinho, dois motivos a conduziram. O primeiro, de ordem teológica, era que quem comunga o pão, não comunga menos do que quem recebe também era o vinho, pois e o mesmo Cristo que está sob outra espécie, O segundo motivo, de ordem pratica, visava a eliminar os inconvenientes da distribuição do vinho consagrado a grandes multidões ...Agora, no Concilio, uma transformação de perspectiva fez com que, novamente, os Bispos desejassem que, no rito latino (pois entre os católicos de rito grego a comunhão sob duas espécies sempre continuou) se restabelecesse, parcialmente, esse costume.

As razoes dessa atitude são duas. A primeira, de ordem pastoral, é que, no clima ecumênico em que vivemos, quando se procuram aplainar os caminhos que nos separam dos nossos irmãos evangélicos, tal medida teria um valor d.C. aproximação e de união. Pois, apesar das declarações do magistério católico, os protestantes continuam a pensar que a Igreja menospreza a comunhão sob duas espécies. A pratica disse rito seria uma prova concreta do contrario.

A segunda razão e de ordem sacramental. É negável que, teologicamente, tanto faz comungar sob uma. Como sob duas espécies Jesus e o mesmo, absolutamente igual, nos dois casos. Mas, simbolicamente, as duas situações são distintas. Cristo instituiu o sacramento sob as aparências de pão e de vinho. O pão e o vinho são as veste. De sua morte. Significam o corpo inanimado e o sangue que correu *no* chão de Calvário. Ora, o Sacramento está na linha do sinal, daquilo que indica algo diferente de si mesmo, e que assim conduz a inteção de uma realidade que ele entre mostra, Deste angulo, a restauração da comunhão sob as duas espécies será um reencontro com a plenitude da riqueza do ritual eucarístico, tal como a Igreja o praticou, nos primeiros tempos.

OUTRAS REFORMAS

A nova orientação da Liturgia estabelece também uma atitude aberta a receptiva a ser adotada para com a arte moderna O cristianismo, intemporal por natureza, não esta ligado a nenhuma forma especial de arte, podendo servir-se, para o louvor de Deus, de todas as expressões artísticas compatíveis com a dignidade do Culto .

Quanto ao Breviário, oração oficial da Igreja, que os sacerdotes tern o dever de recitar diariamente, essas foram as reformas adotadas os pilares da prece oficial dos sacerdotes

serão Laudes e Vésperas, oração da manhã e oração da tarde, Matinas devera ter salmos mais curtos e leituras mais longas, e

Perder seu caráter de oração noturna, de modo a poder ser encaixada em qualquer momento do dia. Prima foi supressa. As outras três horas menores: Tercia, Sexta e Nona continuação a ser rezadas, se são recitadas em corro. Na recitação particular, o sacerdote poderia rezar apenas uma das três horas, e sua escolha.

O DUPLO OLHAR DA IGREJA

São Bernardo gostava de dizer que a Igreja lança, sucessivamente, o seu olhar Para trás e para a frente Inserida no tempo, devendo continuar fiel a fonte donde nasceu: Cristo e os Apóstolos, a Igreja vai em marcha através dos séculos e dos PAÍSES, e sua visão deve também alongar-se pelas dobras dos tempos que estão para chegar.

Nos tempos primitivos da Igreja, foi a lingua vulgar, na Liturgia, que alimentou a fé dos cristãos e dos mártires, ate o heroísmo.

Atualmente, não é so de maneira simbólica que nossa era a um tempo de mártires. Neste instante, em diferentes países, muitos estão presos por causa da fé, e tantos outros, devido a sua fidelidade ao Evangelho, tem bloqueado toda possibilidade de êxito material.

Por outro lado, la onde as dificuldades de ser cristão não chegam até as sombras do cárcere, outras servidões, talvez não menos; pesadas, ameaçam a Igreja. A escravidão da técnica, a obsessão de uma civilização afrodísíaca, a vertigem de uma vida mecanizada, tudo isto estarás para a fé crista, que só criando condições; tão áspera uma vigorosa vida sacramental, em torno do altar, poderá preserva-la.

É por isto que, tanto na fase preparatória do Concilio como na primeira sessão de trabalhos, vozes aflitas, partindo dos quatro cantos da terra, pediram que o Concilio autorizasse uma adaptação do culto cristão a cada povo, para que as nascentes da graça Ilhe sejam mais acessíveis.

Essas vozes se fizeram ouvir, e o Concilio acaba de Ilhes dizer sim.

A Liturgia, a partir de agora, sera, antes de tudo pastoral.

Documento 44

Missa Para Os Homens⁴⁷

Pe. GILSON GARCIA

A grande novidade desta segunda fase do Concílio Vaticano II, será seguramente a seguramente a reforma litúrgica da missa. A maioria dos padres conciliares votaram no sentido de que a literatura da missa fosse participada ativamente e, sobretudo entendida pelo povo.

A Luz de Deus foi transmitida ao homem na humanidade e divindade de Cristo. Cristo diz a Luz Verdadeira que vem a este mundo. “Eu sou a Luz do mundo”. Mas esta luz veio para iluminar a todo homem. “Veio para o que era seu, mas os seus não o reconheceram”. Não há explicação nem sentido a atitude de Deus encarnar-se senão para que os homens o conhecessem. A encarnação é o autêntico testemunho da luz. A luz de Deus é a que ilumina a nossa fé, é a que dinamiza o nosso ser Duma direção vertical o fim de que todos passam gozar da intimidade com as Pessoas Divinas – e uma horizontal, a fim de que todos gozem da caridade para com os semelhantes.

Se a missa é o pivô que nos mostra Deus na sua amizade eterna e a humanidade na sua amizade temporal, todos vistos à luz de Cristo. – “a luz que veio a este mundo”, por que ocultá-lo a fim de que os homens não toquem nem sintam a presença divina e humana daquele que se faz pão a fim de todos percebam melhor a Luz verdadeira que vem ao mundo? Cristo veio ao mundo par que os homens voltassem ao conhecimento de Deus. Por que prorrogar-se o mistério da Luz se ele é alcançado pelo homem no dinamismo litúrgico que é ao mesmo tempo ajuda para que os homens encontrem a face de Deus?

Não haverá sentido a atitude conservadora do latim e de certas cerimônias superadas na liturgia da missa cristo vem para que os homens o conheçam. A missa foi feita exclusivamente para os homens.

Alguém dirá: “a missa é uma coisa tão sagrada que deve ser conservada distante dos homens”. Esta afirmação é um testemunho da falta de conhecimento sobre a Redenção, a Encarnação, enfim, como é também falta de cultura da socialização eclesial vista na mesma perspectiva do Cristo que vem “a este mundo para que todos conheçam o Pai”.

⁴⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 7. Dez. 1963. P. 1.

Como iriam conhecer Deus, se os homens não dialogam com Cristo porque não entendem a sua linguagem e os seus gestos?

É preciso que o véu do tempo se resgue de cima a baixo a fim de que todos caminhem na direção do Cristo em busca do Pai. Cristo se fez homem para os homens. A missa deve ser o Cristo falando com os homens em distâncias, todos unidos no amor que santifica.

Documento 45

O Diaconato⁴⁸

O problema do celibato dos diáconos atraiu realmente a atenção do Concílio e provocou inúmeras intervenções contraditórias e calorosas. Talvez esta insistência seja explicada pelas razões seguintes:

- A imensa maioria dos bispos consideram o celibato do sacerdote como um valor religioso que precisa ser salvaguardado a todo custo, a pesar dos inúmeros dramas individuais e da quantidade de situações irregulares, principalmente em determinados esmos:
- Os padres conciliares eles próprios celibatários não podem imaginar uma mudança da disciplina eclesiástica, mesmo com o exemplo do direito canônico das Igrejas orientais unidas à palavra:
- Admitir o casamento da diocese, para muitos, representa uma coluna na lei do Celibato eclesiástico que, no entanto, nunca foi negado pelos defensores do diácono casado. Seja qual for o resultado do Concílio sobre este ponto, foi extremamente importante o fato de o Vaticano II ter abordado tal assunto. Apresentações, a seguir, algumas das principais intervenções.

“Sobre o problema do diaconato é oportuno fazer uma dupla consideração de ordem doutrinária e de ordem prudencial. Quanto á primeiro, ninguém nega que o discurso seja um surgimento. A segunda (celebração ao sufrágio) supõe que o assunto seja submetido ao sufrágio da assembleia.

D. Giuseppe Carraro bispo de Verano, manifestou-se ser contrário ao casamento do diácono: “O diaconato poderia ser restaurado como grau estável na Igreja, mas com a obrigação de celibato. O diaconato sem o celibato estaria em contraste com a tradição de igreja latina e teia, além disso, muitas desvantagens: O celibato de fato, favorece a liberdade inteiriça e a prática da pobreza: Os diáconos casados estariam numa posição de inferioridade em relação aos membros dos Institutos seculares.

Outro motivo: O diaconato sem o celibato não favoreceria o aumento de vocações para este grau de hierarquia, pois o “minimismo” não astral dos jovens. O problema da falta

⁴⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 7. Dez. 1963. P. 3

de sacerdotes pode ser resolvido como uma distribuição melhor do clero. Como o mundo de hoje se tornou pequeno, não seria conveniente adotar soluções diversas regiões: Diaconato sem celibato, para certos países, e sem celibato para outros.

No entanto, D. Jorge Remerer, bispo da Posadas na Argentina, afirma: “O diaconato sem o celibato constitui em muitas regiões do mundo, uma verdadeira necessidade que pode ser explicada por diversos fatores. Nota-se que o celibato é um carisma que não é concedido a todos. É preciso abrir a porta do diaconato para a solução das grandes necessidades. Ninguém é obrigado a entrar por ela, mas por outro lado não se deve fechá-la”.

A assembleia aplaudiu tala declaração.

Documento 46

O Exemplo Dos Nossos Bispos⁴⁹

Todos aqueles que seguem de perto o Concílio têm a impressão clara de que esta segunda fase, especialmente os acontecimentos dos últimos dias. Então marcados por uma vivência profunda. Isto explica, em grande parte, o ritmo acelerado pelo qual enveredam os trabalhos e a importância de todas intervenções feitas na Aula Conciliar. Não é uma discussão mais ou menos estéril em termo de problemas teóricos.

Praticamente acontece o seguinte: Os Bispos, todos eles homens que deram a vida pelos outros, constataam a ineficiência dos seus esforços, diante de um mundo que se transforma de hora em hora. O Evangelho, a atual estrutura concretada igreja e o mundo moderno são três realidades distintas para a maioria dos homens em vez de serem vivência única e concreta que leva o homem à realização plena de todos os seus ideais. Diante deste impacto formidável que constitui o campo de batalha de nossa geração, os bispos engajaram tudo o que tem, a partir da própria vida para procurar uma resposta. Daí a sociedade e a eficiência que constatamos durante a face atual do Concílio. Em vez de partir de um pressuposto a ser atingido o cristianismo vivido em plenitude parte de uma realidade que existe, que todos nós podemos observar. E nessa perspectiva era forçoso que surgisse uma nova linha: dinâmica, engajada, realista.

Uma perspectiva que está dando os primeiros frutos com as votações até agora efetuadas tais como a concelebração, a língua vulgar na liturgia, pregação, a participação dos fiéis na missa, a comunhão sob as duas espécies. A nova linha já teve reflexos mediatos na ordem pratica. Basta observar o clima de simplicidade que reúne em torno de concílio. O famoso segredo em torno das reuniões dos padres conciliares não passa de uma recomendação que ficará nos anais de uma época que passou: Hoje não é novidade nem causa surpresa ver-se um bispo que caminha pelas ruas da cidade, com o passo acelerado de todos cidadãos, sem qualquer insígnia episcopal que o afaste do povo. Vemos os padres conciliares que participam dos encontros dos jornalistas, que saem aos domingos pela periferia de Roma para ajudar os vigários do ministro paroquial, que entram realmente

⁴⁹ **A Cruzada**, Aracaju, 7. Dez. 1963. P. 3

nos problemas diários da vida moderna. E não se pode pôr em dúvida o valor de tais atitudes. Porque se alguém deu a própria vida, para realizar uma missão resta-lhe como único interesse que desse sacrifício alcance o objetivo, o bem dos homens palavra os quais convive. E esse – além dos aspectos folclóricos e extraordinários – um dos aspectos reais do panorama conciliar na cidade eterna.

Para nós brasileiros é de grande consolo e estímulo o sabermos que os auxílios dos nossos bispos, entre os quais de modo especial D. Helder Câmara, são os propugnadores dessa linha de fraternidade universal e de vivência da realidade.

Documento 47

A Mariologia no Vaticano⁵⁰

Na 55.^a Congregação geral foi levantada a seguinte pergunta: "O esquema sobre Nossa Senhora devesse ou não ser reunido ao de Eclésia?"

É uma questão delicada, quer na Igreja, quer fora dela, principalmente no momento ecumênico atual.

O interesse comum de todos os Bispos é a busca da verdade revelada. Todos querem descobri-la e expressá-la sem aumentá-la em nada ou sem nada omitir. O fim comum é o de compor um texto mariológico conforme as orientações dadas por João XXIII e Paulo VI. Distinguindo o tríplice aspecto seguinte;

a) Aspecto teológico trata-se de fazer ver o lugar da Virgem Maria na obra da Redenção realizada por Cristo, e, em consequência, o lugar da mariologia no conjunto da teologia e o lugar da piedade mariana na vida cristã;

b) Aspecto pastoral — como em todas as outras matérias abordadas no Concílio, não se trata de repetir somente o que foi dito anteriormente, mas sim em encontrar o modo de dizê-lo em função das necessidades do nosso tempo. Maria deveria aparecer sobretudo como o modelo dos fiéis e dos pobres.

c) aspecto ecumênico — certamente a Igreja não tem o direito de calar a verdade Reconhecida como revelada Mas, segundo as orientações de João XXIII e de Paulo VI, deve ajudar os nossos irmãos separados - a compreender exatamente a doutrina católica.

Foram feitas diversas tentativas de redação do esquema, entregues aos Padres, e com a intenção de infletir o texto mariológico no esquema "De Eclésia" Deveram ser estudados os seguintes pontos:

—Elaboração de Maria na obra da salvação;
—sua função mediadora na Igreja, em — relação a função de Cristo, único mediador;
— os títulos que se podem e devem dar a Maria: Corredentora, Medianeira, Mãe da Igreja, etc.,

Tais pontos foram apresentados na Conferência pronunciada na Sala de Imprensa do Concílio por Pe. Gullmeier S.J., Perito conciliar, professor da Faculdade Teológica de

⁵⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 7. Dez. 1963. P. 3

Frankfurt.

Para expor o- muitos pro e contra a proposta de união dos esquemas “de Eclésia e de Beata Maria Virgin” foram escolhidos o Cardeal Rufino Santos, arcebispo de Manila, e o Cardeal

»

Franciscus Koenig, arcebispo de Viena. Falando contra a inclusão do esquema “De beata” no esquema da Igreja, o Cardeal Rufino justificou a sua atitude explicando que a Virgem é mãe da Igreja e por conseguinte está acima da própria Igreja.

Por sua vez, o Cardeal Koenig pronunciou-se a favor da injeção apresentando numerosos argumentos teológicos, e motivos pastorais e históricos.

Na 56ª Congregação Geral, foi distribuído em assembleia um opúsculo contendo os argumentos apresentados pelos cardeais Santos e Koenig.

No dia 29 de outubro, por

Apenas 40 vote* de diferença — 1 114 a favor e 1 074 contra — os padres conciliares decidiram unir o esquema 'de Beata Maria Virgin" ao “de Eclésia”.

O esquema em separado já estava pronto, mas em vista da votação, terá de ser revisto pela comissão teológica para que forme o sexto capítulo do esquema “De Eclésia”

Documento 48

Visão do Universo⁵¹

Cidade Do Vaticano

- Santo Padre Paulo VI desejando seguir a mesma linha episcopal de João XXIII, tem procurado romper pouco a pouco com a mentalidade de que o Papa é um príncipe apenas para dar audiências em sua janela ou em suas salas particulares. E por isto, é que está previsto pra Janeiro próximo uma peregrinação. Para Jerusalém, a cidade donde Cristo deixou a sua igreja, peregrinação esta da qual a figura mais singular entre os outros é a pessoa de Paulo VI.

Cidade Do Vaticano

- Tem repercutido entre os padres conciliares a atuação de D. Helder Câmara. O bispo dos pobres, como muito assim o classificam, vem sugerindo ao episcopado internacional uma campanha no sentido de que a Igreja docente cada vez mais se desfaça de seus bens e de seus objetos duradouros que influenciam na vida pastoral para distanciar o simples cristão do pastor e chefe da comunidade cristã. Os trabalhos de D. Helder têm repercutido de maneira impressionante. Na semana que passou, jornais e revistas de Roma, da Holanda, França e Estados Unidos traziam a tradução exata das palavras do prelado brasileiro confirmando um desejo que deve ser de todos.

Cidade Do Vaticano

- Grande número de padres conciliares solicitou ao Papa Paulo VI uma posição mais clara ainda da Igreja perante o comunismo e marxismo.

Aliás, este não é novidade pois o Santo Padre Paulo VI, tem se mantido dentro de uma linha firme e, como ele mesmo disse logo que subiu ao poder universal da Igreja, não se pode conciliar o erro com a verdade.

Cidade Do Vaticano

⁵¹ **A Cruzada**, Aracaju, 7. Dez. 1963. P. 6

- A segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, teve seu encerramento na manhã do dia quatro passado. 2.500 padres conciliares preencheram a Central da Praça de S. Pedro, além das inúmeras pessoas de todos os países que ocorreram ao Vaticano para ver de perto, a solenidade da missa de encerramento da segunda sessão. Todos os cardeais, arcebispos, bispos, prelados e abades e superiores de todas as congregações religiosas ali se encontravam em torno do Santo padre Paulo VI, a fim de juntamente com os cristãos do mundo inteiro agradecerem as luzes que o Espírito Santo derramou sobre todos eles nesta tarefa para o bem da humanidade.

Documento 49

A Margem Do Concílio⁵²

Especial do Mons. LUCIANO DUARTE

A segunda sessão do Concílio foi encerrada solenemente no dia 4 de dezembro, com a promulgação pelo Papa Paulo VI dos decretos sobre a Liturgia e sobre os meios de comunicação social. A terceira sessão conciliar vai realizar-se em setembro de 1964, terminando antes do fim de novembro, a fim de permitir aos Padres Conciliares, que o desejaram de participar do Congresso Eucarístico Internacional em Bombaim na Índia. Atualmente se prevê que, ao todo o Concílio constará de quatro sessões.

- X -

Na véspera do encerramento da segunda sessão Papa Paulo VI fez ler na Basílica de São Pedro um “Motu próprio”, pelo qual o mesmo concedia em caráter permanente, uma larga série de permissões disciplinares e jurídicas aos Bispos diocesanos do mundo inteiro. Entre outras – a faculdade de autorizar a celebração da santa Missa e a distribuição da comunhão a qualquer hora do dia.

- X -

O esquema conciliar que tratará dos problemas do mundo moderno: subdesenvolvimento, problema da paz, questões levantadas pela ciência diante da fé, et., recebeu, na preparação conciliar, o número 17. Esse esquema, a respeito do qual reina grande expectativa, e que despertava talvez, mais do que todos os outros, a atenção do mundo, será abordado na próxima terceira sessão do Concílio, conforme o Papa declarou ao Cardeal Lercaro, Arcebispo de Bolonha e um dos quatro – moderadores das sessões Conciliares.

- X -

O primeiro leigo católico a participar das sessões do Concílio foi, no ano Sorbonne e membro da Academia de Letras. Na véspera do encerramento da segunda sessão do concílio, a pedido do Papa Paulo VI, seu amigo pessoal, Jean Guitton vem na

⁵² **A Cruzada**, Aracaju, 14. Dez. 1963. P. 1

Basílica, diante dos Padres, um documento belo e forte, em que suas ideias sobre o ecumenismo Jean Guitton participou das “conversas ecumênicas” de Molines, entre Lord Halifar e o Cardeal Mercier, ao alvorecer do movimento pela reunificação dos cristãos.

-x-

Por ordem do Papa, as comissões que se ocupam dos diferentes assentos do Concílio e que compunha de 24 elementos, tiveram seu número aumentado para 30. Na votação para a escola desses membros complementares foram eleitos dois brasileiros: Dom Helder Câmara, para a comissão do apostolado leigo Dom Aloísio Lorscheiter, para a comissão de teologia. Ambos obtiveram mais de mil votos de sufrágios.

-x-

Uma das últimas intervenções da segunda sessão do Concílio foi a do Bispo Mons. Tomasek, da Checoslováquia, que propôs a realização de um Concílio especial entre a igreja católica e a igreja ortodoxa, como por duas vezes já foi feito no passado, para tentar a reunificação entre as duas igrejas, que têm praticamente a mesma fé e que se afastam apenas quanto ao primado de jurisdição da Romana Pontífice. Os ortodoxos consideram todos os Patriarcas em pé de igualdade, mas não ao ponto de reconhecer ao papa, patriarca de Roma, um primado de honra.

-x-

Todos os domingos, ao meio do dia, o Papa Paulo VI, reza o “Angelus” com o passado, o professor Jean Guitton, líder católico francês, mestre na Sô multidão reunida na praça de São Pedro. Antes, diz uma palavra simples e paterna sobre uma ocorrência do dia. No domingo seguinte à morte do Presidente Kennedy, que foi sentida dolosamente e sentidamente, sobre a cruel tragédia. No primeiro domingo de dezembro, seu pensamento se voltou para o problema da paz: olhando o mundo, nós imploramos da Virgem Santíssima sua proteção para que tenhamos a paz. Mais do que nunca a paz é necessária para assegurar as relações entre os homens e as classes sociais. Nós rezamos para que haja uma paz fundada nos princípios de justiça, de humanidade e de caridade.

-X-

Cerca de cento e quinze Bispos brasileiros retornaram ao Brasil, pelo avião da Panair, no dia seguinte ao encerramento da segunda sessão. A viagem de ida e volta a Roma foi oferecida aos Bispos pelo Governo do Brasil.

O Governo da França teve um gesto idêntico, ponto a disposição do Episcopado daquele país um “Caravelle”.

-X-

Concluindo as series conferências de teólogos europeus aos Bispos do Brasil, o Pe. Teilhard de Chardin, apresentando suas grandes linhas, mostrando seu imenso alcance no sentido de apresentar ao mundo de hoje, com uma linguagem que lhe seja acessível, a mensagem cristã.

Documento 50

Paulo VI encerrou a II Sessão Conciliar⁵³

No dia quatro passado o Santo Padre Paulo VI encerrou a segunda sessão do Concílio Vaticano II pronunciando comovente discurso diante de todos os padres conciliares. O Santo Padre fez promulgação oficial da reforma litúrgica para a missa e os sacramentos, documento que entrará em vigor a partir de primeiro de fevereiro próximo. O desejo do Papa é fazer com os cristãos tenham maior vivência por meio da participação do culto. Esta atitude de reformar a liturgia, enfim todo ritual da Igreja Católica, mostra a mentalidade ecumênica que reina entre os padres conciliares, sedendo as formas antiquadas de prestar culto a Deus a fim de que todos caminhem para a unidade. Ademais destas reformas o Santo Padre mostrou simpatia pela reforma do calendário cristão a fim de que tudo seja mais fácil e o caminho de Deus seja aberto para que todos vejam a mesma luz.

⁵³ **A Cruzada**, Aracaju, 14. Dez. 1963. P. 1

Documento 51

Progresso religioso e Reforma litúrgica⁵⁴

No mundo inteiro, a Igreja está preocupada em responder à inquietude religiosa dos homens, amargurados com os próprios tempos em que vivem e a aprofundar o estilo de vida de seus fiéis. Sem sombra de dúvida um dos maiores triunfos do concílio Vaticano II, resultou a nova legislação de liturgia.

O Papa Paulo VI, inculcando as reformas litúrgicas por ele promulgadas e que representam um monumental trabalho do Vaticano II, declarou, numa audiência, concedida à Ação Católica Italiana: - Esta nova legislação sobre culto público e oficial da Igreja é muito importante. Ela merece ser largamente divulgada e comentada. Uma de suas principais características é a participação dos fieis nos ritos que o sacerdote dirige e personifica. É a própria autoridade da Igreja que, suscita e encorajada nova maneira de orar, para maior desenvolvimento de sua missão espiritual. E continua S. Santidade:

“Para compreender este progresso religioso e para reconhecer os seus frutos esperados, deveremos modificar mentalidades habituais que já havíamos fora do naquilo que se refere às cerimônias religiosas e à própria da prática da Religião, sobretudo se cremos que cerimônias não são ritos exteriores e que a prática religiosa exige, apenas, uma assistência passiva e distraída.”

Nova pedagogia

Devemos estar seguros e convencidos de que uma nova pedagogia espiritual nasceu com o Concílio. Esta é a grande realidade, no caso. Cabe-nos, sem hesitar, nos adaptar a esta nova escola e a sustentá-la. Certamente esta situação vai tocar em hábitos que nos são caros e que, talvez, sejam até respeitáveis.

Apelo a confiança

A reforma, porém, exige esforços que nos custarão muito. Devemos, todavia, em dóceis e ter confiança: a nova constituição da Liturgia abra horizontes espirituais e religiosos extraordinários. Ela tem profundidade e autenticidade de unitária, lógica cristã racional,

⁵⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 18. Jul. 1965. P. 2

pureza e riqueza dos elementos culturais e artísticos, assim com conformidade com o caráter e suas necessidades do homem moderno.

É a autoridade da Igreja que nos ensina tudo garante a excelência da Reforma. Trata-se de um esforço pastoral para afirmar a fé e o amor de Jesus Cristo, nas almas.

Documento 52

Movimento Ecumênico⁵⁵

E, segundo ele me revelou, quando me recebe em audiência, em Constantinopla (hoje Istambul, cidade mais importante da Turquia), em novembro passado, era ele quem ia dar o primeiro passo, já tendo combinado sua viagem a Roma, para visitar o Papa João XXIII, reatando assim um diálogo rompido há tanto séculos, quando sobreveio a morte inesperada do bom Papa João.

A gente vê, de repente, que a palavra de Jesus: “*O Espírito sopra onde quer*”, não é simplesmente uma bela imagem poética, mas uma realidade concreta, tecendo nossa vida, influenciando em nossos destinos e em nossas opções. Subitamente, sem que se explique como, em todos os horizontes cristãos, rebenta a inquietação da unidade, e o movimento ecumênico se faz seta surpreendente marcha espiritual, em que cada um procura ver o que lhe falta, para o encontro da plenitude.

A entrada da Igreja ortodoxa na caminhada ecumênica fez derivar, de certo modo, o eixo dos trabalhos, no seio do catolicismo. De um lado, é muito mais fácil a reunificação com eles, pois quase nada, a não ser o primado de jurisdição do Papa sobre todos os cristãos nos separa dos ortodoxos. De outro lado a incessante multiplicação das denominações protestantes, que são, atualmente, cerca de novecentos, no mundo inteiro, cria, entre eles e os católicos, um instante de desalento e de incerteza. A união será, mesmo, possível? Um eminente líder protestante, o professor Oscar Cullman, pastor

⁵⁵ **A Cruzada**, Aracaju, 18. Jul. 1965. P. 4

da Igreja Reformada da França, e professor na Escola de Altos Estudos da Sorbonne, me dizia, num corredor da Basílica de São Pedro, em Roma, durante uma reunião do Concílio, no ano passado:

- “Humanamente, é impossível”

O professor, homem de fé, fazia questão de frisar: “Humanamente”. Porque a Deus nada é impossível, como disse Jesus. E aquilo que nós estamos vendo hoje, há vinte anos atrás não era somente impossível, mas impensável...

Gostaria, agora de concluir estas considerações sem pretensão, refletindo sobre o que nós, em Sergipe, poderíamos fazer, na linha desse movimento ecumênico, em que a cristandade inteira refloresce, como em uma primavera.

É verdade que quanto mais desce, no cone da organização religiosa de uma Igreja, partindo do ápice para a base, mais os contatos de aproximação, entre uma igreja e outra, se tornam difíceis.

É algo análogo ao que se passa na organização dos partidos políticos. As cúpulas nacionais podem entender-se. Mas, os rancores provincianos dificilmente se apagam.

De qualquer forma creio que nós, os católicos, e os protestantes também, de seu lado queremos ser fiéis ao sopro do Espírito de Deus, que, iniludivelmente vai nesta direção, nós devemos trabalhar pelo movimento ecumênico devemos tentar a plantação destas benditas sementes, que germinarão quando Deus quiser.

Algo já se fez, Aracaju, mas muito pouco, a meu ver.

E, no meu ver entender, dois requisitos preliminares se impõem, para que na um clima ecumênico possa surgir, em Sergipe.

O primeiro, seria um esforço de desarmamento dos espíritos. Que ao invés de procurar nossas diferenças, nós e protestantes, começássemos a buscar tudo aquilo que temos em comum, e que nos pode unir.

O segundo requisito, na minha maneira de pensar, seria que cessasse o espírito prosélita, que tenta “converter” e conquistar. Sei que toco, aqui, num terreno extremamente difícil e delicado. E no qual, pelo fato de os católicos serem a grande maioria, no país, eu me coloco numa posição vantajosa.

Mas, o problema é realmente grave, e sem este abaixar do estandartes de conquista, sem essa cessação de atividade proselitista, eu não vejo como mudar a atmosfera espiritual que nos distancia tanto, a nós, católicos e protestantes.

Como poderemos nós sacerdotes católicos, assistir indiferentes a esta tentativa de expansão protestante buscando apurar suas ovelhas justamente no rebanho católico, com os velhos e surradíssimos argumentos de que católico adora imagem, de que Nossa Senhora teve outros filhos, e todo um artesanal de balelas, mil vezes refutadas? Que é que importa, a nós, católicos e protestantes: é conquistas um elemento do setor adversário e trazê-lo para nossos quadros, ou olhar mais longe, na fímbria do horizonte distante, e confiando na força do pedido de Jesus: “Pai, que eles sejam um”, trabalhar para reformar espiritualmente a igreja própria de cada um de nós, para este encontro futuro, impossível aos homens, porém possível a Deus?

Documento 53

Concílio Ecumênico⁵⁶

Pe. Luciano Duarte

Um dos fenômenos espirituais mais impressionantes desta segunda metade do século XX, é o movimento ecumênico. A palavra de origem grega: “ecumênico”, que quer dizer: “referente à toda terra habitada”, é tomada agora, numa acepção especial, querendo dizer: “universal”, mas no que se refere ao cristianismo. Ou, mais claramente: indica o movimento que visa o reencontro das diversas denominações cristãs, a recomposição da unidade que o cristianismo, a religião de Jesus, perdeu, pelos longos caminhos da sua história.

É importante verificar que o movimento ecumênico começou entre os protestantes. No começo do presente século Lord Halifax, (pai do atual diplomata britânico do mesmo nome), se consagrava com um ardor admirável, a promover a aproximação das igrejas, afirmando que a missão da Igreja da Inglaterra (também chamada Anglicana), por ser, entre os protestantes, a que está mais perto da Igreja Católica Romana, era justamente a de ser a ponte, para o contato entre os demais protestantes e Roma.

Lord Halifax encontrou, na Igreja católica, um interlocutor de marca: o Cardeal Mercier, Arcebispo de Malinês- Bruxelas, na Bélgica. As “Conversas de Malinês”, entre um grupo de anglicanos e outro de católicos, são uma espécie de encontro profético, de anúncio do que parece impossível. Uma luz se acende no horizonte, e não é um fogo- fátuo: são as cores da madrugada.

Vieram, depois, os encontros das igrejas protestantes na Holanda, em seguida em Evanston (nos Estados Unidos), e a fundação do Conselho Mundial das Igrejas, que tivera no Cardeal Mercier uma espécie de João Batista, preparando os caminhos do Senhor, acompanhava esses movimentos e congressos com discrição. Ela se fazia representar, simplesmente por observadores.

⁵⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 18. Jul. 1965. P. 8

Um pastor protestante dinamarquês (se não me engano), observou, com uma ponte de malícia, que, como na narrativa da paixão de Jesus, no Evangelho, “Pedro seguia de longe” ...

Foi João XXIII, de santa memória, quem acordou de vez a Igreja Católica, para o problema ecumênico. Entretanto, silenciosamente, e às vezes até rodeados por uma sombra de suspeita, alguns vultos, eminentes por seu saber e autenticidade, trabalhavam pelo ecumenismo, dentro da Igreja de Roma. Para lembrar apenas um nome cito Padre Yves Congar, dominicano, Mestre em Teologia, perito do Concílio, e um dos maiores nomes da teologia católica atual. Durante toda a sua vida, que agora chega aos setenta anos, o Pe. Congar se dedicou ao ecumenismo. Passou anos em Cambridge, na Inglesa, cidadezinha pequenina e encantadora, famosa por sua celebre Universidade, na qual, entre 800 professores, há apenas uns vinte católicos... Na França, na Suíça, na Alemanha, o Pe. Congar multiplicou os seus contatos pessoais e suas conversas teológicas, com os maiores líderes do protestantismo mundial, seus amigos, ali na Basílica de S. Pedro ele, o Padre Congar, sussurrando de si para consigo: “É um milagre”, não pode conter as lágrimas de emoção.

João XXIII deu o toque de avançar, e ele mesmo foi na frente: os observadores não-católicos do Concílio foram tratados como filhos, em quem se deposita toda confiança. Todos os documentos secretos do Concílio, todos os textos ainda em discussão, lhes foram entregues, da mesma forma que aos Bispos, e eles assistiam a todos os debates, vendo a Igreja Católica por dentro, com sua variedade de temperamentos e mentalidades, dentro da unidade de doutrina.

A primeira sessão do Concílio, a Igreja ortodoxa (que se separou de Roma no século XI, e conta com duzentos milhões de fiéis) quase não se faz presente. A última hora, chegaram dois representantes do Patriarcado de Moscou, acompanhados de um “secretário”, que oficialmente funciona como interprete, e na realidade é um funcionário do governo soviético, para acompanhar os passos dos dois delegados do Patriarca Alexis. Mas, o corpo da Igreja ortodoxa, cujo cabeça é Constantinopla, estava ausente.

Para surpresa dos católicos, entretanto, logo em seguida se vinha a saber que, se persistiam, em certos setores, grandes resistências a uma aproximação com Roma, o Patriarca Atenagoras de Constantinopla, lutava, com todas as forças, para conseguir este

contato, e abrir a marcha para a reunificação entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa. Esta luta lhe consumira toda a vida. De seu lado, sem que os católicos soubessem disto, ele vinha trabalhando, como um operário da primeira hora, há cinquenta anos para que esta união se fizesse. “Já temos a unidade de fé, praticamente, (costuma ele dizer); faltamos agora a união”.

Documento 54

Culto aos sábados⁵⁷

Pe. Gilson Garcia

Os primeiros frutos das três sessões conciliares do Vaticano II, quais sôpro befaizejo, aparecem na vida da Igreja como uma dádiva especial para os nossos tempos – quando os homens envelhecidos pelas tradições, recordam apenas o passado de um cristianismo que, em muitos casos, é mais um adjetivo que uma vivência “arraigada e fundada em Cristo”.

A novidade agora para o Brasil como para outros países nas mesmas circunstâncias religiosas é o preceito do culto divino poder ser atendido a começar do meio-dia do sábado ou véspera de um dia santificado.

Como tôda coisa nova, esta determinação da Igreja vem sendo apreciada por muit gente, vem sendo aplaudida por alguns e , por outros, sendo apenas objeto de menosprezo...

Para alguns, poderia parecer que a Igreja está “reconhecendo” a reforma protestante aderindo ao sábado como dia santificado. Para outros entanto, poderia ser necessária uma apreciação sobre o costume eclesial de cultuarmos a Deus aos domingos e não aos sábados, quando Ele preceituou ao sábado.

Ponho aqui um pouco de luz sobre o problema.

Primeiramente o papa paulo VI concedeu ao Brasil e a outros países tal privilégio, para atender as necessidades de muitas comunidades cristas sem igrejas e sem sacerdotes. No Brasil, por exemplo, o número de católicos ultrapassa 6 vezes o número de sacerdotes. Diante disto, aquilo que era obrigatório nos domingos e dias santos, começa agora, sômente para os casos de necessidade, a ser facilitado numa visão pastoral que possibilite mais o nosso encontro com Cristo – Mediador entre Deus e os homens.

Não houve nenhum desvalor ao domingo: apenas o cristão poderá, em casos de necessidade, usar de um privilégio que o põe em dia com suas obrigações diante de Deus. As 24 horas de um domingo ou dia de guarda que comportavam o tempo do preceito

⁵⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 08. ago. 1965. P. 4

católico, foram elasticizadas a começar do meio-dia da véspera, para atender melhor a todos.

Mas, outra posição do problema poderia ser comentada com dados da história e da Bíblia.

No livro do Êxodo, 2, 28... Deus diz: “lembra-te do dia do sábado para santificar” ... e no verso 11 do mesmo capítulo acrescenta: “... mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus”.

Por que a Igreja preferiu então o domingo como “dia do Senhor”? Quê justificativa teríamos para tal preferência?

De início, não saberíamos traduzir, apenas com a palavra sábado, a ideia divina de preceito no que diz respeito ao culto ao Senhor. Aliás, o termo sábado em hebraico não comporta sentido exclusivo e, no caso, Moisés como instrumento vivo da Lei Divina está subjugado a Cristo que não é apenas Mediador senão é palavra de Deus feito carne. Entre Ele e a Lei e Moisés há infinita distância: ele apenas a transmite. Entre Cristo e a Lei Divina há identidade da mesma realidade brotante de Deus. Cristo é a lei viva.

A partir do século V é que temos um documento oficial da Igreja a respeito da missa dominical. No Ano 506, S. Cesário de Ariés preside o Concílio de Agde determinando o preceito dominical como norma cristã de culto prestado a Deus através da missa que é o sacrifício que excede a todo sacrifício.

Em 244, Orígenes escrevera uma carta à Igreja de Cesaréia dizendo que o sábado em nada excede ao domingo e este é realmente o dia do Senhor, o dia da Ressurreição (a Glória de Deus) e o dia em que o Espírito Santo, o Espírito da Verdade se manifestou a todos para que, nêle, todos cressem que o Cristo é o enviado do Pai.

No Ano 107, Santo Ignácio de Antioquia, discípulo de apóstolo João Evangelista, ensina aos cristãos de Magnésia advertindo fortemente contr costumes judaicos e salienta que “para viver-se cristamente é preciso aderir ao domingo” ... e adiante “... porque absurdum este Jesum Christum profari et judaizare”, isto é, é um absurdo professar-se Jesus Cristo e viver-se como judeu.

No século 1º do cristianismo vêm-se [erro da fonte] apóstolos professando o preceito dominical. S. João, no Apocalipse 1, 10, diz que estava na ilha de Pátmos oficiando a palavra de Deus “no dia do Senhor”, no domingo.

Realmente nenhum documento se possui indicando a mudança do sábado para a domingo, o que parece que fôra ensinado pelo próprio Mestre. No espílogo da 1ª carta aos Coríntios S. Paulo indica que o culto, era feito aos domingos. E S. Justino (ano 100 d.C.) escreve em uma de suas cartas que “por instituição do Senhor, a coleta (as orações começavam à tarde do sábado e terminava o culto sagrado com a fração do pão no domingo”. O mesmo se vê comentado por S. Lucas no Ato dos Apóstolos capítulo 20, 7: “... **no primeiro dia da semana** (portanto, o domingo) **ajuntando-se os discípulo para partir o pão Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles...**”

Vê-se então que o costume sabático das sinagogas judaicas, onde se cantavam, oravam e ouviam as leituras da SS. Escritura, ficou unido ao Sacrifício oficial da Igreja, a missa. Os cristãos dos primeiros dias da Igreja, ainda bafejados de judaísmo, começavam o culto aos sábados à tarde com a “liturgia da palavra” e concluíam no domingo com a “liturgia da Eucaristia”, a fração do pão, o sacrifício instituído pelo Cristo.

A Didaké (c. 14, n.1) ensina: “convém que no dia de domingo – dia do Senhor – seja partido o pão e feita a ação de graças... para que o vosso sacrifício seja oferecido pelo mundo”.

Aqui temos presente que o sábado de Moisés deixou, com Cristo, de ter um sentido meramente legal e purificador para ter um sentido pròpriamente teológico-litúrgico, ou seja, o dia do sacrifício, o dia da expiação, o domingo.

A autoridade competente da Igreja pode quando achar necessária, sem demerecer o domingo, alargar o tempo, as horas que, cada povo, a cristandade, preste ao nome de Deus o culto de adoração, oficialmente em comunidade, em nome do universo.

Documento 55

Celibato do Clero⁵⁸

Monsenhor Luciano Cabral Duarte

Um dos problemas internos da Igreja, que o Concílio Ecumênico do Vaticano II está resolvendo discretamente, sem discuti-lo nas sessões oficiais, é a revisão do problema do celibato no clero.

Todos sabem que o celibato obrigatório dos sacerdotes é uma lei de instituição eclesiástica, e que só começou a vigorar, na Igreja Católica do Ocidente, por volta do século VI, depois do Concílio de Elvira, na Espanha.

Os apóstolos, quase todos, tinham sido casados. São Paulo não o foi. Os primeiros Bispos e padres, em geral, o foram. Mas, pouco a pouco, por causa do exemplo do próprio Jesus Cristo, e de São Paulo, e, sem dúvida nenhuma, por inspiração do Espírito Santo, de quem Jesus afirmara: “Ele vos ensinará todas as coisas que não podeis entender agora”, este costume se firmou na Igreja Católica do ocidente.

FRISO: “do ocidente” porque tanto a Igreja católica do oriente, como na Igreja Ortodoxa, que desta depois se separou, o costume que prevaleceu foi outro. Ao lado dos monges, que nunca são casados, há o clero diocesano celibatário, e outros sacerdotes deste mesmo clero, que são homens casados a quem as ordens sacras são conferidas. Isto é: nunca se autoriza o casamento de um sacerdote celibatário, permanecendo o mesmo na função sacra. Mas, se conferem as ordens sacras a homens anteriormente casados. A distinção pode parecer bizantina. (Sem trocadilho). Na realidade não o é. E, de qualquer maneira, esta é a praxe, vigente na Igreja católica do oriente até hoje. Como também no seio da Igreja Ortodoxa.

⁵⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 08. ago. 1965. P. 10

Na Igreja Católica do ocidente (também chamada de rito latino), a prática do celibato sacerdotal trouxe imensos frutos. Esta consagração total do padre ao seu Senhor, está disponibilidade do servo de Deus, desimpedido e livre para ir onde for necessário, são valores religiosos e morais de grande peso que não pode ser levianamente menosprezados.

PODE-SE pensar num São Francisco de Assis que fosse casado? Ou num Santo Inácio de Loyola, casado, ele cavaleiro andante do Evangelho, o fundador da Companhia de Jesus, que imaginava como a milícia do Senhor, a tropa de elite, lutando, em combates espirituais, em batalhas da inteligência e do coração, sob o estandarte de Cristo- Rei?

Isto é verdade. Tanto assim que alguns depoimentos recentes de igrejas que não tem o celibato, como a Igreja Anglicana, e a Igreja Ortodoxa de Moscou, tem elogiado a força que o celibato traz para a Igreja católica do Ocidente.

-O-O-

ENTRETANTO, há também a outra face do problema. Há os sacerdotes católicos que, por circunstâncias as mais diversas, saem da Igreja, ou, como se diz popularmente, “deixam a batina”. (Hoje, com o clergyman, esta expressão já não tem mais sentido...)

Por vezes, é o sacerdote que, ao chegar à sua plena maturidade psíquica, se reconhece incapaz da obrigação de celibato, a que livremente se ligara. É um fato comprovado que a maturidade psicológica vem mais lentamente, ao homem, do que a maturidade física. E esta defasagem, por vezes, é responsável pelo desastre.

Outras vezes, são as condições de solidão, o isolamento do pároco do interior, perdido no sertão, longe dos colegas, seus irmãos de ideal, únicos que, realmente, o entendem. E vem o desanimo, a queda.

Ou então, é o próprio desgosto da vocação abraçada, desgosto, que muitas vezes, vem como consequência de um culpado relaxamento espiritual, com o abandono da oração e do esforço de união com Deus, a fonte em que se alimenta a planta frágil da consagração total ao Senhor.

O FATO é que o problema existe, e em todos os países. Nuns mais, noutros menos. Mas, presente em todos. O que aliás, é lógico e explicável. Não há regra sem exceção. E na

disciplina da Igreja Católica latina não havia, até agora, uma válvula de escape para as exceções.

JOÃO XXIII se opôs a que este assunto fosse ventilado no Concílio. “É tema para ser conversado na sala de jantar, disse ele...

COM a chegada de Paulo VI, o problema renasceu, em Roma. Ele é mesmo, quando Arcebispo de Milão, solicitara ao Papa que uma das providencias do Concílio fosse a solução de tais casos, de padres impropriamente chamados apostatas. Agora, ele, o Cardeal Montini, era o Papa...

E ele, atendendo ao pedido de inúmeros Bispos, está, efetivamente, resolvendo o problema. Já conheço numerosos casos em que os sacerdotes, que tinham deixado o ministério, solicitaram dispensa do celibato, e licença para se casarem na Igreja católica, e o obtiveram. Conheço também, alguns casos de padres, que, sem terem deixado o ministério, chegam à conclusão de não mais poderem suportar o sacrifício do celibato. Eles pediram a Roma dispensa do compromisso de celibato para poderem casar-se, e tal coisa lhes foi concedida.

Em todos os casos, entretanto, vem a advertência de que, jamais tais pessoas poderão voltar ao exercício das funções sacras, nem como diáconos.

PESSOALMENTE, julgo tal solução uma grande providência. Ela permite à Igreja de se libertar de problemas pessoais graves. É recolocar em sua luz verdadeira o celibato, que se consagra o padre a Deus: ele não é uma prisão, onde se entrou por engano, e da qual não se pode mais sair, mas sim a imolação livre e quotidiana, feita pelo sacerdote de Cristo, por amor a Deus e dos homens, através da consagração total de si próprio.

Ainda um motivo pessoal me traz satisfação, ao ver a atitude adotada por Paulo VI. Conforme Dom José Távora, ou Dom Helder Câmara ou Dom Avelar Brandão Vilela podem testemunhar, eu fui o principal redator de um documento que, em dezembro de 1963, foi entregue a Paulo VI, com a assinatura de noventa Arcebispos e Bispos do Brasil, e mais 110 assinaturas de Padres Conciliares (Arcebispos e Bispos), representando desde a Austrália até o Canadá, passando pelo Japão e a Noruega. Neste documento se pedia exatamente o que Paulo VI está, agora concedendo, para o bem da Igreja, e das consciências dos sacerdotes que resolverem deixar o ministério.

Documento 56

Reabertura Do Concílio: Dia 14⁵⁹

VATICANO (FP – AP - CM) – O Papa Paulo VI, dirigindo-se aos bispos do mundo inteiro, face a próxima abertura da última fase do Concílio Ecumênico, disse que “é preciso ser realista e por isto não pretendemos oferecer a solução única e imediata aos graves problemas da dor, da enfermidade, da fome e da guerra. Entretanto, é verdade que há uma expectativa no mundo inteiro, em torno das decisões do concílio e da colação em práticas dessas medidas”.

⁵⁹ **A Cruzada**, Aracaju, 05. set. 1965. P. 1

Documento 57

Concílio Vaticano II em sessão final⁶⁰

Pela quarta vez, mais de 2.000 Bispos de todo o mundo convergirão, neste mês de setembro para a Roma Eterna. Trata-se da Quarta fase do Concílio Vaticano II, que irá até o mês de Dezembro.

O Concílio Vaticano II, sabemos, já não é só um fato que interessa a 500 milhões de católicos e quase outro tanto de cristãos separados. É um fato que vem despertando interesse até em Governos, os mais alheios à fé cristã. Uma multidão de bispos e peritos, inteiramente entrosados nos problemas religiosos, sociais, econômicos e culturais de imensas massas de todas as raças e condições, se reúnem para estudar soluções e traçar linhas altamente humanas e sabiamente atuais, a se integrarem numa Pastoral de âmbito universal.

Diariamente, representantes da imprensa de todo o mundo estarão enviando, às suas nações, os dados mais marcantes do que se passará nas tribunas da nave central da imensa Basílica de São Pedro, transformada em Assembleia dos Bispos.

Muitos problemas apenas esperam a votação dos Padres conciliares e outras assuntos entrarão em longos e acuradas discussões. Novamente os irmãos das igrejas cristãs irão ouvir o grande dialogo da hierarquia católica. Nós católicos esperamos mais uma vez, como nas anteriores, as conclusões e diretivas tão necessárias à vida de nossa fé, no sociedade de nossos dias.

Paulo VI será o ponto de referência humana, para onde todos nós convergiremos nossos olhos, certos de divisarmos a Cristo, o Mestre e Companheiro necessário da caminhada das civilizações.

⁶⁰ **A Cruzada**, Aracaju, 05. set. 1965. P. 8

Para esta grande e duradora assembleia católica, a Comunidade católica de Sergipe envia os seus Pastores. Lá, eles falarão por nós, ouvirão por nós, pensarão por nós. E trarão tudo quanto esperamos do Concílio.

D. José Távora é o nosso grande Embaixador. Como primeira etapa de sua viagem, já partiu sexta- feira para Recife, donde depois seguirá para Roma. Pela sua alma altamente apostólica, ele nos terá presentes, através dos problemas a debater-se e que interessam a nossa mais autêntica renovação católica. A ele desejamos boa viagem, boa permanência e feliz retorno ao nosso meio, para recebermos o que o Concílio nos dará.

Documento 58

O Concílio Da Esperança⁶¹

O Concílio será, sem dúvida alguma, um acontecimento secular, foi o que escreveu um historiador austríaco, antes da Primeira Etapa do Concílio Vaticano Segundo. Já não há quem negue com sinceridade, a veracidade deste Vaticano. O que as três etapas anteriores já realizaram projetos sobejamente a posição luminosa do Concílio Católico do século vinte.

Desde a primeira sessão, em outubro de 1962, assistimos a uma revitalização da igreja em todas as expressões de sua vida pastoral e presencialidade no drama de nossa civilização, escreveu André Malraux, o problema religioso será a questão dominante da humanidade por volta do ano 2000. É sintomático que um existencialista ateu e hoje ex-comunista tenha dado testemunho. Mas é claro que uma civilização, que tanto se enriqueceu das descobertas na ciência para colocar a natureza a serviço do homem, se lembre, enfim de enriquecer também o espírito, nos seus problemas mais transcendênticos. Todo progresso autêntico é progresso para o homem integral. E a igreja se aparelha por seu Concílio, para entender o homem nessa sinuosa caminhada para Deus. A igreja se coloca à beira da estrada por onde todos os homens passarão e que ser o veículo deste “voo espacial” para Deus.

Estamos certos que os Padres Conciliares votam ao Magno Conclave com enormes possibilidades de apresentarem ao mundo uma igreja a altura dos tempos. Em suas documentações, levam as experiências e reflexões de suas dioceses, de seus fiéis, dos homens de suas pátrias. Já habituados do Concílio, falarão com autenticidade e segurança características aliás já bem marcantes nas sessões anteriores.

⁶¹ **A Cruzada**, Aracaju, 12. set. 1965. P. 8

Nunca como em nossa época, a fé precisou tanto de descer aos mais graves problemas humanos. A igreja sabe que tem de viver e de agir em sua Sociedade pluralista, e onde o homem tem múltiplas dificuldades. Destas fixamos apenas algumas.

a) Uma múltipla secularização da civilização que leva o homem bem longe da pátria do espírito; b) a divisão do mundo em blocos com rápido desenvolvimento da técnica militar e concentração do poder, favorecida pela técnica, com o perigo de uma auto escravização; c) a indiferença lança dá à fé cristã por materialismo prático e por uma vida puramente mundana; d) a ameaça por parte do ateísmo militante dos regimes totalitários.

Diante de tudo isso, a igreja vem estabelecendo o caminho de sua autêntica independência, não só quanto à forma de governo, mas quanto a formas de passado de culturas, apresentando-se dinâmica ao homem da civilização dinâmica da era industrial. Em um mundo de contínua mudança, a igreja absorve todos os elementos no tesouro da sabedoria. O Concílio, por isso, não tem cavado nem cavará trincheiras, mas vai tirando obstáculos históricos para a igreja emergir como a conselheira e guia de um mundo que se vai transformando. Para o Concílio que se reabre no próximo dia 14 de setembro em Roma, o Papa Paulo VI, convida todos a oração. O Sumo Pontífice, com 2.500 Bispos, desfilará naquele dia em Procissão de Penitência. Assim é que o Papa quer caminhar para o Magno Conclave, Paulo VI prognosticou que o Concílio terá um efeito maior que o que podemos esperar. Na linguagem do Pontífice, o Concílio volta com a mesma mensagem de Esperança, Amor e Paz, que só Cristo dirige.

O atual Concílio teve uma missão que vai levando até o fim. Um grande preconceito vai desmoronando. O Cristianismo ou a igreja, tem de atualizar-se com o mundo. O Concílio vem se esforçando por substituir-lhe as vestes do passado pelas vestes do nosso tempo, para que o mundo se atualize com o Evangelho. Trata-se apenas de uma troca de linguagem, de uma nova visão das dimensões temporais, enfim, de um esforço recíproco de compreender a ser compreendido, essas ideias é a mesma natureza de condição do “Cristo total”, cuja feição só se acabará no último dia da História.

Neste sentido, a modernidade mais autêntica é de Cristo que precisa ser continuamente redescoberta. A verdadeira modernidade está em oferecer entre os homens, as sólidas bases de qualquer vida. Verdade, Justiça e Amor. A verdadeira modernidade da igreja

está em aperfeiçoar o seu Serviço à Humanidade. E isto o Concílio vem fazendo com destemor e dará mais testemunho na fase que ora começará. Aguardemos.

Documento 59

Concílio debate tema da liberdade religiosa⁶²

CIDADE DO VATICANO- Com uma alocução que formulava veemente apelo aos povos em favor da paz, e deplorando a opressão sofrida pela Igreja nos países da cortina de ferro, o Papa Paulo VI abriu solenemente, na última terça-feira, 4^a.. E última sessão do Concílio Ecumênico. O Sumo Pontífice ressaltou que o maior desejo da Igreja é que a guerra termine e reine a paz e anunciou que irá levar este apelo ansioso perante a assembleia das Nações Unidas.

A sessão foi reaberta com a Basílica de São Pedro repleta de representantes de todos os continentes, sendo: 186 padres conciliares da Europa, 899 da América Latina, 224 da África, 126 da Ásia e 55 da Oceania, além dos assistentes e jornalistas.

LIBERDADE RELIGIOSA

Um dos temas que está provocando ardentes debates, nesta fase inicial da sessão de Concílio é a declaração sobre a Liberdade Religiosa pedida por vários padres. O Cardeal Ritter, dos Estados Unidos, falando na sessão de quinta-feira apoiou o movimento.

O prelado norte americano de St. Louis, disse que compartilha com o cardeal Spellman, de Nova Iorque, com o cardeal Cushing, de Boston e outros, a opinião de que o Concílio deve fazer uma declaração formulando apelo aos governos civis, no sentido de que protejam o direito de cada homem de crer na fé que deseje.

Os bispos conservadores da Itália e da Espanha se opõem à disposição dizendo que uma declaração sobre a liberdade de religião enfraquece a Igreja, mas os que defendem a ideia argumentam dizendo que numa sociedade moderna de fácil comunicação e educação, os homens esperam justamente a mais ampla liberdade para suas vidas. Um dos destacados defensores desta tese é o bispo Emile- Joseph, da Bélgica, autor do relatório de introdução do documento para a secretaria da Unidade Cristã.

⁶² **A Cruzada**, Aracaju, 19. set. 1965. P. 1

ARGUMENTOS

“Os homens de hoje compreendem que tem um direito de liberdade à independência pessoal ou à liberdade com responsabilidade” - diz o relatório. “O homens modernos desejam que esta liberdade encontra sua expressão em numa legislação civil”. A maioria do Concilio parece francamente favorável a declaração.

Documento 60

Paulo VI: Posição Da Igreja Com Os Não Cristãos⁶³

VATICANO (AP – FP – ASA – PRESS – CM)

O Papa Paulo VI sancionou a nova disposição da igreja católica em suas relações com os não cristãos, de acordo com a recente declaração aprovada pelo Concílio Ecumênico e que já entrou em vigor.

Em seu ponto principal, elimina dos textos sagrados a culpa dos judeus pela crucificação de Cristo.

O documento, intitulado Posição da igreja ante os não-cristãos, se refere também as cruzadas, condena a guerra ao islamismo e pede que esse passado sangrento seja esquecido. Ao mencionar o budismo e o bramismo. Diz que os católicos romanos não relegam, em nada, o que é Cristo e sagrado para outras religiões.

A promulgação da Declaração estava prevista para 18 de novembro, mas o Pontífice decidiu, subitamente, desprezar alguns aspectos técnicos e sancionou o novo texto exatamente um mês antes. A Secretária de imprensa da Santa Sé marcou para o dia 28, promulgação de outros documentos importantes do atual Concílio.

⁶³ **A Cruzada**, Aracaju, 24. out. 1965. P. 4

Documento 61

Concílio: Liberdade De Culto⁶⁴

O Concílio Ecumênico já iniciou a votação do esquema sobre Liberdade Religiosa aprovou a esmagadora maioria 2031 votos por apenas 193 contra, o preâmbulo do discutido documento. Este documento, como já é sábio por todos reconhece o direito de cada ser humano de seguir na prática religiosa, adotando o princípio de livre crença.

Os bispos progressistas consideram a questão da liberdade religiosa de tanta importância que ainda prevalece o desejo de que a declaração a respeito constituía um documento separado.

Um dos líderes protestantes que assistem ao Concílio como observador Albert Outler, da universidade Metodista Solina, de Dallas, Texas, disse que considera a declaração sobre liberdade religiosa como o documento mais importante do Concílio.

Os dirigentes protestantes acham que a sua aprovação dará lugar ao surgimento de uma nova era nas relações católico-protestantes, em todo o mundo.

⁶⁴ **A Cruzada**, Aracaju, 31. out. 1965. P. 1

Documento 62

Vaticano II: Igreja Deve Ser Autenticamente Missionária⁶⁵

(Do correspondente de “A CRUZADA” em Roma)

Depois de encerrar as discussões a respeito dos últimos capítulos de esquema sobre a igreja no mundo de hoje, tratando a respeito do progresso da cultura, da vida social e econômica e da promoção da paz, passou o Concílio a debater o esquema sobre “Atividade Missionária da Igreja”.

O assunto já foi discutido no fim do ano passado, mas, diante das numerosas emendas e observações feitas pelos Padres conciliares, a Comissão teve de fazer totalmente o esquema anterior. Especialistas qualificados ajudaram na redução do novo contexto que se apresenta ao exame da assembleia conciliar.

O novo esquema está dividido em cinco categorias e trata, inicialmente, dos fundamentos teológicos da atividade da igreja. Mostra que a atividade missionária visa mais de dois bilhões de homens que ainda não receberam a mensagem da salvação. O trabalho missionário vai desde os preparativos para a evangelização até a formação de autênticas comunidades cristãs que formarão as novas igrejas locais. Um capítulo trata dos missionários e outro da coordenação das atividades missionárias. O último capítulo trata da colaboração missionária do povo de Deus, bispos sacerdotes, religiosos e leigos.

Faz uma frequência especial aos leigos que estão dando ajuda econômica-social aos povos ainda em desenvolvimento. Lembra, também, a urgência e necessidade das Missas, dizendo que a igreja deve ser sempre autenticamente “missionária”.

⁶⁵ **A Cruzada**, Aracaju, 31. out. 1965. P. 4

Documento 63

Concilio Vaticano II Chega ao fim⁶⁶

(Entrevista com D. José Delgado, sobre balanço do Concílio)

O Concílio chega ao fim. As discussões dos esquemas de decretos e declarações estão praticamente encerradas e os trabalhos dos padres conciliares se reduzem a votação dos textos que serão sucessivamente promulgados, até o dia ainda não anunciado (8 de dezembro), o Concílio Ecumênico Vaticano II. É verdade que, além dos padres conciliares os bispos reunidos em Roma são também pastores de dioceses e membros de conferências episcopais. Neste sentido pode dizer-se que os trabalhos do Concílio apenas começam, pois o que interessa ao cristão da rua é que as decisões tomadas em Roma sejam trocadas em moeda de pobre, isto é, sejam concretizadas de modo que ele possa assimilar.

Para os bispos brasileiros, o trabalho de concretização do Concílio já começou. Os problemas do clero, a aplicação do diaconato, sugestões ao Santo Padre sobre a penitência dos cristãos, questões internas à CNBB, são todos temas que absorvem suficientemente o tempo de nossos bispos. Sem falar nas viagens a França e a Alemanha para arrecadação de ideias pastorais, de pessoal missionário e de auxílios materiais.

Para muitos é o momento da reflexão sobre o que foi, o que é o que será este Concílio, fruto de uma inspiração providencial do grande profeta de nossos dias: João XXIII. Nas conversas com bispos, peritos, leigos, podem ouvir-se comentários e previsões que tem muito das condições culturais, das preocupações apostólicas e de alinhamento doutrinário daqueles que os formulam. Um encontro com D. José de Medeiros Delgado, Arcebispo de Fortaleza, deu ao repórter ocasião de registrar alguns aspectos do balanço que S. Excia começa já a fazer do Concílio.

A alma do Vaticano II

Segundo D. Delegado, ninguém poderia peculiar a alma do Vaticano II, se não o fizer ao mesmo tempo com a inteligência e o coração. Assim, disse-nos ele, é com o coração e a

⁶⁶ **A Cruzada**, Aracaju, 21. nov. 1965. P. 5

inteligência que tenho procurando refletir sobre aquilo que constitui a alma deste Concílio para lá descobrir o seu sentido mais profundo, a explicação mesma de sua existência.

No parecer de V. Excla. O presente Concílio nos distancia muito do Tridentino?

Durante as sessões conciliares, eu me concentrava a ouvir duas mil e tantas vezes episcopais. Pra vezes, não raro, dissonantes, que pareciam, por vezes, inimigas refrataras a toda conciliação, sedentas de uma posse exclusiva da luz. Nos momentos de maior excitação, especialmente nas primeiras sessões, eu me sentia transportado ao Concílio de Trento, 400 anos atrás.

Eu tremia ante a lembrança de que cada cânon tridentino, cujo valor é impossível menosprezar, constitui o fruto de lutas renhidas, prolongadas às vezes em torno de uma só palavra. A Igreja defendia-se então contra as heresias e permanecia, a julgar pela voz do padre, numa superfície movediça, escolhendo nas palavras, como quem não possuísse subjetividade a certeza da inefabilidade.

O Concílio Vaticano I tendo sido interrompido, a Igreja viveu até bem pouco no estilo dos cânones tridentinos. Trata-se, sem dúvida, de uma contingência que não diminui em nada a Igreja na sua essência. Mas, não deixa de ser uma contingência desditosa que perpetuou a apresentação de soluções pastorais numa linguagem de tal maneira dogmática e jurídica que o conteúdo da Fé já não era compreendido pelo homem moderno o Vaticano II quer tornar a mensagem de Igreja compreensível ao homem de hoje. E nisso vai com grande distância com relação ao Tridentino.

Qual na opinião de V. Excia o maior mérito do atual Concílio?

Para mim, o ministério central do Vaticano II e o de ter posto em claro o sacerdócio de Cristo. Explico-me. A pretensão reformista do século XVI tentara “aplanar” a graduação hierárquica do sacerdócio que Cristo mesmo estabeleceu pelos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Ordem. De sua parte, os guerrilheiros católicos de Trento, ansiosos por defender a Igreja, como que reduziram o sacerdócio a um monopólio exclusivo dos bispos, dos padres e dos diáconos. O Vaticano II repõe os pontos nos dá, recordando que o sacerdócio de Cristo é o ministério central da Igreja ministério universal e particular, mistério de base e de cúpula, mistério do âmago e da periferia. Com isso, a Igreja homologa o que há mais de 50 anos constitui o esforço admirável de inúmeros teólogos,

pontífices romanos e bispos da Igreja inteira. A fecundidade futura da Igreja dependerá em grande parte da concretização, em extensão universal, do mistério dos sacerdócio de Cristo, sem prejuízo de sua hierarquização.

VIGORANDO O APOSTOLODO DOS LEIGOS

Que indecência terá essa concretização sobre o apostolado dos leigos?

A Ação Católica poderá resolver reviver aqueles grandes horas anteriores às polemicas que se inspiravam, não raro, num espírito egoísta de concorrência. O ecumenismo que o Concílio tanto desenvolvem-: a liberdade, conquistada apesar dos esforços dos medrosos e dos pessimistas a declaração sobre as religiões não cristãs, também ela duramente combatida pelos heróis que se apelidam modestamente de “espinha dorsal”, todos esses temas teriam perdido seu colorido, com prejuízo do exercício do exército desassombrado do Apostolado dos leigos, se não fora a doutrina clara do Sacerdócio dos fiéis. Nós bispos, padres e diáconos não somos mais “latifundiários” das graças do Sacerdócio de Cristo. Acredito que se adotarmos a pastoral de conjunto consciente da renovação sacerdotal de toda a vida cristã, haverá um reflorescimento sem limite de todo tipo de apostolado na Igreja de Deus.

Documento 64

EPISCOPANDO BRASILEIRO RECOMENTA TRIDUO SOLENE DE ORAÇÕES AO ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO⁶⁷

Em manifesto enviado de Roma a todos os sacerdotes e fiéis do Brasil e Episcopado brasileiro reunido na Cidade Eterna faz calorosa exortação no sentido se que o encerramento do Concílio Ecumênico a verificar-se no próximo dia 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição, seja comemorada com grandes solenidades nas igrejas e verdadeiros sentimentos de fé e esperança em todos os lares cristãos. O manifesto recomenda especialmente a realização de um tríduo de solenes orações em todas as Dioceses e Preluzias, igrejas e capelas do Brasil nos dias 6 e 7 de dezembro, a fim de assinalar dignamente a esperança de Cristandade dos frutos do Concílio que é “um novo Pentecostes de renovação e de vida” para a igreja.

O MANIFESTO

Passamos a publicar abaixo a íntegra no Manifesto do Episcopado Brasileiro, enviado Geral Mons. José de Araújo Machado, para que este o divulgue na Arquidiocese de Aracaju.

Diletos Irmãos e Filhos em N. S. Jesus Cristo

Deve ter chegado ou estar chegando e Vossas mãos, através dos vários órgãos de publicidade, a Exortação Apostólica “Postrema Sessio” – do Santo Padre Paulo VI do dia 4 do corrente. Por esse documento o Sumo Pontífice nos aponta as tarefas que cabem à igreja na fase que se segue ao Concílio, afim de que ele atinja a plenitude dos frutos que estão anunciados e que nenhum impedimento venha interpretar o caminho desse novo e caudaloso rio que “alegria a cidade de Deus”. Como diz o próprio Santo Padre em formosa imagem bíblica do salmo 45.

Dos conceitos de toda essa preciosa Exortação nós iremos valer largamente para nossa e vossa orientação nos dias que seguem. Mais desde agora, e daqui de Roma ainda,

⁶⁷ **A Cruzada**, Aracaju, 28. nov. 1965. P. 3

queremos chamar vossa atenção para o urgente pedido de orações que o Santo Padre lança a toda igreja. Esperamos um novo Pentecostes de renovação e de vida, e é preciso que nos unamos na prece, como fizeram os Apóstolos no Cenáculo, em companhia da SS. Virgem Nossa Senhora, nos dias que precederam a vida do Divino Paráclito.

Em consonância, portanto, com o que diz o Santo padre, e além de tudo o que pode ser sugerido pelo fervor individual ou da comunidade, determinamos que em nossas Dioceses e Prelazias se faça, um Tríduo de solenes orações em todas as igrejas e capelas, preferivelmente nos dias 5, 6 e 7 de dezembro. Os Revmos Sacerdotes planejam para cada Diocese ou Paróquia os pormenores do programa dessas solenes súplicas. Mas que não falte nelas a celebração da Santa Missa com as mais belas frutas do Concílio. E que não falte tão pouco a pregação da palavra de Deus, pautada especialmente na Constituição sobre a igreja. Na “*oratio fidelium*” das desse tríduo siga-se o formulário que indicamos abaixo.

Após o tríduo de orações, seja a festa da Imaculada Conceição celebrada com um sentido de universal ação de graças pelos benefícios do Concílio que nesse dia terá seu solene encerramento. Nesse dia e nessa hora histórica da igreja, todos juntos, Pastores e fiéis em união com o Santo Padre, elevemos a Deus nossas súplicas valorizadas pela intercessão da Mãe amantíssima da igreja a Imaculada Virgem Maria, afim de que o Concílio represente realmente para o mundo uma aurora de vida e de graça pela luz do Concílio e pela presença da igreja.

Roma, 10 de novembro de 1905.

(a) José Vicente Távora para Arquidiocese de Aracaju.

Documento 65

Quarta-Feira Encerramento Do Concílio Ecumênico⁶⁸

CIDADE DO VATICANO

A assembleia conciliar reiniciou-se no dia 1 do corrente, seus trabalhos depois de uma interrupção de 11 dias. Além das sessões de trabalhos realizados mais uma hoje e outra amanhã, dia 6 antes do encerramento solene que está marcado para o dia 8, quarta-feira próxima, em assembleia magna mundial, que passará à História.

Nessas sessões estão sendo aprovadas em última discussão os três esquemas que tratam respectivamente dos problemas do mundo moderno paz, família, ateísmo, etc., das missões e dos sacerdotes.

A 7 de dezembro estes três decretos serão promulgados no transcurso de uma sessão pública, presidida pelo Santo Padre o Papa Paulo VI.

A cerimônia de encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II, se efetuará, por fim, no dia 8, festa da Imaculada Conceição na Praça de São Pedro, ao ar livre, se o tempo permitir.

⁶⁸ **A Cruzada**, Aracaju, 05. dez. 1965. P. 1